

PCP propõe Bloco Democrático

A constituição de um Bloco Democrático partindo da «aproximação e do entendimento entre democratas das mais variadas tendências, designadamente comunistas e socialistas», foi ontem defendida pelo secretário-geral do Partido Comunista Português, Álvaro Cunhal, durante uma conferência de imprensa destinada a apresentar o documento elaborado na véspera pelo Comité Central do seu partido e intitulado «Dez pontos-programa: por uma Política Democrática e Patriótica».

Álvaro Cunhal falou dos perigos que o povo português e o regime democrático defrontam, classificando-os em duas direcções: «a política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista do Governo PS-CDS, e as actividades desestabilizadoras, conspiratórias e golpistas das forças fascistas e fascizantes, actualmente polarizadas em torno da coligação MIRN-Kaúlza-PSD-Sã Carneiro».

Para a concretização do Bloco Democrático para cuja formação o PCP apela foi elaborada uma base de 10 pontos em que se fala do respeito e defesa das instituições e do regime democrático, da garantia do exercício das liberdades, da unidade e integridade nacional, da manutenção dos limites entre as várias formações económicas, da mobilização de recursos e energias nacionais, da austeridade e poupança de recursos, da defesa e melhoria



Cunhal durante a conferência de imprensa

de vida dos trabalhadores, da reforma do ensino, da unidade das FA e da diversificação das relações externas.

Pág. 2

EM VÉSPERAS DA CONFERÊNCIA DA OIT

Função Pública bate-se pelo direito à negociação

Os trabalhadores da Função Pública poderão encetar novas formas de luta se até ao fim desta semana o Governo não marcar um calendário de reuniões para debater com os Sindicatos do sector a proposta de lei governamental sobre direitos colectivos, a entregar na Assembleia da República ainda durante a actual legislatura, ou seja até 15 de Junho próximo.

A proposta de lei dos Direitos Colectivos (parcela da Lei das Bases) contempla os mecanismos de negociação colectiva, matéria de interesse fundamental para os trabalhadores da Função Pública, aos quais, depois de duas greves em menos de um mês (10 de Março e 6 de Abril), o Governo reconheceu o direito à contratação colectiva.

Estas informações foram divulgadas hoje de manhã por dirigentes sindicais no Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul. Os dirigentes acentuaram o facto de o secretário de Estado

da Administração Pública ter assumido perante os Sindicatos, o compromisso de elaborar o calendário de reuniões até ao fim da semana passada, o que não aconteceu.

Os dirigentes sindicais sublinharam que a matéria, além de ser de capital importância a nível nacional, o é também a nível internacional, porquanto a Conferência Anual da OIT, que decorre em Genebra, de 7 a 28 de Junho, se debruçará, à semelhança do que aconteceu no ano passado, sobre a Função Pública. Os trabalhadores portugueses estarão representados na conferência por um elemento do Sindicato da Zona Sul e outro do STAL.

Os dirigentes deram também a conhecer a posição dos Sindicatos sobre as propostas de lei concernentes à Função Pública, aprovadas em Conselho de Ministros e relativas a remunerações, chefias e correcção de anomalias. Consideram os Sindicatos que, graças

Continua na pág. 20

CGTP pronuncia-se já esta tarde sobre o Serviço Nacional de Saúde

Será já conhecida ao fim da tarde de hoje, pelas 18 horas, a posição final da CGTP-IN sobre o anteprojecto das Bases do Serviço Nacional de Saúde. Esta manhã reuniu-se o Conselho Geral da CGTP para elaborar o comunicado sobre a posição a adoptar; esta questão constituiu, aliás, o primeiro ponto da ordem de trabalhos. O segundo ponto da reunião foi a apreciação, pelo Conselho Geral, da posição política do Movimento Sindical Unitário sobre uma política de Saúde para os trabalhadores portugueses.

A posição de CGTP-IN, que já se reuniu com o ministro dos Assuntos Sociais e secretário de Estado da Saúde, tem sido de «apoio crítico» ao documento ainda em discussão.

Em contraponto com os ataques violentos da Or-



dem dos Médicos, organizações de trabalhadores e entidades ligadas ao Serviço de Saúde (como em Beja) já deram o seu aval ao SNS. Uma nota discordante apareceu ontem na última Assembleia Municipal de Faro, quando representantes do PSD e alguns do PS se recusaram a discutir o Serviço Nacional

de Saúde, chegando mesmo um ex-militante socialista médico a utilizar a expressão do presidente da Ordem ao classificar o documento de «irrealista, demagógico e fraudulento».

A discussão do projecto do Serviço Nacional de Saúde prossegue. A primeira crise no Governo PS-CDS, segundo foi divul-

gado, terá sido criada por este documento, já que o CDS defende a «medicina convencional», tão do agrado dos actuais dirigentes da Ordem dos Médicos, enquanto o aparelho do PS apoia o anteprojecto do ministro Arnaut.

O prazo para a discussão do SNS, que deveria ter terminado ontem, voltou a ser adiado, permitindo assim uma discussão mais generalizada. Assim, o próprio ministro dos Assuntos Sociais e secretário de Estado da Saúde, já aceitaram o convite para estarem presentes no colóquio-debate no próximo dia 2 sobre o Serviço Nacional de Saúde, em Coimbra, promovido pela Comissão de Curso do 6.º ano da Faculdade de Medicina e Direcção-Geral da Associação Académica.

(Mais noticiário pág. 9).

RESULTADOS DAS ELEIÇÕES COMUNAIS NA ITÁLIA

Considerável avanço da Democracia Cristã

Cognominada por Patrick Meney, da France Press, como «Partido Mártir», a Democracia Cristã italiana da qual Aldo Moro era presidente, foi a folgada vencedora das eleições comunais realizadas na Itália no domingo e ontem. Os resultados de 816 municípios e de dois governos provinciais centrais revelaram uma acentuada ascensão da DC e um desaire para o PCI, o segundo maior partido do país. Enquanto os democratas-cristãos aumentaram os seus votos numa média de mais de cinco por cento em relação às eleições legislativas de 1976, (38 por cento) os comunistas, que haviam conseguido importantes e firmes avanços em direcção ao Poder,

obtiveram pequenos ganhos nas comunais, mas alcançaram um resultado muito inferior aos que foram expressos nas últimas eleições legislativas (34,4 por cento).

Os resultados definitivos são os seguintes: Democracia Cristã, 42,5 por cento; Partido Comunista 26,5 por cento; Partido Socialista, 13,3; Partido Social-democrata, 4,8; Movimento Social Italiano (neofascista) 4,5; Partido Republicano, 3,2; Partido Liberal, 1,4; Democracia Nacional, 0,6; Partido da Unidade Proletária, 0,1; outras formações 2,6. A afluência foi excepcional: 92 por cento, o que equivale a quase 4 milhões de eleitores numa população de

40 milhões de pessoas.

«É o voto da emoção», exclamaram os comunistas ao ouvirem os primeiros resultados. Entretanto, para alguns observadores, este recuo numa eleição parcial poderá também reflectir o «mal estar das bases», que terá aparecido desde que o PCI entrou na maioria governamental. Para a DC, a sua vitória é encarada como um voto de confiança na atitude intransigente do Governo diante das ameaças das Brigadas Vermelhas que acabaram por se concretizar: «É uma urna de votos contra uma arma de fogo», disse Clelio Darida, antigo presidente do município de Roma e actual subsecretário do Interior.

Como curiosidade refira-se que a DC aumentou substancialmente os seus votos em Bari, cidade que Aldo Moro representou no Parlamento durante 30 anos, mas na sua terra natal, a vila de Maglie, os comunistas obtiveram uma espectacular subida. Nas províncias centrais de Pavia e Viterbo a DC também conseguiu aumentar as suas votações em relação a pleitos anteriores, particularmente na segunda.

Consequências políticas? Ainda é um tanto cedo para extrai-las. Em Roma acredita-se que a colaboração entre a DC e o PCI (a linha Moro, que não chega a ser o «compromisso histórico» desejado

Continua na pág. 20



HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

«Os democratas chilenos estão prontos a assumir o Poder», afirmou-nos Carlos Parra, numa entrevista concedida ao «DL» e que constitui um dos temas importantes do nosso suplemento de hoje. O «Exclusivo» contém ainda artigos sobre o Líbano, Panamá, etc., além de um estudo sobre o problema das fronteiras em África e outros assuntos de actualidade internacional.

Washington vai vender caças ao Egipto e Arábia Saudita

Pág. 12

FLNC avança no Zaire

Pág. 13

Exército ocupa Teerão

Pág. 13

post-scriptum

Planear o desporto escolar em termos de saúde

1. O trabalho realizado pela equipa do Centro de Saúde Escolar de Lisboa, de há cerca de três anos a esta parte, pode considerar-se em níveis de promoção de saúde e prevenção, de grande qualidade. Para isso contribuiu a presença na orientação desse trabalho de um profissional plenamente credenciado, Emílio Salgueiro, e agora (não) estranhamente afastado das funções que vinha desempenhando.

2. Estamos, em Portugal, pouco habituados (e disso nos ressentimos) a que surja alguém com capacidade para desenvolver um plano de trabalho que demonstre e possa aquilatar de resultados a médio prazo, que seja concordante na sua perspectiva realista e que possa, simultaneamente, dar respostas imediatas em sectores determinados.

Estamos muito menos habituados, quando isso acontece, a aceitá-lo.

Tudo isto se depreende do artigo do «Diário de Lisboa» datado de 21 de Abril e intitulado «Para onde vai a Medicina Pedagógica?».

3. Uma equipa de técnicos, solidária com uma certa orientação, executa, desenvolve, publica relatórios e trabalha um campo de promoção da saúde escolar, tentando estabelecer progressivamente as alterações ecológicas que vão surgindo, sistematizar um programa a médio prazo de avaliação dessas alterações, fazer, enfim, aquilo que se chama em Saúde Pública, um trabalho em profundidade.

Mas, como nos sonhos, é demasiado.

Um grupo de pessoas que trabalha e tenta responder, actuante, aos aspectos fundamentais de uma investigação ecológica e de aplicação de uma metodologia epidemiológica para uma população em crescimento (ou seja, o futuro deste País) não deve continuar. A competência não é de facto uma característica nossa!

Por isso, uma alternativa. Destruir a competência montando um processo. Processo que tem uma palavra de ordem: somos, apenas, um País de desportistas!

Nada mais sério de que encarar o desporto em termos de saúde!

Mas saúde é diferente do que querer fazer dos portugueses oito milhões de recordistas mundiais e/ou olímpicos, apenas!

Saúde não é a montagem de uma estrutura que permita ultrapassar (a alguns) os 2,33 metros em altura; é assegurar depois o aproveitamento das potencialidades que permitiram este facto, a sua vida futura.

Não importa muito que sejamos campeões mundiais de futebol em mil novecentos e oitenta e tal e que poucos anos depois, esses homens sejam incapazes, infelizes, sem futuro.

4. Não interessa de facto, como pretende a linha «nova» da Medicina Pedagógica, seleccionar seres fisicamente competitivos, de bom rendimento muscular, se não os acompanharmos da avaliação da sua capacidade intelectual, das possibilidades do seu desenvolvimento em termos de adaptação, ao fim e ao cabo, do seu futuro e do nosso futuro. E como se com uma nova «ficha sanitária» nos preocupássemos em que os jovens corram, saltem, nadem, mas que, sobretudo, não pensem.

Como surge assim a implantação de uma «nova» Medicina Pedagógica e a aplicação da «nova» ficha sanitária?

É mais simples do que se julga. Retira-se um homem competente, retirando-se ao mesmo tempo o programa que coordenava e que um grupo desenvolvia, e nomeia-se um conselheiro Costa que irá superintender ao novo estilo.

Está salva a pátria e só é pena que não possamos contar com as ex-colónias!...

Destroi-se tudo e morre-se de novo. Voltamos pois, atrás.

5. Mas acontece que aconteceu alguma coisa neste País. E legitimamente esperamos que os responsáveis pela nossa Educação e Saúde, seja em que termos Educação e Saúde forem abordados, não admitam — porque estão atentos — o assalto criminoso à sua população mais jovem.

O que se pede aos que estão legitimados nos cargos que exercem, é que leiam os relatórios de actividades dos sectores que dirigem.

Que entre os almoços, se debruçam sobre, por exemplo, fichas sanitárias. E que concluem.

Em Saúde Pública o saneamento é um princípio básico e fundamental. Substituir a competência pela incompetência é um desastre ecológico. Para um País que faz um esforço de renascer. Para um País que joga o seu presente e o seu futuro.

6. Fala-se hoje muito em desestabilizar. Este processo a que nos vimos referindo é um exemplo claro. Temos a obrigação de defender as frágeis estruturas que são o nosso suporte. Nem nós, nem os governantes eleitos, podem alterar as linhas do progresso. Se as alterarem serão, seguramente, os responsáveis.

António Terrinha
— LISBOA

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.



Jorge Araújo, Aurélio Santos, Álvaro Cunhal e Joaquim Gomes durante a conferência de Imprensa no Centro de Trabalho da Avenida da Liberdade

Dez pontos-programa como base para novo Bloco Democrático

— propõe o PCP em resposta aos “dois perigos” com que se defronta a democracia portuguesa

«O povo português e o regime democrático defrontam dois perigos fundamentais: a política de recuperação capitalista, latifundista e imperialista do Governo PS-CDS e as actividades desestabilizadoras, conspiratórias e golpistas das forças fascistas e fascizantes, actualmente polarizadas em torno da coligação MIRN-Kaúlza-PSD-Sá Carneiro» — afirmou ontem Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português, durante a conferência de Imprensa que, ao fim da tarde, teve lugar na sede daquele partido numa das salas do antigo Hotel Vitória, em Lisboa.

Com base no documento elaborado na reunião plenária do Comité Central de 14 do corrente sob o tema «Por uma política democrática e patriótica» e do qual já demos notícia, o secretário-geral do PCP diria também que «a análise dos factos, a evolução económica e os dados relativos aos primeiros meses do ano corrente mostram, sem possibilidade de contestação, que a política de recuperação capitalista não conduz à solução mas ao agravamento dos problemas económicos e financeiros».

Citando o referido documento do CC do PCP, Álvaro Cunhal exporia: «Considerando que os limites dos partidos deixaram de coincidir com os limites dos interesses de classe e com os limites das alianças, os comunistas propõem o diálogo, a aproximação e o entendimento de democratas das mais variadas tendências, designadamente de comunistas e socialistas, com a perspectiva da formação de um Bloco Democrático e Patriótico, que crie as condições de uma alternativa democrática para a política actual e para o Governo actual».

Recordando que o PCP tem vindo a reclamar insistentemente «sérias correcções à política do Governo» adiantaria Álvaro Cunhal: «Com o pretexto de saída da crise, o Governo, ao mesmo tempo que continua a fazer escandalosas concessões aos grandes capitalistas, exige sacrifícios insustentáveis aos trabalhadores e ao povo em geral. O aumento do custo de vida condena grande parte da população à miséria. Cresce o número de desempre-

gados. As classes médias (pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, intelectuais, técnicos, etc.), são também atingidos».

MAIS 300 MIL DESEMPREGADOS?

Não contestando, embora, a necessidade de créditos externos, Álvaro Cunhal, sintetizaria assim a ideia do seu Partido acerca do empréstimo do Fundo Monetário Internacional (FMI): «Os acordos com o FMI significam uma capitulação ante o imperialismo e a adopção de uma política completamente contrária àquela que seria necessária para sair da crise. Portugal ficará cada vez mais endividado, hipotecado, sujeito às pressões e exigências externas e impossibilitado de mobilizar os seus próprios recursos para edificar uma economia nacional próspera e independente e assegurar o bem-estar do povo português». E acrescentaria o secretário-geral do PCP: «Se forem realizados todos os acordos com o FMI, já há quem fale em que a taxa de desemprego em Portugal aumentará de forma assustadora: mais uns 300 mil desempregados».

«O PCP», disse ainda Álvaro Cunhal, «reclama igualmente medidas sérias contra as actividades fascistas, contra o terrorismo, o separatismo, a conspiração e a revanche neocolonialista».

OS DEZ PONTOS-PROGRAMA

Em seguida e com vistas a preparar as condições para uma alternativa democrática

para a política actual e para o actual Governo, Álvaro Cunhal revelou os dez pontos essenciais da plataforma que o PCP agora propõe às forças democráticas e ao povo português e que são os seguintes:

1 — Respeito, defesa e estabilidade das instituições democráticas e do regime democrático consagrado na Constituição.

2 — Garantia efectiva do exercício das liberdades e direitos dos cidadãos em todo o território nacional.

3 — Defesa intransigente da unidade nacional e da integridade territorial.

4 — Manutenção, sem alterações, dos limites entre as várias formações económicas.

5 — Mobilização dos recursos e energias nacionais para a saída da crise.

6 — Austeridade e poupança de recursos.

7 — Defesa e melhoria do nível de vida dos trabalhadores e das classes e camadas

médias.

8 — Reforma do ensino para a democracia e o progresso social e promoção de uma política cultural ao serviço do povo.

9 — Unidade das forças armadas e estabilidade militar.

10 — Diversificação das relações externas de amizade e cooperação com todos os países e povos.

Aditaria o secretário-geral do PCP que «estes dez pontos-programa sintetizam as direcções fundamentais duma política nacional capaz de unir democratas e patriotas e de mobilizar as energias populares para salvar Portugal do desastre, resolver os problemas, prosseguir o regime democrático e assegurar a independência nacional».

Em seguida, Álvaro Cunhal travou com os muitos jornalistas presentes, quer portugueses, quer estrangeiros, um vivo diálogo sobre estes «Dez-Pontos-Programa — Por Uma Política Democrática e Patriótica».



mercado de férias 78

MADEIRA	— 8 dias — desde	3.490\$00
ACORES/ACORES E MADEIRA	— 8 dias —	5.490\$00
COSTA DEL SOL	— 8 dias —	3.400\$00
PALMA MAIORCA	— 8 dias —	5.950\$00
BENIDORM	— 8 dias —	6.850\$00
CANARIAS	— 8 dias —	8.820\$00
MARROCOS	— 3 dias —	3.150\$00
LONDRES/LONDRES E ESCOCIA	— 8 dias —	9.350\$00
HOLANDA/HOLANDA E INGLATERRA	— 7 dias —	8.180\$00
PAISES DO LESTE	— 8 dias —	10.500\$00
ITALIA/CIRCUITO ITALIANO	— 8 dias —	10.950\$00
BELGICA/HOLANDA E PARIS	— 7 dias —	13.900\$00
GRECIA/GRECIA E TURQUIA	— 8 dias —	14.700\$00
ITALIA E JUGOSLAVIA	— 8 dias —	13.990\$00
ESCANADIAVIA	— 8 dias —	13.450\$00
TERRA SANTA	— 7 dias —	17.450\$00

Transporte, estadia e taxas incluídas.
Temos mais programas de férias

HOTELCAR AGÊNCIA DE VIAGENS
LISBOA — Av. da Liberdade 107 Telef. 369045/6 - 363178/9 - 371755/6/7/8
FARO — Rua Baptista Lopes 58 Telef. 25117 - 25312

ponto a ponto

Encontra-se desde ontem em Bruxelas o ministro da Defesa Nacional, coronel Firmino Miguel. Na capital belga juntamente com os restantes ministros da Defesa dos países membros da estrutura militar da NATO participará na reunião bianual do chamado «eurogrupo». Na ordem de trabalhos desta sessão destacam-se um programa de melhoramentos a longo prazo da defesa e a compra de 18 «Boeing» funcionando como radares voadores que custará cerca de 1,9 mil milhões de dólares aos países membros.



Suscitou alguma expectativa a inesperada interrupção da visita que o comandante Almeida e Costa, presidente da Comissão Consultiva para os Assuntos das Regiões Autónomas, vinha efectuando aos Açores. Almeida e Costa regressou a Lisboa depois de uma deslocação a título particular à ilha de Santa Maria e precisamente no dia em que era esperado em Ponta Delgada para estabelecer contactos com o Governo Regional. Uma primeira informação divulgada pela ANOP dizia que a inesperada interrupção se prendeu com «motivos de ordem oficial». Mais tarde a mesma agência dizia que se deveu «a deficiências de programação no calendário da sua visita».



Aventa-se a hipótese do coronel Rocha Vieira, em foco numa recente «convulsão» político-militar, vir a ser nomeado representante militar português no SHAPE, departamento da NATO sediado em Bruxelas. A notícia não obteve ainda confirmação oficial mas, caso venha a concretizar-se, significará que o antigo chefe do Estado-Maior do Exército substituirá naquele cargo o coronel Luís Correia da Cruz, que o exercia em acumulação com outras funções na Embaixada de Portugal junto da NATO.



O major Vitor Alves, conselheiro da Revolução, regressou ontem do Canadá onde se deslocou na sua qualidade de presidente da Comissão Organizadora do Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas. Em Toronto, Vitor Alves assistiu à implantação de uma réplica do padrão colocado em 1482 pelo navegador Diogo Cão no Cabo de Santa Maria, em Angola. A cerimónia integrou-se nas comemorações do XXV aniversário da comunidade portuguesa no Canadá.



Mota Amaral, presidente do Governo Regional dos Açores, visitará a Madeira na segunda quinzena de Junho, informa o Governo Regional madeirense. A visita encontra-se a ser planeada há algum tempo e destina-se a «acertar agulhas» entre os dois Governos Regionais cujos problemas em relação ao Governo Central são conhecidos. Mota Amaral, que tem estado em Lisboa, regressou entretanto ao fim da manhã de hoje aos Açores, esperando-se que volte à capital no dia 1 de Junho para uma reunião com o Primeiro-Ministro.

FOLHETIM ARTISTICO

JOSE AUGUSTO FRANÇA

LIBERDADE COR DE DEPUTADO

«Liberdade cor de homem» é uma frase de André Breton, poeta francês que conduziu durante muitos anos em duas gerações os destinos do surrealismo internacional. Quer dizer exactamente o que diz — e é matéria de ética, como não podia deixar de ser e tudo é. E também, no domínio do surrealismo, matéria de literatura e de arte. Ainda bem, porque isso me permite escrever este folhetim que nestes campos quer sempre ficar — embora, não só, como parece evidente, e é. O que quer igualmente dizer que tem que ver com a política, talvez com um «p» maior e mais digno do que é costume.

Mas tem que ver com política de certa maneira que não está ao alcance de toda a gente, e não sofre leituras e interpretações por de mais imediatas, simplistas, ou estúpidas.

A liberdade é cor de homem, porque ele não tem outra possível e a cor está na sua própria forma moral e física, no seu comportamento, como, de antemão, no seu projecto — e no seu sonho profundo. Está, por outras palavras, no seu destino.

Ora, no dia 25 de Abril de 1978, pelas 13 horas e 10 minutos, um senhor deputado de um dos partidos existentes, falando em nome do seu grupo parlamentar, citou Breton e a sua frase.

Não interessa o nome do citador, não dei por ele, não sei quem seja, nem de modo algum me interessa sabê-lo. Digamos que não existe para além da citação que fez — e só esta tem efeito para o folhe-

tim. Negativamente embora. Mas talvez com utilidade, porque há sempre que dar o seu a seu dono, e entre os cidadãos e os citados há muitas vezes um grande abismo de categoria, como se constata entre os alhos e os bugalhos, que não servem para a mesma coisa, e tendem a alimentar espécies zoológicas diferentes.

A abusiva citação do senhor deputado entrou-me pela casa dentro em manhã comemorativa com a indiscreta desfaçatez com que a rádio me oferece coisas semelhantes, quando, por preguiça, me desprecato e não ligo para a música. Vinha a propósito, como parece impossível, do 25 de Abril — e logo continuava com a interpretação: que sim senhor, «o homem tinha a liberdade de ter a cor política que entendesse».

Longe de mim a ideia de contrariar nisto o senhor deputado, mas para dizer o que queria comemorativamente afirmar, ele não precisava de citar André Breton. Antes pelo contrário — porque tão pascácia é a interpretação que não sei em que partido com assento parlamentar ela poderá caber.

Pascácia mas não só. Para além do jeito de conselheiro Acácio dado à citação, corrigida aqui por um oportuno intelecto «de esquerda», espregueia uma insensibilidade moral muito mais perigosa. Porque não se cita impunemente André Breton.

Em outros tempos, um outro senhor deputado, citou na Assembleia Nacional e a propósito de heróicos mortos a que convidava a juventude nacionalista, o Cambronne em Wa-

terloo. (Guardo há muitos anos o recorte e não me desfaço dele...). Não se lembrou o sujeito, que me recorde ser coronel e já deve ter falecido, da própria frase de Cambronne que, por falsa que seja (mas não deve ser), não é menos verdadeira ou bem aplicada; senão teria tido tempo na língua. O senhor deputado de agora, no seu arrogo democrático, não se lembrou também de muita coisa que o nome do citado Breton cobre ou exige; ou também na língua teria tido tempo.

Cambronne, ao dizer o que disse não pensou com certeza na eventualidade de existir algum dia um deputado nacionalista em Portugal capaz de o recordar e no próprio sítio da frase controversa. Breton também não, com certeza, em relação ao seu próprio deputado citador. Ou ambos se teriam reunido no mesmo comentário — que não falaria já de liberdade mas da outra coisa, identicamente bem aplicada.

Não parece ser a Assembleia da República local apropriado para citações literárias, de boas ou más leituras: os senhores deputados têm com certeza mais que fazer e para fazer outra coisa são provavelmente eleitor. Mas façam embora citações, por desfastio e calinada — que não de André Breton! E ainda menos na frase incriminada porque ser a liberdade cor de homem não tem absolutamente nada que ver com o que coloridamente no digno local se passa. Antes pelo contrário, dir-se-ia, porque a «cor» da frase é outra e não dá discursos nem empregos. E ainda menos partidos

com assento.

A liberdade em citação não vai em partes mas faz parte dum todo, ontológico tanto quanto social, e de outro modo político. A sua responsabilidade situa-se ao nível das mentalidades, num movimento naturalmente que «iluminista» mas convergente com o que ao mesmo tempo de Setecentos na Alemanha aconteceu: o dia e a noite encontrados, no tal ponto (como Breton também diria) em que as contradições se anulam num estado «surreal» — que dificilmente tem fórmula parlamentar...

E claro que não recusa ela, a frase, qualquer democracia, antes, ao invés, alarga o «demos» até ao ponto de não haver necessidade de «cracia». E só assim a liberdade é cor, na massa do sangue do homem. Como é cor na natureza, e sabem-no já os ecologistas, por exemplo. No geral, se quisermos, é o reino da utopia — e porque não, se tiver as raízes necessárias, que venham a ser as do futuro?

Há exactos trinta anos havia em Portugal quem pensasse nessas coisas e o catálogo da exposição do Grupo Surrealista de Lisboa que então se organizava abria, precisamente, com a citação em questão. Ora pelo menos em nome desse catálogo que teve capa violentamente antifascista proibida pelo Governo Civil, com ameaças de invasão na sala, agora que é fácil fazer a citação, se pede aos senhores deputados que a não façam — seja qual for o seu partido e o seu desacerto. Se pede encarecidamente que não nos façam rir, de tão grave maneira.



UMA PRIMEIRA VÍTIMA DO REGRESSO DE TOMÁS

Os jornais anunciaram... A rádio divulgou... A «Presidência da República», figura jurídica-política que o Direito Constitucional Português não regista, comunica (não era decisão porquanto as competências estão definidas, era voz, era sentimento solto), que Américo de Deus Rodrigues Tomás, a «criatura» de Ortins, Tenreiro e Salazar, apesar de «chefe-do-Estado-a-que-Portugal-chegou» durante dezasseis longos e angustiados anos de miséria e de silêncio, de guerra e de opressão podia regressar ao lugar do crime.

Foi um golpe duro. Sentimos a lâmina fria a varar-nos com a crueldade das suplementares (oportunistamente alegadas) «razões de humanidade». E eles pensaram que o terreno estava limpo, que a capital da Revolução de Abril era «cidade aberta» para reacçãoários, fascistas, videirinhos e acomodaticios. Confundiram uma «ingenuidade política» com uma decisão maquiavélica. Contaram e cantaram vitória, sem descontarem que o pobre de Deus e do Diabo, desde o berço medíocre e carcomido pelos anos, nada acrescentaria com a sua presença insultuosa à falange dos «saudosistas» e dos «desesperados». A «criatura» não era uma ameaça, era um espinho. Presente, doía-nos mais porque nos envergonhava.

Mas eles, e os tristes que são seus servos ou por eles se deixam manipular, usar e corromper, julgaram que os ventos tinham mudado de quadrante. Não era ainda a «restauração», não era a «desforra», mas supuseram que soara, no relógio da História, a hora do «regresso».

Só por esse engano de alma servil modelada nos tempos da «ordem ditatorial»; só por «saudosismo» de autoridade; só por vício de tirania; — se entenderá a prisão do meu amigo Pedro Tito de Moraes.

O Pedro é estudante. Frequenta o Liceu Filipe de Lencastre. Mora a cinquenta metros do Liceu. Entre a residência e o liceu existe um pequeno jardim. A «malta», de quando em vez, joga à bola no jardim. A vigilante PSP, essa força da Democracia (Jaime Gama dixit), tem fechado os olhos. Mas houve, diz-se, uma denúncia anónima (oh!, o heroísmo dos denunciantes!); e houve, sabe-se, o comunicado autorizando o «regresso» (oh!, o apelo fundo aos bons sentimentos adormecidos!); e a PSP desatenta indulgente, encheu-se de bríos. O senhor almirante vinha aí, havia que repor o «antigamente». Sobre os escolares que chutavam por recreio, a máquina profissionalizada da «ordem» exibiu a eficácia. A «malta» recolheu às «grades». Estava imposta a «ordem» no jardim.

O Pedro mora ali à beira. A cinquenta metros do jardim, a uma centena de metros da esquadra. Mas o «crime» é «crime». Não se tratava de advertir umas crianças, de corrigir uns adolescentes; tratava-se de exibir uma autoridade. Havia, até, uma «portaria municipal». Esquecida desde Abril. Com

Tomás, lembrada

O meu amigo Pedro, neto desse homem honrado que foi o almirante Tito de Moraes, fundador da República, um almirante revolucionário e democrata; filho do homem respeitado que é o engenheiro Manuel Tito de Moraes, ex-secretário de Estado, vice-presidente da Assembleia da República, secretário-nacional do Partido Socialista, dirigente nacional do MUD, resistente que deu o corpo ao manifesto e às incomodidades da prisão e do exílio; com uma mãe militante antifascista, responsável sectorial do PS, e com irmãos que lhe têm dado exemplos de militância democrática e socialista, foi fazer a sua aprendizagem à esquadra do Bairro Social do Arco do Cego. Lá esteve umas duas horas preso. Eram 18 horas e 20 minutos, se bem se recorda, quando a garra da «ordem» o advertiu da violação da «portaria municipal». Presso por jogar a bola... na tarde em que Américo Tomás, porque não culpado, era autorizado a regressar.

A história aqui fica. Preto no branco. Esta é uma história de proveito e de exemplo. Dispensamo-nos de fazer eco do protesto indignado dos pais. O Manuel Tito de Moraes e a Maria Emília Santos Tito de Moraes não calarão a sua mágoa e a sua indignação. Nós limitamo-nos a registar um «acontecimento». Alguma PSP precipitou-se, exagerou. Confundi «autorização» com «regresso», e «regresso» com «restauração».

Sabiam que os pais moravam a uma centena ou centena e meia de metros. O Pedro disse como se chamava. Os apelidos não são vulgares. Quis-se — não podemos aceitar qualquer explicação que de nós abuse — agravar Manuel Tito de Moraes, conhecido e prestigioso antifascista, antigo membro do Governo, deputado, vice-presidente da Assembleia da República. Quis-se prestar provas na iminência do «regresso».

E como quem se refere à mais vulgar coisa desta terra e destas vidas, terá sido garantido, que os estudantes não teriam sido presos se estivessem «sossegados» no jardim. Talvez a meditar nas «razões de humanidade» de um «regresso» autorizado... Talvez a treinarem-se na análise gramatical e estilística de um discurso do senhor almirante.

Esta história é política. E por isso a embrechamos nestas notas de comentário quotidiano.

Falta uma nota mais: o meu amigo Pedro Tito de Moraes tem treze anos.

A DEMOCRACIA E OS INTOCÁVEIS

Conhecemos a canção: em Democracia não existem «intocáveis»; os filhos dos democratas não podem pisar flores ou calcar relvados; os democratas não podem guardar ou transportar armas.

Mas a «coincidência» é flagrante. Foi no dia em que surgiu o «comunicado» que alguma PSP descobriu a violência contra as flores e a relva; foi no «caso Edmundo Pedro» que a lei, apesar da responsabilidade assumida pelo Estado-Maior do Exército, foi com severidade aplicada. Para os bombistas praticantes, para os espancadores de membros do Governo, é outra a lei. E para a apreciação de delitos de imprensa existem duas medidas. Pode-se, por exemplo, insultar um conselho da Revolução, caluniar um ex-Presidente da República, enlamear um Primeiro-Ministro.

Singularidades deste «país lilás», deste «desterro azú».

Pub

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Convocam-se todos os trabalhadores do Sector, para uma reunião geral, no próximo dia 17, às 21 horas na sede do nosso Sindicato, Av. da República, 31.

Com a seguinte ordem de trabalhos:

- Ponto: 1. Informação sobre os principais pontos acordados do C.C.T.V.
2. Esclarecimentos.

Lisboa, 11 de Maio de 1978

A DIRECÇÃO

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E DAS OBRAS PÚBLICAS

SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS E APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS

Direcção dos Serviços de Obras Hidráulicas

ANUNCIO

PROJECTO DE APROVEITAMENTO DE MACEDO DE CAVALEIROS

CONCURSO PÚBLICO INTERNACIONAL PARA A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE TERRA DO AZIBO E RESPECTIVO EQUIPAMENTO ELECTRO-MECÂNICO, MONTAGEM INCLUIDA

AVISO

Em seguimento ao anúncio publicado no DIÁRIO DA REPÚBLICA, III Série, n.º 43, de 21 de Fevereiro de 1978, e respeitante ao concurso público para arrematação da empreitada referida em epígrafe, esclarece-se de que os preços de escavação a céu aberto, em galeria e em poço incluirão as entivacões necessárias, pelo que deve ser considerado nulo e sem efeito o estipulado nas cláusulas 30.4.5 e 30.4.6 do respectivo caderno de encargos.

DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS E APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS, em 27 de Abril de 1978.

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
Joaquim Fernando Faria Ferreira

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

COMUNICADO CONJUNTO DAS DIRECÇÕES DO ALMADA ATLÉTICO CLUBE E DO CLUBE DESPORTIVO DA COVA DA PIEDADE

As direcções do Almada Atlético Clube e do Clube Desportivo da Cova da Piedade reuniram-se em sessão plenária a pedido da Comissão permanente de cultura, desporto, ensino e juventude da Assembleia Municipal, com vista a estudar formas de ultrapassar o diferendo entre as duas colectividades e que levou ao corte de relações.

Considerando que os dois clubes são dos mais representativos do concelho e que a sua rivalidade existente entre ambos nunca afectou o espírito de colaboração existente que os tornou em dois baluartes desportivos da cidade.

Considerando que o incidente que originou o corte de relações terá tido a origem em atitudes de precipitação individual de um outro elemento que não podem responsabilizar de modo algum uma direcção no seu conjunto e muito menos as massas associativas de cada um dos clubes.

Decidem assim:

Reatar as suas fraternas relações procurando desenvolver todos os esforços no sentido de em conjunto ambas as colectividades continuarem a dar o melhor do seu esforço em prol do desporto e do concelho de Almada.

Pelo Almada Atlético Clube

Fernando Paixão dos Santos

Pelo Clube Desportivo da Cova da Piedade

Armindo Lopes Venâncio

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Bases da Política de Informação em discussão pelos jornalistas

■ Aprovada moção contra regresso de Tomás

A assembleia geral do Sindicato dos Jornalistas, convocada para discutir o «Projecto de bases gerais da política de informação», divulgada pela SECS, interrompeu já de madrugada os seus trabalhos, retomando-os na próxima sexta-feira à noite, a fim de apreciar uma posição que será, entretanto, elaborada por uma comissão eleita para o efeito.

Embora tenha sido apresentada por um grupo de trabalho, constituído por delegados sindicais, uma análise na especialidade do documento da Secretaria de Estado, a assembleia pronunciou-se pela necessidade de um documento com uma análise global sobre os princípios defendidos pela classe e sobre a situação actual existente na Comunicação Social. Posição essa que antecederá a referida análise na especialidade.

Na assembleia, na qual participaram largas dezenas de jornalistas, foi aprovada uma moção de protesto «contra o perdão e a autorização de regresso concedida ao ditador Américo Tomás».

«Durante a escandalosa libertação dos 'pides', entre a tolerância reorganização dos fascistas e face à impune arrogância fascista e aos ataques ao 25 de Abril e às conquistas dos trabalhadores e do povo português, a decisão da Presidência da República», sublin-

nha a moção aprovada, «só poderá causar a mais viva surpresa e repúdio».

A moção sublinha ainda a condenação e o protesto dos «jornalistas portugueses que conheceram uma das mais sinistra armas do fascismo — a censura».

Para a assembleia geral dos jornalistas «esta surpreendente decisão apenas vem dar mais ânimo ao fascismo que se organiza, ignorando os profundos sentimentos antifascistas do povo português».

Ainda antes da ordem do dia, foi abordada a situação dos jornalistas do Telejornal, tendo-se aprovado uma outra moção onde se considera que «doze jornalistas foram compulsivamente afastados do seu trabalho há já mais de um mês», os quais «aguardam em casa a sua colocação num pretérito Centro de Investigação Audiovisual, cujos objectivos não foram claramente definidos».

A assembleia geral dos jornalistas protestou «contra a marginalização efectiva dos referidos profissionais» e mandou a Direcção «para actuar no sentido do regresso à sua actividade profissional na Direcção de Informação da RTP».

Uma outra questão abordada foi a situação na Argentina onde, «desde há dois anos, 29 jornalistas foram assassinados,

40 estão desaparecidos e 68 estão nas prisões».

Será enviada ao presidente da República da Argentina, general Jorge Videla, uma carta onde se solicita que, por ocasião do Campeonato Mundial de Futebol, os jornalistas estrangeiros que se deslocarem àquele país «possam dispor da liberdade indispensável ao seu trabalho e efectuar reportagens objectivas sobre as manifestações desportivas e também sobre a realidade social, cultural, económica e política» daquele país.

REUNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES DO «SÉCULO»

A maioria dos trabalhadores da ex-SNT «O Século» continua sem receber salários desde Fevereiro, bem como o 13.º mês.

O Governo, apesar de, no «Projecto de Bases Gerais da Política de Informação», se propor financiar os jornais privados, continua a escusar-se ao pagamento de salários a muitas centenas de trabalhadores da Comunicação Social estatizada.

Para além disso, é muito grave o facto de o Governo e a Administração da ex-SNT tentarem dividir os trabalhadores, recorrendo a diferentes critérios de pagamento dos salários de Fevereiro e Março.

Por tudo isso, a Comissão Intersindical pensa que chegou o momento dos trabalhadores se juntarem em reunião geral para analisarem a situação e darem resposta àquelas tentativas de divisão. Portanto — reunião no próximo dia 19, às 16 horas, no salão de festas da ex-SNT.

UCP's EXIGEM DIREITO DE ANTENA NA RTP

Os Secretariados e Unões Distritais de UCP's e Cooperativas Agrícolas de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal requereram à administração da RTP a concessão de tempo de antena destinado a divulgar posição sobre a actual situação da Reforma Agrária e a ofensiva da direita e, particularmente, sobre a próxima campanha de extracção e comercialização da cortiça.

Esta decisão foi tomada tendo em consideração que a RTP continua a ignorar sistematicamente as organizações profissionais dos trabalhadores, nomeadamente no que se refere à Reforma Agrária, a quem impede o acesso às câmaras. Em contrapartida, a RTP transmite, como se verificou no passado dia 10, «as opiniões do chefe da CAP», aproveitando a deslocação a S. Bento do que considerou uma «importante personalidade»...

REFORMA AGRÁRIA

Plenário de rendeiros de Gondomar exige revisão dos "despedimentos" na Lei do Arrendamento Rural

PORTO, 16 — Os rendeiros do concelho de Gondomar, em plenário realizado na Escola Júlio Dinis, aprovaram uma moção em que se exige «de quem governa este País que modifique urgentemente» a Lei do Arrendamento Rural em vigor, concretamente no que se refere aos Artigos 17.º, 18.º e 19.º, com base nos quais os senhorios continuam a poder despedir rendeiros, retirando-lhes o trabalho e o pão. A moção exige ainda que as modificações nessa lei injusta «sejam feitas de modo a abranger os casos pendentes em tribunal». Decidiram igualmente manifestar o seu apoio e solidariedade para com os rendeiros Joaquim Rangel e Maria da Graça Cerqueira, vítimas de despedimento com base naqueles artigos, mostrando-se dispostos a «impedir este desumano despejo, que é contra tudo aquilo por que se fez o 25 de Abril».

O caso destes rendeiros é, com efeito, considerado de clamorosa injustiça, já que a própria sentença, diz-se noutra parte daquela moção, «reconhece que o senhorio ganha por mês dezenas de contos, que o senhorio não será capaz de cultivar, ele, a terra, porque o arranjo de um simples quintal é feito por um jornaleiro, que os rendeiros precisam da terra para o sustento do seu agregado familiar, que irá ficar seriamente afectado com o

despejo». Mas, ainda assim, acrescenta a moção, o despejo foi ordenado pela sentença do 6.º Juízo Cível do Porto, onde igualmente se afirma que a lei não prevê nada disto e que «basta o senhorio dizer que quer cultivar a terra directamente (e não precisa de provar que pode fazê-lo) para ter direito a pôr os rendeiros fora», conclui a moção.

Outros casos idênticos foram discutidos durante o plenário.

Feira de Santarém celebra "bodas de prata" em 1978

SANTARÉM, 15 — O escalatório está a viver com entusiasmo a aproximação da Feira do Ribatejo (que inicia a sua 26.ª edição no próximo dia 4 de Junho, com a celebração das suas «bodas de prata»).

O Instituto de Pequenas e Médias Empresas dará o apoio monetário a empresas por ele abrangidas, com subsídio para terrado, no tocante ao ramo de máquina agrícola e alimentar. Também o Ministério de Agricultura e Pescas assegurou a sua representação no certame.

A Feira continua, de ano para ano, a sua internacionalização. Além das já confirmadas representações da Alema-

O casal em questão vive há anos na casa da terra que trabalha, tem seis filhos menores e terá de deixar tudo pelo S. Miguel (29 de Setembro), de acordo com a mesma sentença.

No plenário foram ainda eleitos os representantes à «comissão concelhia», estrutura que substitui as antigas comissões arbitrais, bem como os elementos que passam a integrar a comissão de rendeiros do concelho no âmbito das ligações ao MARN.

Rebatendo informações veiculadas ultimamente por alguns jornais da direita, sobre presumíveis dívidas de algumas Unidades Colectivas de Produção (UCP's) do Alentejo a grandes agrários e ao Estado, o Secretariado das UCP's e Cooperativas Agrícolas do Distrito de Beja divulgou um comunicado em que afirma não serem «os trabalhadores que devem aos grandes agrários, mas sim o Estado e os grandes agrários que devem aos trabalhadores».

De acordo com o comunicado, ao contrário do que diz a contra-informação reaccionária, relativamente a três dos casos citados, (Herdade do Monte do Outeiro pertencente à UCP «Vanguarda do Alentejo», a Herdade do Peixoto, na UCP «Margem Esquerda», e a Herdade Quinta de S. Pedro, na UCP «Terra de Catarina»), na altura da sua ocupação os agrários apenas tinham iniciado as ceifas. Quanto ao restante cereal seria ceifado pelos trabalhadores e vendido com aval do CRRA, revertendo as importâncias para este organismo, sem que tivesse sido pago o trabalho da ceifa e até, no segundo caso, a despesa do transporte.

Também os vitivinicultores terão, à semelhança de anos anteriores, a oportunidade de, em concurso, apresentar os seus vinhos permitindo aos bons apreciadores fazer os seus projectos.

"DIREITA MENTE" Dívidas dos agrários às unidades colectivas

Rebatendo informações veiculadas ultimamente por alguns jornais da direita, sobre presumíveis dívidas de algumas Unidades Colectivas de Produção (UCP's) do Alentejo a grandes agrários e ao Estado, o Secretariado das UCP's e Cooperativas Agrícolas do Distrito de Beja divulgou um comunicado em que afirma não serem «os trabalhadores que devem aos grandes agrários, mas sim o Estado e os grandes agrários que devem aos trabalhadores».

De acordo com o comunicado, ao contrário do que diz a contra-informação reaccionária, relativamente a três dos casos citados, (Herdade do Monte do Outeiro pertencente à UCP «Vanguarda do Alentejo», a Herdade do Peixoto, na UCP «Margem Esquerda», e a Herdade Quinta de S. Pedro, na UCP «Terra de Catarina»), na altura da sua ocupação os agrários apenas tinham iniciado as ceifas. Quanto ao restante cereal seria ceifado pelos trabalhadores e vendido com aval do CRRA, revertendo as importâncias para este organismo, sem que tivesse sido pago o trabalho da ceifa e até, no segundo caso, a despesa do transporte.

Em SETÚBAL o
Diário de Lisboa
vende-se na
TABACARIA LOUREIRO

Parlamentares espanhóis recebidos por Eanes

O Presidente Ramalho Eanes recebe esta tarde, em audiência no Palácio de Belém, a delegação parlamentar espanhola que se encontra de visita a Portugal a convite do presidente da Assembleia da República, Vasco da Gama Fernandes. A delegação que está em Portugal desde o passado domingo, visitou esta manhã o Laboratório Nacional de Engenharia Civil e o Museu dos Coches. Depois do encontro com Ramalho Eanes os parlamentares espanhóis assistem à sessão da tarde da Assembleia da República e serão recebidos, ao fim da tarde, na Câmara Municipal de Lisboa. A noite o presidente da edilidade lisboeta oferece uma recepção no Palácio da Mitra.

Ontem, primeiro dia da visita, a delegação esteve em S. Bento onde foi recebida pelo presidente da AR, Vasco da Gama Fernandes, e pelos líderes dos diversos grupos parlamentares. Posteriormente houve uma deslocação ao Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A delegação é chefiada por Hernández Gil, presidente das Cortes espanholas.

A visita prolonga-se por todo o dia de amanhã com, entre outras, uma deslocação ao distrito de Setúbal.

Eanes receberá em Brasília Batista de Figueiredo

O general Ramalho Eanes vai encontrar-se com o próximo presidente do Brasil, durante a sua estadia de dois dias em Brasília.

Segundo foi anunciado pelo porta-voz da Chancelaria brasileira, o general Batista de Figueiredo, antigo chefe do SNI (Serviço Nacional de Informações) e sucessor indigitado de Ernesto Geisel, visitará Eanes na Embaixada de Portugal, a pedido do Presidente português.

Recorde-se que Brasília é a primeira escala da visita oficial do Presidente da República ao Brasil, que se prolongará depois por S. Paulo e o Rio de Janeiro.

Esta viagem de Eanes que se inicia no próximo domingo, será a quarta, desde que foi empossado como Presidente da República.

Em Maio do ano passado participou na cimeira da NATO em Londres, deslocando-se depois, em visitas de Estado, à Espanha e à República Federal Alemã.

Dia do Regimento das Caldas da Rainha

Foi hoje comemorado o dia do Regimento de Infantaria das Caldas da Rainha. O programa iniciou-se às 7 e 30 horas, com o içar da Bandeira Nacional, seguindo-se a formação das forças do regimento e uma parada pelas ruas da cidade, terminando com uma formatura geral novamente no interior da unidade durante a qual foi prestada homenagem aos militares falecidos e impostas condecorações, à tarde haverá provas desportivas e à noite um sarau cultural com que encerram as comemorações.

Presidiu às cerimónias desta manhã o Governador Militar de Lisboa, general Oliveira Rodrigues.

BASE DAS LAJES

Acordo com Washington até final de Julho

«O acordo entre os Governos de Lisboa e de Washington referente à utilização, pelos Estados Unidos, da Base das Lajes, nos Açores, deve ser assinado antes do final do próximo mês de Julho», declarou ontem o presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, falando aos jornalistas no final dum encontro com o ministro dos Estrangeiros, Sá Machado.

Tanto o Governo português como o norte-americano estão

a envidar esforços para que a assinatura desse acordo se efectue dentro de muito pouco tempo — disse o chefe do Executivo açoriano.

Além do encontro com o ministro dos Estrangeiros, Sá Machado, Mota Amaral encontrou-se ontem com o ministro da Administração Interna, Jaime Gama, com quem tratou de problemas relacionados com a transferência de serviços periféricos do continente para as ilhas.

Mota Amaral regressou esta manhã a Ponta Delgada.

Entretanto, e ainda relacionado com o acordo luso-americano sobre a Base das Lajes, deve chegar amanhã a Lisboa o secretário regional da Educação, Reis Leite, representante do Executivo açoriano nas negociações. Reis Leite vem para participar numa reunião preparatória do acordo a realizar no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

DIZEM DEPUTADOS DE REGRESSO

Conferência de Viena deu resultados "muito positivos"

Os deputados de todos os grupos parlamentares com assento na Assembleia da República que integraram a delegação portuguesa à III Conferência Interparlamentar sobre Cooperação e Segurança Europeias, realizada em Viena de 3 a 10 deste mês, consideram «muito positivo» o balanço geral dos trabalhos.

A Conferência aprovou por unanimidade três resoluções sobre a segurança na Europa e a cooperação dos domínios económico, técnico, humani-

tário e ecológico, tendentes a concretizar as disposições das actas finais das conferências de Helsínquia e de Belgrado.

Rudolfo Crespo, deputado do PS, que chefiou a delegação portuguesa, disse que a reunião foi «extremamente positiva» e representa «um progresso notável depois de meio fracasso da reunião de Belgrado, que pouco avançou na concretização dos princípios gerais afirmados antes em Helsínquia». Considerou ainda que o acto final de Helsínquia

«não deve ser modificado, podendo ser eventualmente completado» acrescentando que ele deve ter uma aplicação integral e coerente.

Para Alda Nogueira, deputada do PCP, a conferência foi «um passo em frente em relação a Belgrado, pois os documentos aprovados permitem que os deputados levem a cabo toda uma série de acções e tomadas de posição no sentido de ajudar a «détente» ao nível político, económico, cultural e humanitário».

Soares encontra-se com Hassan II

O Primeiro-Ministro Mário Soares encontra-se desde ontem em Marrocos, numa escala prolongada de três dias no regresso de Dacar a Lisboa. A escala serve para o chefe do Governo português ter contactos com as mais altas entidades marroquinas, nomeadamente o seu homólogo Osman e o Rei Hassan II.

Esta manhã, mais próximo do meio-dia, Soares deveria encontrar-se em Fez com o monarca marroquino. Até à hora de fecharmos a nossa edição, no entanto, não tinham chegado de Marrocos informações mais precisas sobre o encontro.

Seguidamente, o chefe do Executivo português terá conversações com o seu homólogo marroquino, Ahmed Osman.

As conversações de Soares com os seus interlocutores marroquinos referir-se-ão essencialmente aos meios de reforçar a cooperação luso-marroquina — diz-se em Rabat.

O problema do Sara Ocidental e o das ilhas dos Açores serão certamente também evocados durante estas conversações.

Soares deve regressar amanhã a Lisboa.

Documento da UEDS

«Explicar a Crise — Organizar a Resistência — Preparar a Alternativa», é o título de um «Documento de Análise Política» que a União de Esquerda para a Democracia Socialista vai lançar a nível nacional.

O documento constituirá o tema de três sessões a realizar nos próximos dias 21 e 22, em Oihão (sábado 21 e 30), Vila Real de Santo António (domingo às 17 horas) e Portimão (domingo às 21 e 30).

Câmara Municipal de Lisboa

PRESIDÊNCIA

EDITAL N.º 77/78

CLASSIFICAÇÃO DA CASA VENTURA TERRA E PARQUE

Faço saber, nos termos e para os efeitos constantes do Decreto-Lei n.º 181/70 de 28 de Abril de 1970, que por despacho ministerial sobre proposta da 4.ª Subsecção da 2.ª Secção da Junta Nacional de Educação, foi determinada a classificação como imóvel de interesse público do prédio da R. Marquês da Fronteira n.º 20, designada como Casa Ventura Terra, com o respectivo parque jardim e incluindo os elementos decorativos do edifício, do que resulta a constituição da zona de protecção conforme consta da planta topográfica que junto se afixou.

A área abrangida por essa classificação fica sujeita às disposições legais em vigor, designadamente os artigos 25.º a 48.º do Decreto n.º 20 985 de 7 de Março de 1932, o Decreto n.º 38 888 de 29 de Agosto de 1952, o Decreto-Lei n.º 28 468 de 15 de Fevereiro de 1938, o Decreto-Lei n.º 39 600 de 3 de Abril de 1954, e o n.º 2.º do § 1.º do Art.º 19.º do Decreto n.º 46 349 de 22 de Maio de 1965.

Os interessados podem, dentro do prazo de 30 dias contados da data da afixação deste edital, apresentar quaisquer reclamações tendo por objectivo a ilegalidade ou inutilidade da constituição da servidão resultante do estabelecimento da referida zona de protecção ou a sua excessiva amplitude ou onerosidade. Essas reclamações devem ser formuladas por escrito e entregues na 2.ª Secção-Expediente e Contabilidade da 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços Centrais e Culturais desta Câmara Municipal, no prazo referido.

E, para geral conhecimento, se publica o presente edital.

Paços do Concelho de Lisboa, 10 de Maio de 1978

POR DELEGAÇÃO DO PRESIDENTE DA CÂMARA

O VEREADOR,

Manuel C. Ataíde Ferreira

EU, BERTOLT BRECHT

pelo Grupo de Teatro da Associação Portugal-RDA dirigido por FERNANDA LAPA

Espectáculo comemorativo do 80.º aniversário do nascimento de Bertolt Brecht

TEATRO DE S. LUÍS

Domingo — Dia 21 — pelas 21 e 30 horas

Os sócios da Associação Portugal-RDA que pretendam convites para este espectáculo deverão levá-los na Praça José Fontana, 17-4.º nos dias 18 e 19 entre as 14 e 30 e as 20 horas.

A SUA OPORTUNIDADE

ANDARES

SEIXAL

Quinta Manuel André
Rua Bernardim Ribeiro
Lotes 50 e 51

4 ASS. SÓ POR 950 CONTOS

ENTRADA 150 CONTOS

Trata das 10 às 19 horas

(Inclusive sábados e domingos)

IMOTIL

TRAV. CONCEIÇÃO DA GLÓRIA 7-3.º SALA 29
LISBOA — TELEFONES 36 05 65 - 37 29 72

VIDROS

EM CHAPA OU CORTADOS

CONSULTE A UNIÃO

Rua Luz Soriano, 23-A — Telef. 36 30 84/5/6/7

PREÇOS ESPECIAIS

para fabricantes de caixilhos metálicos

PODER LOCAL

As Gafanhas estão muito molhadas...

«Contrariando a opinião 'citadina' do engenheiro-agrônomo Sousa Veloso, os agricultores da zona das Gafanhas, nos concelhos de Ilhavo e Vagos, entendem (e a prática por eles fala) que o tempo frio e chuvoso ocorrido nos últimos tempos não só causou sérios prejuízos nas culturas locais, como sucessivamente impediu outras sementeiras, como, por exemplo, a do milho» — escreve o nosso correspondente de Aveiro.

Relativamente às sementes já lançadas à terra, os agricultores referem, entre outros, o caso da batata, cujo apodrecimento, em muitos casos, «é evidente», tal a abundância das águas depositadas, sobretudo, nos terrenos baixos — e isso não obstante o facto de se tratar de terrenos arenosos, tidos por muito permeáveis a todo o tipo de regas.

O nosso correspondente: «As pessoas que trabalham a terra desde os verdes anos consideram, assim, que o engenheiro Veloso ou quis fazer humorismo ou conhece mal as terras desta região, onde os lodais e os charcos são tantos, por via das constantes chuvas, que nem os homens nem as máquinas se atrevem, até mesmo nos terrenos barrentos, às respectivas culturas...»

Acresce que, para além disso, o aparecimento de moléstias, «algumas das quais o sorridente respon-

sável da TV-Rural bem conhece», havendo outras de que, certamente, «já ouviu falar e que destruíram, mais tarde ou mais cedo, os próprios rebentos em terras alagadas...»

E termina o nosso correspondente, voz dos campos locais:

«Isto, o que nos dizem alguns pequenos agricultores, dos tais que sabem da poda e a quem não raro falta aquilo com que se compram os melões...»

AGRICULTORES QUEM PAGA OS PREJUÍZOS

A Liga dos Pequenos e Médios Agricultores do Concelho de Sintra pronunciou-se contra as sementes de cevada e aveia que a EPAC distribuiu este ano, «sem sequer cuidar de saber das suas origens e qualidades».

Resultado: essas sementes

(como aliás foi oportunamente noticiado) nada produziram.

Pergunta aquela Liga: «Quem nos paga os prejuízos? Quem nos paga o nosso trabalho? O inquérito ordenado onde está? E quando termina...?»

Como resposta a estas perguntas (e a outras mais), a Liga vai dirigir-se ao Conselho de Administração da EPAC, a fim de exigir indemnizações justas tanto pelos prejuízos sofridos, como pelo trabalho que não terá contrapartida na colheita.

AJUDA: ELEIÇÃO DE MORADORES

Na freguesia da Ajuda (zona ocidental), vão efectuar-se, pela primeira vez, eleições para as Comissões de Moradores, segundo as normas da Constituição.

O acto eleitoral decorre hoje, das 14 às 19 horas, na Calçada da Ajuda, 226 (sede da Comissão de Moradores), concorrendo duas listas: «A» e «B». Uma terceira «B», desistiu.

A composição da lista «C» (unitária e a única conhecida publicamente) é a seguinte: Luís Vilaça, médico; José Sampaio, médico; Manuel José, desenhador; Rosa Silva, modista;

João Pires, metalúrgico e Fernando Sintra, estudante.

CONTRA POLUIÇÃO DO ALVIELA

A Comissão de Luta Anti-Poluição do Alviela (CLAPA), associação popular ecológica localizada em Pernes, entrou em contacto, há já algum tempo, com a Secretaria de Estado do Ordenamento Físico e Ambiente, a fim de apurar o que se passava quanto ao processo da Central de Tratamento daquele curso de água.

Nessa audiência (há já algum tempo...) a CLAPA manifestou ao secretário de Estado daquele departamento governamental, a sua apreensão quanto ao andamento do dito processo.

A resposta veio agora: o projecto está neste momento na Divisão de Obras da Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos. As obras, em princípio, começarão em Julho próximo.

Assim animada, a CLAPA «apela de novo a todo o povo da bacia do Alviela para que redobre a sua vigilância e se mantenha firme e unido em torno da sua Comissão de Luta, a fim de que o pro-

cesso não venha a sofrer mais atrasos e a fim de que haja força suficiente para exigir do Governo o cumprimento dos prazos fixados».

MDM CONVIVE EM SINTRA

Efectuou-se no passado sábado, à tarde, na sede da Tuna Operária de Sintra, uma sessão de convívio promovida pelo MDM local.

O economista Sérgio Ribeiro expôs a situação em que se encontra actualmente o País, respondendo a várias questões postas pelos participantes.

Foi aprovada, na reunião, uma moção de apoio à justa luta dos trabalhadores da Messa, em que se exigia do Governo a tomada de medidas urgentes sobre o desemprego que os ameaça.

No final actuaram o Grupo Cultural de S. Jorge da Damaia (dança rítmica, leitura de poesia e música de intervenção) e o conjunto «Vozes Livres», da Abruñeira (Sintra), que interpretou algumas canções e música do seu repertório.

XADREZ: TRABALHO E CULTURA

O Centro de Cultura Popular de Sintra e o Grupo

Desportivo do Pessoal da Messa defrontaram-se em dois jogos de xadrez, com dez tabuleiros.

No primeiro encontro, efectuado no refeitório daquela fábrica de máquinas de escrever, registou-se um empate (5-5), tendo os jogadores da casa alinhado com as brancas.

No segundo encontro, na sede do CCP, em que esta equipa tinha as peças brancas, o resultado foi de 8,5-1,5 pontos, favorável aos representantes da cultura popular.

MIRANDELA ELEVADA A CIDADE

Dentro em breve, Mirandela deve ser elevada a cidade.

Efectivamente, e de acordo com a ANOP está a correr o respectivo processo burocrático, admitindo-se a hipótese de que aquela vila venha a ser elevada a cidade nas próximas festividades de Nossa Senhora do Amparo, a efectuar em fins de Julho e meados de Agosto.

Caso tal se concretize, o Nordeste transmontano passará a contar com três cidades: Bragança, Miranda do Douro e... Mirandela.

Termo à concessão de bónus para consumos de fuelóleo

O Governo determinou a concessão de bónus para consumos de fuelóleo efectuados a partir de 31 de Março do ano corrente, em obediência a uma resolução tomada em Conselho de Ministros em 21 de Janeiro de 1977, precedendo a reformulação de um esquema de «apoio técnico e financeiro aos consumidores industriais de combustíveis».

Recorda-se que, para manter o referido apoio enquanto não fosse publicado o esquema devidamente reformulado, foi posto em vigor um sistema de atribuição de bónus nos consumos de fuelóleo.

Uma vez que o aludido esquema foi publicado no «Diário da República» de 20 de Fevereiro do ano corrente, deixa de se justificar a permanência do sistema de bónus, como se determina no «DR» de sexta-feira passada, que deu conta da

medida nesse sentido tomada em 18 de Abril último.

Nestas condições, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, reunido na mesma data, revoga uma outra resolução do CM de 26 de Agosto de 1977, anunciando o termo da concessão de bónus pelos consumos daquele combustível a partir de 31 de Março último.

Missão comercial coreana em Lisboa

Com a presença do embaixador da Coreia inaugurou-se ontem em Lisboa, no Hotel Tivoli (Salão Castelo Branco), uma exposição de vários produtos coreanos, nomeadamente tecidos, peles, mosaicos, artefactos de borracha, material desportivo e de decoração.

Cerca de uma centena de convidados, na sua grande maioria figuras destacadas do nosso comércio de importação, mostrou o maior interesse pelos artigos apresentados, colhendo informações sobre possíveis negócios junto da equipa que constitui a missão comercial, chefiada pelo sr. Chi Young Lee, vice-presidente da Associação de Comércio da Coreia.

O certame continua aberto ao público durante os dias de hoje e amanhã.

PERGUNTAS SINGELAS

Não será este apenas um dos aspectos do crédito?

A. Sebastião Gonçalves

Quando, nas instalações de uma empresa média ou pequena em Portugal, entro na apreciação da sua orgânica e do nível dos seus investimentos, mormente com base em financiamentos, muitas interrogações faço a mim próprio, demais se se trata de uma exploração agrícola. Não são interrogações que se contenham nos limites da empresa em si mesma, mas sim na ligação com as estruturas ditas de «apoio», — técnico, financeiro, comercial ou apenas de coordenação.

E há casos em que vejo uma actividade indiscutível no seio da empresa e apatia naqueles serviços de apoio, sendo claro não se sentirem estes integrados na sua função. Outros casos há em que as organizações de apoio tomam formas de luxo de que nada resulta em benefício das empresas apoiadas, chegando mesmo a denotar um péssimo exemplo para aquelas a quem se dirigem, ou apenas se dizem dirigir. É o caso da estrutura bancária em geral.

Limitando as interrogações a este campo, pergunto:

Qual é a reacção natural do pretendente de um financiamento ao entrar no instituto de crédito e olhe para o belo mobiliário, para o requinte dos painéis — muitas vezes bem gritantes — lembrando-se de quantos falta-lhe fazer uma simples máquina para a sua oficina ou para a sua granja? E se lhe dão, lá no Banco, um daqueles livrinhos em bom papel e a cores, não se interrogará por que se põe um Banco, como os demais, a editar folhetos sofisticados, quando as crianças lá da aldeia não têm livros elementares para formação de base? Será com tais publicações coloridas que o

crédito de apoio à produção se realiza? E como reagirá o produtor ao ler no folheto sobre crédito, em letras bem gordas, que «no depositar é que está o ganho»? Não será esta afirmação um índice de que não é para o crédito que o Banco dirige a sua atenção mas sim para a mercadoria de que é mero intermediário?

Na verdade que apoio dará certo Banco que diz, no seu folheto publicitário — num certo — sobre crédito: «Consulte-nos através do Departamento de Estudos e Planeamento» e, «para maior pormenor, dirija-se aos nossos balcões»? Aqui se põe o problema bem concreto: Qual o apoio nos estudos e planeamento? O que importa é dirigir-se ao balcão, pois é ali que se realizam as transacções e se cobram os juros.

Que pensará, logicamente, o empresário que pretende ampliar um pouco a sua fábrica, ou tornar mais ampla a sua actividade agrícola, e sabe que vai pagar uma taxa de juro que a sua produção não suporta, e que o Banco irá abrir mais uma Agência ou Dependência quando já dispõe de uma centena em concorrência com os outros? E será só em edifícios e mobiliário que o dinheiro é gasto? Aquela multiplicação de agências paralelas será um estímulo para menor custo?

Como poderá o produtor ser incentivado para a concorrência em mercado internacional, tendo de levar ao seu preço de custo 20 por cento para encargos de juros, além de outros que tem de pagar?

Todos sabemos que há um fundo bem complicado em tudo isto.

Publicada legislação sobre aldeamentos turísticos

O «Diário da República» publicou o regulamento dos meios complementares de alojamento turístico. De acordo com o Artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 49 399 foi estabelecida a legislação referente às disposições gerais, instalação e funcionamento, apartamentos turísticos, classificação e requisitos, alojamentos particulares, instalações e sua sanção

e ainda disposições transitórias e finais.

De acordo com a legislação agora publ cada, no prazo de três meses a contar da entrada em vigor deste diploma as empresas exploradoras dos aldeamentos e apartamentos turísticos existentes deverão requerer à Direcção-Geral de Turismo a sua classificação.

Para efeitos desta classificação deverão ser mencionados a denominação do aldeamento; sua localização, com indicação do concelho, freguesia e lugar; identificação da empresa exploradora do aldeamento, com indicação da sua forma jurídica; identidade dos directores ou gerentes de empresa; e identidade do director

ou responsável pelo aldeamento.

O requerimento deverá ser instruído com os seguintes elementos: cópia do projecto aprovado pela respectiva Câmara Municipal; cópia dos contratos referidos no n.º 2 do Artigo 5.º, quando o requerente não for o proprietário das unidades de alojamento; e tabela de preços do alojamento.

MADEIRA
nos feriados de Junho

Viagens especiais

8 a 13 Junho

7 a 14 Junho

6 a 15 Junho

bons hotéis — transfers

assistência permanente

preços desde 3610800

peça-nos programas detalhados

EUROPA
A. S. L. L. — 222 — LISBOA — Tel. 212 11 11
Rua de São Carlos, 100 — 1200-000 Lisboa
P. 1200-000 Lisboa — P. 1200-000 Lisboa
P. 1200-000 Lisboa — P. 1200-000 Lisboa

Em SETÚBAL o
Diário de Lisboa
vende-se na
TABACARIA LOUREIRO

MSD desmente de novo sua integração no PS

O Movimento Social Democrata (MSD), tornou público um comunicado, sob o título «a pequena política da capital», no qual desmente a propalada notícia de adesão dos seus militantes ao PS, frisando que a «vocação do MSD não é a de servir de força de apoio a nenhum partido ou personalidade, nem de cobrir manobras políticas, pois disso há quem por de mais se ocupe».

«Sabemos que — diz o MSD — nos meios lisboetas continuam a predominar os jogos de bastidores e os oportunismos de ocasião. Que o maior partido português, responsável pelo governo, tenha a vontade deliberada de se impor como partido dominante, não é novidade para ninguém. Que a sua estreiteza o leve a tentar a eliminação de todas

as correntes de opinião que não lhe são afectas, é também um facto notório, que não provoca já espanto. Estamos habituados a sofrer o condicionamento da opinião pelo poder, mas que se leve agora o apego ao mando ao ponto de definir, segundo parece, uma «estratégia» para a absorção de uma associação política, é algo que ultrapassa os limites do que comporta uma vida democrática...».

Finalmente o MSD desmente «formalmente quaisquer contactos seja de que órgão for, com o Partido Socialista ou outros partidos. O nosso Movimento tem questões mais importantes a tratar — de estudo, intervenção e organização, ao longo de todo o país — para dar importância à pequena política da capital».

COMUNIDADE CRISTÃ DO PADRE MAX

Interrogações sobre peregrinações a Fátima

«Havemos de continuar a vir regularmente a Fátima para aqui deixarmos o nosso dinheiro, deixando-nos viver todos os dias do ano na miséria com os nossos filhos, ou a Virgem Maria não ficaria mais contente conosco, se começássemos a unirmo-nos nas nossas aldeias uns com os outros para, organizados para combatermos os males que nos afligem e mudarmos por completo este País?», pergunta-se numa mensagem fraternal da Comunidade Cristã de Base Padre Maximino (secção do Porto) distribuída aos peregrinos presentes em Fátima na sexta-feira e sábado passados.

A mensagem começa por aludir ao facto de milhares e milhares de portugueses, pobres na sua maioria, irem a Fátima com a convicção de que só a Virgem poderá valer-lhes na aflição em que estão mergulhados por causa do desemprego, da alta do custo de vida, da doença, da insegurança, e instabilidade. A seguir procura-se mostrar a «enorme diferença» entre a Virgem Maria tal como o Evangelho a apresenta e a imagem que dela se faz em Fátima, pondo-se questões sobre o porquê da existência de

ricos (poucos) e pobres (muitos). Neste enquadramento interroga-se «Conhecendo a Oração da Virgem (que não confia nos ricos e poderosos que havia na Palestina) poderá alguém dizer que tal situação de desigualdade social é da vontade do Deus de Maria?».

Noutro ponto da mensagem fala-se da «autêntica desonra ao nome de Maria» que constituem não só as casas que em Fátima negociam com imagens da Virgem, como os melheiros que recolhem milhares de contos. E pergunta-se: «Quem vai governar-se com os milhares e milhares de contos que cada peregrinação mensal deixa no Santuário? Poderá a Virgem Maria sentir-se honrada com esta prática, com este culto que vai deixar ainda mais pobres os pobres, quando ela se alegra com aquele Deus que enche de bens os famintos?».

A terminar a mensagem é feito um apelo aos peregrinos para seguirem Jesus da Nazaré e deixarem de ouvir aqueles, poucos, «interessados em que os milhões de pobres vivam de olhos fechados para assim melhor nos explorarem e oprimirem».

QUIMIGAL — NOVA EMPRESA PÚBLICA

Um plano muito ambicioso parcialmente já "lançado"

Em conferência de Imprensa realizada ontem num hotel de Lisboa, o conselho de gerência da nova empresa pública «Quimigal — Química de Portugal, EP» informou sobre as realizações que se propõe materializar nos anos mais próximos, muitas das quais se encontram já em fase adiantada de construção.

O programa de desenvolvimento da Quimigal «integra um vultoso conjunto de investimentos de expansão, no montante de cerca de 17 milhões de contos, a maior parte dos quais — conforme o que foi afirmado — já solidamente fundamentados em estudos de viabilidade técnico-económica devidamente elaborados». Ainda de acordo com o conselho de gerência, pretende-se a substituição de instalações caducas e a construção de unidades fabris novas, para introdução de produtos novos no mercado, evitando importações significativas.

Entre as realizações de maior porte integradas no plano de desenvolvimento

da nova empresa pública contam-se: uma fábrica de ácido sulfúrico a arrancar no ano corrente; uma unidade de peletização de cinzas de pirite, a arrancar no início de 1980; uma fábrica de anilinas, a entrar brevemente em funcionamento; uma fábrica de zinco metálico, cujo início de laboração se prevê também para 1980; uma fábrica de fibras de vidro, a arrancar no final de 1979; uma unidade de produção de poliésteres-polióis e de produtos de etoxilação, cuja actividade deverá ser iniciada também em finais de 1979; uma fábrica de produção de resinas políester e outros produtos afins e outra de ácido nítrico, que deverão arrancar na mesma altura; está previsto para fins de 1981 o arranque de mais uma fábrica de amoníaco; finalmente, projecta-se a ampliação da fábrica de ureia e a construção, até 1979, de mais uma central térmica. Grande parte destes empreendimentos encontram-se já em fase de construção em Alverca, Estarreja

e Barreiro.

Os princípios orientadores da actividade da Quimigal apontam — segundo documento distribuído aos jornalistas — «no sentido do aproveitamento, das matérias-primas nacionais, da modernização constante de meios, da recuperação de subprodutos e da instalação de indústrias afins». O conselho de gerência não se esqueceu de fazer notar que «para o êxito do seu ambicioso plano, a Quimigal conta, antes de tudo, com os seus trabalhadores, que constituem a sua maior riqueza».

Recorda-se que a nova empresa pública foi criada por decreto-lei de Dezembro de 1977, integrando o património da «Amoníaco Portuguesa SARL», dos «Nitratos de Portugal, SARL» e da «Companhia União Fabril, SARL», empresas nacionalizadas em Agosto e Setembro de 1975. Vai dedicar-se, obviamente, à exploração de indústrias químicas, nomeadamente à produção de adubos.

UM CERTO TOM DE ULTIMATO AO GOVERNO

A CIP sai dos contactos privados para a "denúncia pública" dia 27

Está apazado para o próximo dia 27, no Porto, o primeiro encontro nacional de industriais privados, iniciativa da CIP, organismo que espera uma participação de cerca de dez mil pessoas naquela reunião. Entre elas, os representantes de várias confederações patronais estrangeiras.

O presidente do Conselho Geral da CIP afirmou ontem no Porto, em conferência de Imprensa, que «se torna impossível aguardar por mais tempo a realização de processos insatisfeitos e não proce-

der à denúncia pública de quanto, em privado, e sob múltiplas formas, a estrutura representativa dos industriais privados, com especial relevo para a CIP, tem dito aos órgãos do Poder». Ludgero Marques referiu também que o encontro poderá servir para responsabilizar os órgãos do Executivo «pelo impasse e agravamento que se vislumbra, caso não tenham a dar execução prática aos projectos que a indústria privada lhes propõe, criando as condições que permitam a sua realização».

Ainda segundo aquele dirigente da CIP, as associações industriais tinham entendido, ante as promessas feitas, «conceder aos dirigentes do País» um congresso de espera tendente a verificar a verticalidade das afirmações que vinham proferindo (...). Os empresários, em face da demora nas correcções prometidas, pressionaram as suas associações representativas no sentido de «tomarem posições que não deixassem quaisquer dúvidas sobre o descontentamento entre eles reinante».

Colóquio em Lisboa sobre o cinema e o Estado

Patrocinado pelo Conselho da Europa, vai realizar-se em Lisboa, na Fundação Gulbenkian, entre 14 e 16 de Junho, um colóquio internacional sobre o cinema e as políticas governamentais.

A iniciativa que pertence à Comissão de Cultura e Educação do referido organismo internacional, de que Portugal é membro, vem na sequência de outras, em que foram tratados problemas de rádio, televisão e artes do espectáculo, do ponto de vista de liberdade de

expressão. No encontro deverão participar, além dos membros da Comissão de Cultura e Educação, parlamentares, representantes de organismo oficiais e figuras do cinema, representando os 19 países membros do Conselho da Europa.

Numa primeira parte, será discutida a situação do cinema na Europa, abordados, em síntese, os seus aspectos artísticos e comerciais, as dificuldades dos realizadores e o ponto de vista do público.

Noutro sessão, os motivos

de intervenção do Estado e os meios de que dispõe para fazê-lo serão tema de debate.

Tratar-se-á ainda dos aspectos de segurança social de subvenções a filmes e festivais, do apoio aos artistas jovens, de programas de formação e educação e das acções junto do público para apoiar o cinema e das subvenções a salas de espectáculo.

Serão igualmente tratadas as consequências de uma intervenção estatal no que diz

respeito à liberdade de criação do artista patrocinado pelo Estado, à ingerência do Estado na indústria do filme comercial, às formas de censura nas sociedades democráticas e aos

perigos da televisão para o cinema.

Nas sessões finais, procurar-se-á definir as grandes linhas de uma política do Estado quanto ao cinema.

Organismo do CE reunido no Estoril

Prosseguem hoje num hotel do Estoril os trabalhos da reunião anual conjunta do comité de direcção e do conselho de administração do Fundo de Restabelecimento do Conselho da Europa. A reunião realiza-se este ano em Portugal para, como se sabe, corresponder a um convite feito pelo Governo Português nesse sentido e em sinal de reconhecimento pela importância do auxílio financeiro do Fundo prestado ao nosso país para resolução de problemas criados pela vinda de refugiados das antigas colónias.

O Fundo de Restabelecimento é um dos mais importantes órgãos do Conselho da Europa e foi criado em 1959 com a finalidade fundada de ajudar países que se defrontassem com problemas sociais e económicos provocados por deslocados e refugiados ou excedentes de população. O organismo funciona como um banco de empréstimos sociais e os juros que estes vencem podem considerar-se insignificantes: apenas 1 por cento.

O auxílio já concedido a Portugal, superior a 1 milhão de contos, foi aplicado na solução de problemas dos deslocados, tais como a construção de habitações em Brejos de Azeitão e financiamentos de indústrias metalomecânicas em Peniche e nas Caldas da Rainha, de complexos de refrigeração na Nazaré e de uma exploração agrícola em Alcácer do Sal, que os participantes na reunião visitarão durante a sua estadia em Portugal.

Os trabalhos de ontem da reunião realizaram-se de manhã, sendo a parte da tarde dedicada a encontros com o alto comissário para os Desalojados e com os ministros dos Negócios Estrangeiros e das Finanças e Plano.

Participam na reunião trinta e quatro representantes de dezoto dos dezanove países membros do Fundo. Além da Santa Sé estão representados nos trabalhos a Suécia, a França, a República Federal Alemã, Malta, Bélgica, Espanha, Liechtenstein, Luxemburgo, Turquia, Grécia, Chipre, Itália, Dinamarca, Holanda, Suíça, Noruega e Portugal. Ausente, apenas a Islândia.

De salientar que a entrada da Suécia para o Fundo se fez expressamente para aquele país auxiliar Portugal a resolver os problemas que se levantaram com a chegada dos deslocados das antigas colónias.

O comité da Direcção é presidido pelo francês Pierre Scheneiter, cabendo ao alemão Froelich a presidência do Conselho de Administração.

Os trabalhos, que começaram ontem, terminam amanhã.

HOTEL DA LINHA DO ESTORIL

Terreno, no Monte Estoril para Hotel de Categoria 3 estrelas, para 124 apartamentos, compostos de quarto, sala comum, kitchen, quarto de banho e hall, sauna para Homens e Senhoras, Restaurante, Snack Bar, como complemento da Piscina.

Licenças pagas. Pronto a Construir.

Trata Predial Delma, Av. Ant.º Augusto Aguiar, 150 - 1.º

Esq. tel: 578231

NASCEMOS HA **25** ANOS

SOMOS A **FRIGAZ**

Claro que estamos orgulhosos.

Com a preferência dos nossos Clientes e a dedicação dos nossos colaboradores chegamos às budas de prata.

Procuramos que a FRIGAZ dignificasse a comercialização dos electrodomésticos.

Mas também sabemos que tivemos falhas. Uma consciência necessária ao aperfeiçoamento da nossa prestação de serviços. Uma consciência que temos.

Estimado Cliente: consideramo-lo um Amigo. Nesta qualidade gostaríamos que nos visitasse um destes dias.

É que, confessamos: Vamos gostar de receber os parabéns mais importantes — os seus.

A Gerência João Casiro
Maria de Lourdes Casiro

FRIGA?

SERVI-REM BEM PARA CONTINUAR A SERVIR

Pub.

TRABALHADORES DA «PETROGAL NORTE» EM GREVE

MANIFESTO À POPULAÇÃO

PORQUE RECORREMOS À GREVE

PARA LUTAR PELA REINTEGRAÇÃO DO
ENG.º-TÉCNICO DESPEDIDO
PARA COMBATER OS DESPEDIMENTOS
ARBITRÁRIOS
PARA DEFENDER OS POSTOS DE TRABALHO
PARA COMBATER A REPRESSÃO DO
CONSELHO DE GERÊNCIA

Alertamos a população em geral que lutamos por uma causa justa. Exercer a autoridade disciplinar não é despedir arbitrariamente.

Alertamos as entidades competentes dos perigos a que conduziria a política interna do Conselho de Gerência da «Petrogal». Atropelar as liberdades e os direitos dos trabalhadores originou este conflito. Não havia outra alternativa senão a greve para evitar este despedimento. A totalidade dos trabalhadores dos lubrificantes lutarão firmemente até à reintegração, com a solidariedade dos restantes trabalhadores da «Petrogal», prontos a endurecer a luta se necessário for e se o Conselho de Gerência mantiver a sua posição irredutível e obstinada.

Não aceitaremos a política do «Quero, Posso e Mando».

As liberdades serão defendidas — os despedimentos combatidos.

CONTRA A REPRESSÃO CONTRA A ARBITRARIEDADE CONTRA OS DESPEDIMENTOS

**DIVULGA E ESCLARECE A LUTA DOS
TRABALHADORES DA «PETROGAL»
A SOLIDARIEDADE É UMA ARMA IMPORTANTE
DOS TRABALHADORES
APOIA A LUTA**

**SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO NORTE
• SINDICATO DOS QUÍMICOS DO NORTE • SINDICATO DOS
ARMARÉIS DO NORTE • SINDICATO DOS ELECTRICISTAS
DO NORTE • SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO PORTO
• SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO • SINDICATO
DOS RODOVIÁRIOS E GARAGENS • SINDICATO DOS
FOGUEIROS DO NORTE • SINDICATO DA CONSTRUÇÃO
CIVIL, MÁRMORES E MADEIRAS**

NATURA

FOI POSTO A VENDA O N.º 284
— REFERENTE A MAIO —

Se deseja evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinala já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperareis mais bem-estar e alegria de viver.

Director e proprietário: DR. INDIVERI COLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

- O Serviço Nacional de Saúde não pode ser incompatível com a Medicina Natural — Que exige ser reconhecida pelo Estado.
- Terá soado a hora do reconhecimento oficial da Medicina Naturopática?
- Onde está a coerência afinal?
- Há que regressar à Natureza? «Mens sana in corpore sano». Princípio e base.
- Primum non Nocere — A consciência moral na arte de tratar.
- O Cancro do pulmão.
- Como lutar contra a tensão emocional.
- Neurose — Causas e remédios.
- A nutrição e a vista.
- Jejum de sumos, a verdadeira estrada que conduz à saúde e à longevidade.
- Os legumes nossos amigos.
- Comer ou não comer...
- Etc., etc.

TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS
A ESTA ADMINISTRAÇÃO

RUA ANTERO DO QUENTAL, 35, 1.º (ao Intendente)
Telef. 55 64 98

— Assinatura anual, 180\$00 — semestral, 100\$00 —
— Estrangeiro, 300\$00 — número avulso, 20\$00 —



CUSCUS

ESPECIALIDADE ARABE
PRATOS INDIVIDUAIS A 80\$00
Jante todos os dias a partir das 20.30h no
BONAPARTE
Rua de S. Miguel, 70 - ALFAMA
Tel. 872761

JOGADA DE ANTECIPAÇÃO PARA DIVIDIR?

Governo anuncia na Covilhã plano para "salvar" lanifícios

— II Congresso dos Têxteis defende reestruturação do sector

O secretário de Estado das Indústrias Extractivas e Transformadoras anunciou, ontem, na Covilhã, um plano governamental no sentido de «salvar» a indústria de lanifícios de um iminente colapso, com as consequências inevitáveis para toda uma região de monindústria.

O plano apresentado prevê o financiamento para aquisição de matérias-primas, incentivo à criação de postos de trabalho pela diversificação industrial, redução da mão-de-obra e apoio à criação de cooperativas.

Curiosamente, esta viagem para apresentação do plano, precede em poucos dias o II Congresso dos Trabalhadores Têxteis, que se realizará no próximo fim-de-semana na Covilhã.

De assinalar, ainda, que a proposta governamental não resulta de qualquer forma de diálogo com os trabalhadores que vêm clamando, desde o Encontro de Ofir, em 1975, pela reestruturação de todo o sector têxtil e não de soluções parciais. Esta posição foi reiterada em 1976, no I Congresso dos Trabalhadores Têxteis.

O Plano governamental para os lanifícios foi apresentado, ontem, no Instituto dos Têxteis da Covilhã, com a presença de industriais e de representantes sindicais.

O secretário de Estado, Nuno Abecassis, elemento do CDS, acentuou que não apresentava um projecto mas sim uma proposta, pois só poderia tratar-se de um projecto depois de discutida por todos. Então seria um projecto de «todo o povo da Covilhã, de mãos dadas com o Governo».

Estas palavras parecem confirmar a ideia de que se trata de uma tentativa de afastar a população da Covilhã de uma realização tão importante como é o II Congresso dos Trabalhadores Têxteis.

No entanto, o secretário de Estado afirmou «que não há soluções milagrosas para os vossos problemas». E acrescentou: «Os milagres, devemos construí-los com as nossas mãos e com a nossa vontade».

O II CONGRESSO DOS TÊXTEIS

Certos de que estas palavras são verdadeiras, mais de 400

delegados dos trabalhadores têxteis reunir-se-ão, no próximo fim-de-semana, na Covilhã, para discutirem propostas concretas no sentido de resolverem a «crise» dos têxteis portugueses, no seu conjunto, que vai dos lanifícios à tapeçaria, passando pelos algodões, malhas vestuário, etc...

«O II Congresso dos Têxteis, é feito numa altura em que os problemas dos trabalhadores têxteis, têm de novo estado na berlinda», afirmou-nos, a propósito Manuel Lopes, elemento dos secretariados da CGTP-IN e da Federação dos Sindicatos dos Têxteis.

Nessa entrevista, que publicaremos na íntegra ainda nesta semana, Manuel Lopes acrescenta: «E, por isso, têm surgido problemas que se ligam à reestruturação sectorial, o que para nós é um problema que nunca abandonámos nem deixámos de discutir, embora tenhamos encontrado pouca receptividade a nível das entidades oficiais».

Manuel Lopes denunciou-nos, ainda, que um estudo governamental relativo ao sector têxtil (com vista à re-

dução de mão-de-obra e redimensionamento do sector) prevê a hipótese de 29 mil despedimentos.

«Defendemos a possibilidade de reconversão desses excedentários, seja em indústrias subsidiárias, uma vez que importamos quase tudo o que são máquinas têxteis, ou seja noutros sectores ou noutros indústrias», disse-nos ainda Manuel Lopes.

A mais adiante: «Quanto a nós, têxteires, encontramos soluções de estrutura acompanhando alguns casos conjunturais em particular, dentro de uma perspectiva que tenha em consideração que os trabalhadores são os primeiros interessados em que o sector progrida e que sem eles nada é possível fazer».

AINDA A PROPOSTA GOVERNAMENTAL

A proposta governamental ontem apresentada prevê o financiamento destinado exclusivamente às empresas com reconhecidas possibilidades de viabilização, o que será reconhecido conjuntamente pelo

MIT e pelos dois bancos maiores credores.

É um esquema que tem encontrado grandes dificuldades uma vez que a banca nem sempre tem colaborado neste género de medidas, tal como é reconhecido, inclusivamente, por dois técnicos do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, que nos prestaram um depoimento, também a publicar no decurso desta semana.

Por outro lado, no que se refere à criação de postos de trabalho, a proposta prevê a concessão de um subsídio para a formação do respectivo pessoal. Mas uma das condições é que o posto de trabalho seja criado em indústrias não têxteis. Ou, em alternativa, em indústrias de confecções de vestuário, em série de malhas e ainda na criação de novas unidades autónomas de acabamento de indústria de lanifícios.

Assinala-se que é consabido o conjunto de dificuldades que atinge exactamente os subsectores de malhas e de vestuário.

ROGÉRIO VIDIGAL

UMA DESINTERVENÇÃO NOS TÊXTEIS

Antar foi à praça:

350 trabalhadores desempregados

«Assim encerra definitivamente uma empresa e se atira para o desemprego mais de 350 trabalhadores após anos de indefinição do Governo face à situação criada na empresa pelo abandono do patrão, eng. Leite Faria, ausente no Brasil desde fins de 1975», afirma o Sindicato do Vestuário do Porto em comunicado à Imprensa sobre a ida à praça, ontem, dos bens daquela fábrica de confecções, na Rua Manuel Pinto de Azevedo, do Porto.

Intervencionada em Junho de 76, o Governo viria a retirar-lhe os gestores (decreto das desintervenções) tendo os trabalhadores assegurado a laboração até conclusão das encomendas em carteira, numes-

forço comum a muitos milhares de trabalhadores doutras empresas do País para manutenção de postos de trabalho e benefício da produção nacional, vindo depois a ficar sem salários nem apoio.

Esforços do sindicato junto do Governo tiveram por resposta o silêncio, diz ainda o comunicado.

Entretanto, a Secretaria de Estado do Emprego concedeu à Antar um subsídio superior a 5 mil contos, a banca tem um crédito na ordem dos 10 mil contos e o Ministério das Finanças deu um aval de 1200 contos.

Credores destas importâncias, diz o sindicato, os trabalhadores vêm depois a saber, por anúncio num jornal,

que a empresa ia à praça, o que significa ficarem sem instalações e sem maquinaria já que o proprietário daquelas estava como fiel depositário dos bens da empresa e foi autor da acção judicial.

O sindicato pergunta se «é assim que o Estado gere os dinheiros públicos» deixando aos trabalhadores o caminho do desemprego «num país que se reclama defensor dos direitos humanos e que consagra na sua Constituição o direito ao trabalho».

Considera também que a situação actual na Antar é «mais um exemplo da política de recuperação capitalista e de ineficácia governamental com fatais consequências para os trabalhadores».

PARA ORGANIZAR

Movimento sindical alarga-se aos Açores e à Madeira

Os sindicatos que integram a Comissão de Apoio ao Movimento Sindical das Ilhas aprovou, em reunião efectuada na sexta-feira, na sede da CGTP-IN, o orçamento para abertura e funcionamento de delegações do CAMSI, no Funchal e em Angra do Heroísmo.

Na reunião, que condenou o separatismo e avaliou a actividade desenvolvida pela Comissão, foi decidido atribuir uma verba de 3200 contos para aquele efeito. O CAMSI tem actuado no sentido do maior estreitamento entre os sindicatos do continente e os das ilhas, o que se tem concretizado com frequentes deslocações de dirigentes sindicais às regiões autónomas, possibilitando a discussão dos principais problemas dos trabalhadores locais. O apoio aos sindicatos insu-

lares dará proximamente resultados, com a formação de Sindicatos de Trabalhadores Agrícolas em S. Miguel e na Terceira. Paralelamente, tem sido fomentado e dinamizado o movimento cooperativo.

A campanha de solidariedade para com os cooperativistas das ilhas já se manifestou com a entrega, por parte dos metalúrgicos do continente, de 1300 contos de material agrícola e de pesca a sete cooperativas.

As delegações do CAMSI terão, entre outras tarefas, a de organizar os trabalhadores cujos sindicatos têm sede no continente, contribuindo desse modo para acelerar o processo de organização regional das ilhas e para o fortalecimento das Uniões de Sindicatos em que, legitimamente se integra-

Afinal a «Carta Aberta» quer central paralela

Nova tentativa de divisão do movimento sindical está em curso, com a anunciada discussão, em Junho, dos estatutos de uma «União Democrática dos Trabalhadores Portugueses», em iniciativa da «Carta Aberta», que dá também pelo nome de «Madisca» (em família).

A notícia foi divulgada pela ANOP, a partir de afirmações de Videira Santos, deste último agrupamento. Segundo este elemento, os estatutos agora em debate nas direcções sindicais ligadas à «Carta Aberta», seriam, em Junho, submetidos à apreciação dos «sindicalistas democráticos».

Afirma-se na referida notícia que a «nova central», obedecerá ao esquema praticado pela UGT espanhola (do PSOE, partido «afilhado» do PS), aceitando, portanto, a filiação de sindicatos e (ou) tra-

balhadores a título individual. A «central» dos «madisqueses» será, se se concretizar, a terceira, ou, mais concretamente, a «segunda paralela». A outra chamada CDT (Central Democrática de Trabalhadores) também nunca disse quantos sindicatos ou indivíduos tem filiados.

Até agora, todas estas tentativas divisionistas têm deparado com a unidade e indiferença da totalidade dos trabalhadores portugueses. Certamente continuará a ser esse o seu destino, embora os «partidos» não desarmem.

Em ALVERCA o

Diário de Lisboa
vende-se na
TABACARIA FERREIRA
R. Manuel Maria Vieira, 7

QUEM FAZ CUMPRIR A LEI?

Patroa da Salitre mantém "lock-out"

Os órgãos representativos dos trabalhadores da Confeitaria Salitre, da Amadora, cuja patroa está a fazer «lock-out» desde o passado dia 5, à segunda e sexta-feira, vão participar o caso à GNR local, esperando que esta actue obrigando as portas da fábrica a serem abertas, como fez nos casos em que foram os patrões sabotadores a querer entrar nos locais de trabalho contra a vontade dos trabalhadores.

Os representantes dos 40 trabalhadores da Confeitaria Salitre incluindo a sua Comissão de Luta, vão hoje mais uma vez ao Ministério do Trabalho e ao Ministério da Indústria e Tecnologia, para tentar encontrar uma solução para o problema.

Na passada sexta-feira os representantes dos trabalhadores tentaram saber se no MIT fora entregue uma exposição da patroa Manuela de Oliveira. A resposta foi de que não havia qualquer exposição. Nesse mesmo dia, na Inspeção de Trabalho foi mostrada aos representantes dos trabalhadores uma cópia da exposição, entregue no MIT.

Estas diligências vêm juntar-se a outras feitas anteriormente no mesmo sentido, junto à Presidência da República, Conselho da Revolução, Assembleia da República, Grupos Parlamentares, Comissão de Trabalho da Assembleia da República, Assembleia de Moradores e Junta de Freguesia da

Amadora, Inspeção de Trabalho, Secretaria de Estado da População e Emprego e Polícia Judiciária, onde foi instaurado pelos trabalhadores um processo-crime contra Manuela de Oliveira por «lock-out».

Os trabalhadores, entretanto, que não aceitaram a decisão prepotente de Manuela de Oliveira de abrir as portas da fábrica apenas três dias por semana, com cumprimento de dez horas de trabalho diário, continuam a comparecer à porta da fábrica todos os dias e apenas trabalham nove horas nos dias em que lhes é permitido entrar, de acordo com o CCT. A patroa já avisou que lhes descontará essa hora no final do mês.

Este «lock-out» culmina o comportamento repressivo que Manuela de Oliveira tem para com os trabalhadores, visto não respeitar o CCT, entre outros pontos no que toca a vencimentos (a média é de 4500\$00), pagamento de horas extraordinárias, despedimentos ilegais, não cumprimento de regalias sociais, nomeadamente as que incidem sobre gravidez e aleitamento. Por outro lado, a patroa serve-se ainda das necessidades de refeição dos trabalhadores para os explorar: cobra \$50 centavos a quem quer aquecer a comida e a \$350 a quem quer cozinhar umas simples batatas; vende com lucro razoável pão e vinho aos trabalhadores.

Tribunal reintegra despedido da empresa "Sousa Braga"

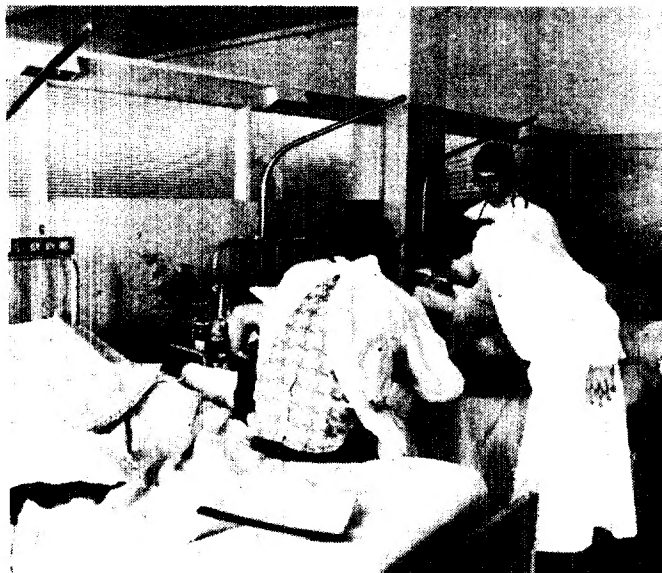
Por falta de provas conclusivas da existência de justa causa para despedimento, o juiz da 4.ª Vara do Tribunal de Trabalho de Lisboa ordenou a reintegração provisória de um membro da Comissão de Trabalhadores da empresa de móveis Sousa Braga, até o tribunal concluir da existência (ou não) de reais provas para despedimento.

O marceneiro Manuel Folhas fora despedido arbitrariamente pela administração que o acusava de ter afirmado que «os encarregados recebem um prémio no fim do mês para apertar com o pessoal».

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Madeiras do Distrito de Lisboa, o carácter arbitrário e ilegal da suspensão ficara sobejamente provado no processo disciplinar que lhe foi instaurado mas, apesar disso, a administração comunicou ao trabalhador, por escrito, a 6 de Fevereiro, o seu despedimento.

Sindicato e Comissão de Trabalhadores deram todo o apoio a Manuel Folhas que requereu ao Tribunal de Trabalho a suspensão do seu despedimento. O juiz concluiu que «(...) se não mostra dos autos que o requerente tenha qualquer passado disciplinarmente condenável e os factos em causa, mesmo na versão da requerida não parecem, por forma nenhuma, ser passíveis da aplicação máxima de despedimento, não parecendo integráveis nas disposições legais citadas (...)».

SAÚDE



EM 2 DE JUNHO

António Arnaut presidirá em Coimbra a debate sobre SNS

COIMBRA, 16 — O ministro dos Assuntos Sociais, António Arnaut, e o secretário de Estado da Saúde, Mário Mendes, participarão num colóquio-debate sobre o Serviço Nacional de Saúde que, promovido pela Comissão de Curso do 6.º Ano Médico com a colaboração da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, decorrerá no anfiteatro n.º 1 da Faculdade de Letras desta cidade, em 2 de Junho próximo.

Por outro lado, para além de

representantes dos partidos com assento na Assembleia da República, deverão participar no debate, entre outros, o reitor da Universidade, a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP-IN) todos os professores e assistentes da Faculdade de Medicina, a Ordem dos Médicos, Sindicatos do Paramédicos e de Enfermagem, órgãos de gestão e comissões de curso da Faculdade de Medicina e do Centro Hospitalar de Coimbra.

Farmacêuticos põem reservas a parte do projecto do SNS

Patrick Bourrinet, professor de Higiene e Saúde Pública da Faculdade de Farmácia de Paris-Sul e presidente da Sociedade de Dermofarmácia animal, nos próximos dias 12 e 13 do corrente no Hotel Penta, um curso de Dermofarmácia e Cosmetologia, curso esse organizado pela Ordem dos Farmacêuticos.

Entre os vários assuntos a serem abordados destacam-se: «Noção sobre a anatomia e fisiologia da pele», «Higiene cutânea, bucodentária e capilar da criança e do adulto», «Produtos anti-solares e bronzeadores», «Dermatoses provocadas por produtos cosméticos e qualidade dos mesmos» e, ainda, «Legislação e papel do farmacêutico oficial».

Curso em Viseu sobre gestão hospitalar

UISEU, 16 — Por iniciativa da cadeira de Administração Hospitalar da Escola Nacional de Saúde Pública, decorre esta semana na Escola de Enfermagem um curso de reciclagem sobre «Gestão de recursos humanos», destinado a administradores hospitalares com pelo menos dois anos de exercício.

O curso será orientado pelo dr. Nogueira da Rocha, da cadeira de Administração Hospitalar, e terá a colaboração de técnicos do Ministério da Reforma Administrativa.

Henrique de Barros dirige curso sobre cooperativismo agrícola

PORTO, 16 — Dirigido pelo prof. Henrique de Barros, presidente dos Altos Estudos Cooperativistas, iniciou-se ontem à noite na Cooperativa do Povo Português, por iniciativa do Centro Promotor de Cooperação (Centrocoop), prolongando-se até ao fim deste mês, um curso de cooperativismo agrícola.

O curso que inclui, para além de uma parte teórica, duas visitas de estudo a cooperativas, visando um melhor conhecimento teórico e prático

do seu funcionamento, será ainda assistido pelo prof. Fernando Ferreira da Costa, presidente do Instituto António Sérgio para o sector cooperativo e Luísa Brito, presidente da entidade organizadora.

Pub.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

AO MINISTÉRIO DO TRABALHO, ÀS ASSOCIAÇÕES PATRONAIS, A TODAS AS ENTIDADES INTERESSADAS

Dando cumprimento ao disposto no Artigo 5.º da Lei n.º 65/77 de 26 de Agosto, o SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL dá conhecimento a todos os interessados que, na defesa dos seus associados e como forma de lutar pela aplicação do ACTV/PRT para o sector, decidiu recorrer à greve nas empresas e nos períodos abaixo indicados:

- 1 — CAFÉ NICOLA
Praça D. Pedro IV (Rossio) — LISBOA
Dia 18 de Maio, das 10,00 às 14,00 horas
Dia 19 de Maio, das 10,00 às 14,00 horas
- 2 — FLOR DO ALECRIM (ACTIVIDADE HOTELEIRA, LDA.)
Rua do Alecrim, n.º 5 — LISBOA
Das 10,00 horas do dia 18 de Maio às 24,00 horas do dia 19
- 3 — HOTEL ROMA
Avenida de Roma, 33 — LISBOA
Das 00,00 horas do dia 19 de Maio, às 24,00 horas do dia 21
- 4 — HOTEL LUTÉCIA
Avenida Frei Miguel Contreiras, 52 — LISBOA
Das 00,00 horas do dia 20 de Maio às 24,00 horas do dia 21
- 5 — HOTEL FLÓRIDA
Rua Duque de Palmela, n.º 32 — LISBOA
Das 00,00 horas do dia 20 de Maio às 24,00 horas do dia 21
- 6 — PASTELARIA TENTADORA
Rua Ferreira Borges, n.º 1 — LISBOA
Das 00,00 horas do dia 20 de Maio, às 24,00 horas do dia 21

Lisboa, 15 de Maio de 1978

A DIRECÇÃO



MINISTERIO DA EDUCACAO E CULTURA
Secretaria de Estado da Cultura
Direcção-Geral do Património Cultural

Teatro Nacional de S. Carlos

TEMPORADA DA PRIMAVERA DE 1978

ÓPERA NO COLISEU DOS RECREIOS

A preços populares — Hoje, às 21 horas

A Ópera em 4 Actos de G. VERDI

"OTELLO"

ELENCO: Richard Cassilly, Maria Oran, Thomas Stewart, Helena Cláudio, Mário Rodrigo, Carlos Fonseca, Fernando Serafim, Manuel Leitão, Alberto Silveira
DIRECÇÃO MUSICAL: Heinz Fricke
CENOGRAFIA: Alfredo Furiga

ORQUESTRA DA RADIODIFUSÃO PORTUGUESA
CORO DO TEATRO DE S. CARLOS

Próximo espectáculo no COLISEU — 6.ª-feira, 26 de Maio, às 21 horas

"OS MENINOS CANTORES DE VIENA"

ENSINO

A violência volta ao D. Dinis

«Tudo se encaminha para que se reinstale o ambiente vivido em Janeiro» — afirmou um dirigente estudantil, referindo-se às cenas de violência que ontem ocorreram no Liceu D. Dinis e que só não atingiram proporções mais graves, devido à intervenção da PSP.

Tal como em 19 de Janeiro, dezenas de indivíduos estranhos à Escola, com o conluio de certos alunos portadores de símbolos nazis, pretenderam invadir as instalações, inserindo-se na escalada de violência que, desde há quinze dias, se vem exercendo contra as forças de esquerda do Liceu. No decorrer dos incidentes de ontem, uma aluna teve de receber assistência hospitalar: foi

destruída a propaganda de organizações de esquerda e o «placard» do Sindicato dos Professores.

Segundo se conseguiu apurar o ambiente que se vive tem origem na forma como o Conselho Directivo tratou o processo instaurado pelo conselho pedagógico a Baltasar, que, recentemente, destruiu uma exposição comemorativa do 25 de Abril, no Padre António Vieira, tendo então sido condenado pelo Tribunal da Polícia.

«O Conselho Directivo diz-nos que o MEC aconselhou a meter o processo na gaveta, mas foi a impunidade do Baltasar que encorajou a violência», declarou ainda o mesmo estudante.

UNIVERSIDADE DO MINHO

Nova Direcção Académica promete intervir a todos os níveis

Os elementos da lista A, unitária de esquerda, vencedora das eleições para os órgãos directivos da Associação Académica da Universidade do Minho manifestaram, em conferência de imprensa, a sua apreensão face às dificuldades que enfrentam os cursos de formação de professores que actualmente são ministrados naquela Universidade, isto devido à falta de apoio por parte dos organismos competentes do Ministério da Educação e Cultura.

Concretamente, citaram o caso do curso de Ciências Sociais, que foi introduzido logo após o 25 de Abril e «cuja continuidade parece não ser do agrado do MEC». Quanto ao curso de Ciências da Natureza, ministrado na Universidade, os estudantes consideram que há uma tentativa de retrocesso aos antigos métodos pedagógicos, os quais — sublinharam — não se coadunam com o novo tipo de ensino que se pretende com vista a uma boa preparação em Ciências da Natureza.

A formação integrada de professores a qualquer nível de docência, uma das várias recomendações do Encontro de Maio, promovido na semana

passada pela Universidade do Minho, foi defendida pelos elementos da nova Direcção da Associação Académica, uma vez que — acentuaram — desta forma se possibilita uma profissionalização em todos os cursos de formação de professores, em vez de se dar essa mesma profissionalização apenas em alguns cursos específicos.

A Direcção agora eleita pretende aumentar a sua intervenção a todos os níveis nas decisões que respeitam a Universidade, para o que conta com o apoio dos delegados eleitos pelas turmas, onze dos quais integram o novo elenco directivo. A «fachada de funcionamento democrático» dos Conselhos Pedagógicos de Curso, instituídos pelo ministro Cardia, foi igualmente denunciada.

«O Conselho Pedagógico não funciona», garantiu um dos elementos da mesa que presidiu à conferência, «e em última instância quem teve a palavra final nestas Universidades Novas é a Comissão Instaladora. Nós não pretendemos que isso continue», sublinhou.

Protestaram ainda os membros da nova Direcção da Associação Académica pelo facto de professores saneados de outras universidades terem sido colocados na Universidade do Minho. Por último anunciaram para breve o programa das actividades culturais e desportivas.



Homenagem a Bento Caração mobiliza personalidades

Elevam-se já a 140 as personalidades que manifestaram o seu apoio e se consideram integradas na Comissão Nacional de Homenagem a Bento Caração, cujo trigésimo aniversário da morte ocorre no próximo dia 25 de Junho.

Estes números foram revelados num comunicado daquela Comissão Nacional, que refere a realização no passado dia 4, de uma reunião com a presença de elevado número de pessoas, presidida por Mestre Abel Manta e dr. Jacobety Rosa, onde foram debatidas sugestões sobre iniciativas que poderão integrar o programa, nomeadamente uma exposição icográfica e bibliográfica, reedição de obras, edição de um número especial da «Revista de Economia», sessões públicas de homenagem ou de divulgação da obra, publicação de artigos evocativos nos meios de Comunicação Social e em revistas especializadas e culturais, edição de uma medalha, instituição de prémios dirigidos à juventude, etc.

No dia 25 de Junho, está prevista entre outras iniciativas,

uma romagem ao túmulo de Bento Caração. Foi, entretanto, convocada para o dia 18 de Maio, na SNBA, uma nova reunião da Comissão Nacional, aberta a todos quantos desejem aderir à homenagem. O grupo promotor tem reunido todas as terças-feiras, pelas 18 e 30, na Sala Bento Jesus Caração, da Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, Calçada do Duque.

Das personalidades, que já aderiram à homenagem são de registar os nomes entre muitos outros, de Abel Manta, Alberto Vilaça, Alcina Bastos, Esteves Belo, Dias Lourenço, António José Saraiva, António Macedo, Aboim Inglês, Pereira de Moura, Gustavo Soromenho, Barahona Fernandes, João de Freitas Branco, Remy Freire, Joaquim Namorado, Jorge Alarcão, Cardoso Pires, Luís Dias, Amado, Maria Keil, Maria Lamas, Mário Dionísio, Mário Murteira, Raúl Rego, Ribeiro dos Santos, Tito de Morais, Ulpiano de Nascimento, U. T. Rodrigues, etc.

MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

Termina hoje a greve contra os exames

Termina hoje a greve de dois dias dos estudantes do 1.º e 2.º ano das Escolas do Magistério Primário, como forma de boicote às provas sumativas decretadas pelo MEC.

A paralisação não atingiu os números da greve anterior, pois que algumas escolas não aderiram, como a de Lamego (fizeram ontem os exames), Braga e Viseu.

Segundo números adiantados pela Associação de Estudantes do Porto, no dia de ontem a greve atingiu os 100 por cento nas Escolas do Porto, Coimbra, Leiria, Vila Real, Faro, Santarém, Beja e Guarda. Noutros estabelecimentos de ensino, a percentagem de adesão teve números completamente diferentes para os 1.º e 2.º, atingindo percentagens muito superiores no 1.º ano.

“Ruy Luís Gomes contra o regresso de Tomás”

Por deficiências técnicas, de que pedimos desde já desculpas aos nossos leitores e aos autores do texto, ontem o ponto IV das considerações de Ruy Luís Gomes, José Morgado e Virgínia de Moura a propósito da autorização do regresso de Américo Tomás, foi parcialmente alterado no seu sentido.

Para um melhor entendimento do texto fazemos, hoje as devidas correcções. Como se segue: «IV — Naturalmente, sem o pretender, o comunicado da Presidência da República resulta profundamente desestabilizador e constitui objectivamente uma agressão aos sentimentos democráticos do Povo e aos sofrimentos de tantos portugueses que foram ferocemente perseguidos pelos fascistas».

E é tão desestabilizador que, contra ele, se manifestou, na Assembleia da República, o principal partido do Governo, o Partido Socialista que aplaudiu de pé a intervenção do deputado Acácio Barreiros, intervenção em que criticou severamente a iniciativa de Belém. Até este momento, que nós sabemos, só se manifestaram a favor de tal comunicado alguns políticos que pouco ou nada tiveram a ver com a luta popular contra o fascismo, que pouco ou nada sofreram com as perseguições fascistas, que estarão até talvez interessados em que não se cumpra a Constituição da República, quando estabelece que «A República Portuguesa é um Estado democrático, baseado na soberania popular, no respeito e na garantia dos direitos e liberdades fundamentais e no pluralismo de expressão e organização política democrática, que tem por objectivo assegurar a transição para o socialismo, mediante a criação de condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras».

APOIOS

Endereçando ao director-adjunto do «Diário de Lisboa», recebemos um expressivo apoio — que passamos a transcrever na íntegra — ao texto de Ruy Luís Gomes, José Morgado e Virgínia Moura, publicado na nossa edição de ontem: «Os signatários profundamente chocados com a decisão da Presidência da República, possibilitando o regresso, com impunidade, do último presidente do fascismo e grande responsável dos seus crimes, solidarizam-se com as oportunas considerações dos professores Ruy Luís Gomes, José Morgado e Virgínia de Moura, insertas no «Diário de Lisboa» de ontem, associando-se ao generalizado protesto popular contra aquela infeliz decisão».

Assimam este apoio ao texto de Ruy Luís Gomes, Fernando Barreiros Marques, Julião Martins, António Esteves Junior, António Garcia, Vilarinho Pereira, Leal de Matos, Peres Dinis, Caeiro da Cunha, António Redol, Júlio Matias, Júlio de Barros e José Gaspar Teixeira.

No segundo TMT: como se põem mais três “pides” em liberdade

«A PIDE/DGS, ao contrário da Guarda Fiscal, nunca se preocupou com o comércio da droga, por exemplo. Para a PIDE, os «indesejáveis» eram as pessoas que traziam uma outra «mercadoria» que se transporta na cabeça e no coração, uma «mercadoria» que, no meu entender, tem o nome de democracia».

A despeito desta alegação do promotor de Justiça junto do 2.º Tribunal Militar de Lisboa, coronel Carlos Alberto da Costa Campos, esta instância, onde o juiz Amaral Barata é figura de proa (ontem, vejamos, colocou-se no papel e na pele de um «professor» da Escola Técnica da PIDE/DGS, que teve arraisas em Sete Rios, ao interrogar o «pide» de 2.ª classe, José Ferreira Gonçalves, assim e por hipótese que todos os antifascistas querem ver bem afastada para longe: «Suponha que estava na Escola Técnica — palavras do juiz Hugo Pereira do Amaral Barata — e que eu era professor da Escola Técnica...», condenaria dois réus/«pides» em «penas» já expiadas (13 e 12 meses), e um terceiro no aparente simbolismo da suspensão dos direitos políticos por dois anos (decisão tomada por maioria).

É bom de ver que os três (José Ferreira Gonçalves e Orlando dos Santos Afonso, ambos agentes de 2.ª classe, condenados a 13 e 12 meses de prisão, respectivamente, e Manuel dos Santos Martins, o agente de 1.ª, o tal da suspensão dos direitos políticos por dois anos) saíram em liberdade, como vem sendo norma nas calculadas sentenças proferidas pelos tribunais deste País para os tenebrosos agentes da sinistra organização que levou o terror a milhares de lares portugueses e aos seus filhos mais queridos, contemplados com as «atenuantes» 1.ª, 6.ª e 9.ª do art. 39.º do Código Penal.

O que fica da audiência e do acórdão proferido pelo 2.º TMT, para além (e sobretudo

isso) da notável e objectiva exposição do promotor de Justiça, que recordou com fidelidade as atrocidades dos «pides», em particular a sua desumana actuação nos anos 50, é outro dos «argumentos» dos agentes da negra corporação, que ou se apresentam aos tribunais como simples «motoristas» (e não nos consta que a PIDE/DGS tenha sido uma empresa rodoviária com a tentacularidade nacional que nas actividades da tortura e da perseguição todos os democratas sentiram), ou como vulgares guardas fronteiriços. Ontem foi a vez de se socorrerem do último «argumento».

O acusador público, todavia, desmascararia eloquentemente perante o tribunal essa «defesa»: «Se os agentes da PIDE/DGS se limitassem a pôr carimbos nos passaportes — afirmou em dado passo da sua alegação o coronel Carlos Alberto da Costa Campos —, já há muito se teria dado o 25 de Abril, que não seria de 74, mas talvez de 54. Em nome do Exército e em nome do povo — disse ainda o acusador —, pretendo esclarecer o tribunal do que era a PIDE/DGS, e não posso aceitar o que os réus aqui vêm dizer».

O 2.º TMT, não obstante, não se «preocuparia» com a informação, dando razão àqueles que afiançam a libertação dos principais agentes do fascismo e do terrorismo que lhe é subjacente parece estar determinado à partida.

«Nos anos 50 — lembrou o coronel Costa Campos —, verificaram-se grandes movimentações de trabalhadores rurais na zona de Serpa. Foram destacadas brigadas da PIDE para reprimir esse despertar de consciência. Ignoravam os agentes, que estavam apenas a ser serventários dos grandes latifundiários que, com o seu dinheiro, podiam dar-se ao luxo de ter uma mulher em cada monte, cinco ou seis automóveis, uma casa no Estoril?»

Viagens de 4, 5 e 8 dias LONDRES
Partidas às 5^{as} e Domingos
Preços desde
8.000\$00
incluindo viagem aérea LISBOA/LONDRES/LISBOA
Alojamento em Hotel e pequeno-almoço. Transporte aeroporto/hotel/aeroporto. Meio-dia de visita da cidade. Acompanhamento de um guia falando português.
Peça-nos programa

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS · TURISMO

RUA BRAAMCAMP, 15 - D
Tel. 4 04 59 - 4 04 60 - 5 68 23
Telex: BUISTOUR - 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

potência elegância suavidade

SIEMENS

MAIO 68 II

MANUEL ANTA

13 de Maio de 1968 — uma coincidência estranha e irónica: no próprio dia em que se celebrava o 10.º aniversário do «golpe» de Argel que colocara De Gaulle no poder, o general e o seu regime constataavam, inquietos, que a agitação estudantil gerada dez dias antes pela intransigência das autoridades governamentais e universitárias e pela brutalidade policial, começava a propagar-se ao mundo do trabalho.

Com efeito, nessa data, centenas de milhares de trabalhadores desfilavam em Paris mostrando com as suas palavras de ordem — «Dez anos já chegam!» e «O poder recua, façamo-lo cair!» — que a partir daí o regime gaulista teria de fazer face não só às reivindicações estudantis mas, sobretudo, à vontade da classe operária em mudar a sua condição.

São estes aspectos e também a crise política em que a França mergulhou que tentaremos, de forma extremamente resumida (a falta de espaço, a isso nos obriga) retratar nas linhas que se seguem.

Um milhão de pessoas? Oitocentas mil? Quem o poderá dizer? O que é certo é que Paris viu no dia 13 de Maio de 1968 uma moldura humana impressionante espalhar-se durante seis horas entre a Praça da República e a Praça Denfert-Rochereau clamando «Abaixo a repressão policial!», «Estudantes, professores, trabalhadores, solidários!», «O poder recua, façamo-lo cair!».

A frente da manifestação, facto significativo, Jacques Sauvageot, vice-presidente da UNEF; Alain Geismar, secretário-geral do SNE-Sup e Daniel Cohn-Bendit, o rogado e controverso «leader» do movimento do 22 de Março. No seio do cortejo, facto não menos significativo, os secretários-gerais das centrais sindicais,

Maio) cujo sentido principal apontava para a construção de uma sociedade mais justa e aberta, não sujeita às leis da «barbárie» capitalista.

Foi esta aspiração «mudar a sociedade» que estaria na origem das greves com ocupação de fábricas que se iriam seguir. Com efeito, no dia 14 de Maio, os operários da empresa «Sud-Aviation», de Nantes, entram em greve ilimitada, ocupam os locais de trabalho e sequestram o director. Era o «pontapé de saída» de um processo de largas repercussões.

No dia 18, os trabalhadores das fábricas Renault, situadas em Sandouville, Flins, Le Mans e Bologne-Billancourt, seguindo o exemplo dos seus camaradas da fábrica Renault de

trabalhadores», a segunda, apoiada, pelo PSU e mais «aberta» às ideias de Maio porque menos rígida no plano ideológico, defende a tese de que «se deve explorar a crise estudantil e operária para remodelar profundamente as estruturas políticas e económicas do país». Contradição evidente que, conjuntamente com outros factores, irá contribuir progressivamente para o azedar das relações entre as duas mais importantes centrais sindicais.

Tal não impedirá que no dia 27 a CGT e a CFDT se apresentem unidas para negociar com o Governo e com o patronato os acordos de Grenelle. Consequindo consideráveis aumentos de salários (aumentos esses que a subida do custo de vida irá logo engolir em poucos meses) e outros benefícios, a CGT e a CFDT clamam «Vitória!». Por pouco tempo, já que a base (Renault, por exemplo) quando as centrais sindicais lhe pedem para ratificar o acordo, afirma o seu repúdio e insulta aqueles que assinaram «um acordo que deixou na sombra a reforma das estruturas».

O APOIO DO EXÉRCITO AO REGIME GAULISTA

Ao mesmo tempo que o movimento de greves se radicaliza e os sindicatos se vêem contestados pelas suas bases, a classe política entra «em transe». No dia 22 de Maio, no Parlamento, o PCF e a FDGS, esta última liderada por François Mitterrand e Guy Mollet, apresentam uma moção de censura contra o Governo. Embora esta não venha a ser aprovada — a moção ver-se-á rejeitada por 244 contra 233 votos — a maioria vive momentos difíceis, já que alguns dos seus aliados naturais e o próprio ministro da Agricultura, Edgar Pisani, entram em «dissidências» e votam ao lado da oposição.

No dia 24 de Maio, Charles De Gaulle, presidente da República anuncia ao país que vai promover um referendo (no fundo, um plebiscito) que terá por fim «Mudar» onde for necessário, as estruturas estreitas e ultrapassadas e abrir um caminho amplo para a França.

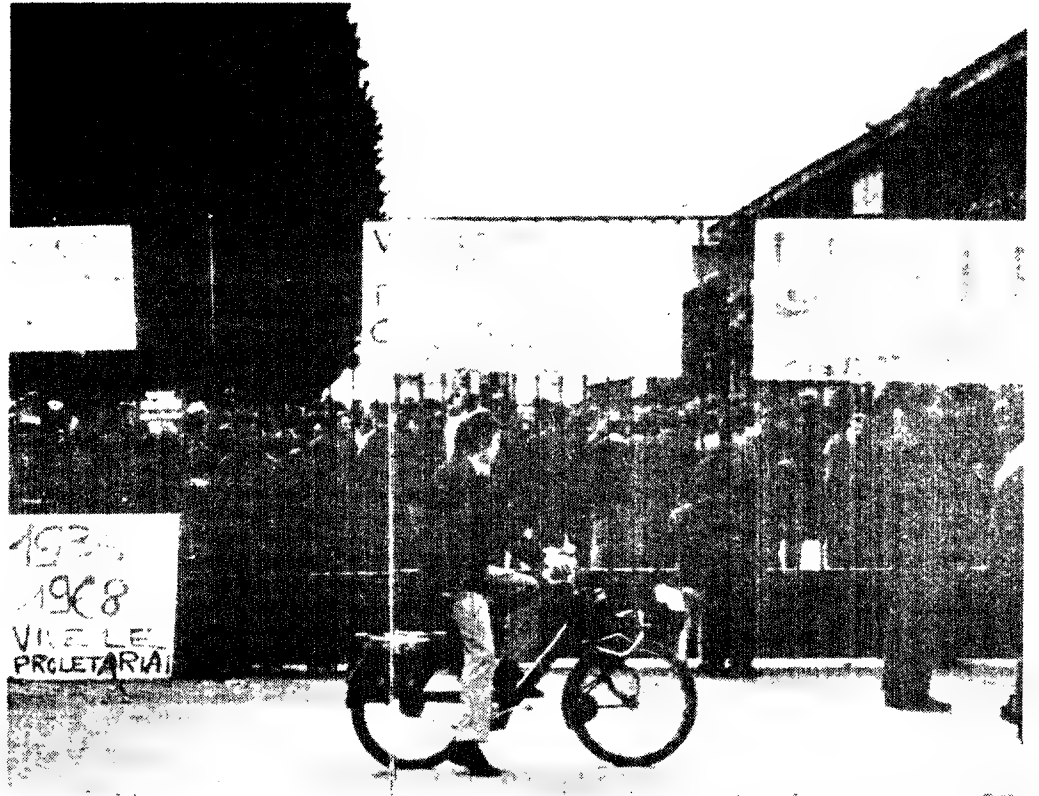
E em conclusão: «Se a Nação não der ao Estado, e em primeiro lugar ao seu chefe, um mandato para a Renovação retirar-me-ei».

Mas esta proposta desilude e não agrada, talvez por ser demasiado vaga, nem a gregos nem a troianos.

De Gaulle compreendê-lo-á mais tarde. Quando tal aconteceu, no dia 29 de Maio, o general desertará de Paris no meio do maior segredo para ir a Baden-Baden, na Alemanha, onde se vai reunir com o general Massu, comandante das tropas francesas de elite estacionadas em território alemão de apoio ao regime dessas mesmas tropas em caso de «insurreição». Esse apoio tó-lo-á como o terá em Mulhouse, segunda etapa da sua viagem secreta, do general Boissieu, comandante de uma divisão blindada, e também, genro de De Gaulle.

Quais as razões de De Gaulle para agir assim? Certamente que a elas não serão estranhas o movimento grevista e a agitação estudantil (que continua-

A combatividade operária e a crise política



Fábrica de construção naval em Saint-Nazaire ocupada pelos trabalhadores em greve

va) e o facto de no dia 28 de Maio a FDGS, através de François Mitterrand, ter «face ao vazio do poder», proposto a constituição de um Governo provisório dirigido por Pierre Mendès-France. Talvez nessas razões se incluisse também o facto de, no dia 28, o Partido Comunista, a CGT e parte do movimento estudantil terem, pela primeira vez, avançado numa manifestação de 200.000 pessoas com a palavra de ordem «Governo Popular!».

Seja como for, a viagem de De Gaulle à Alemanha permitiu-lhe clarificar a situação e formar decisões. No dia 30 de Maio falando ao país adia o referendo anunciado em 24 de Maio e informa que vai dis-

solver a Assembleia Nacional e convocar, para Junho novas eleições.

A «maioria silenciosa», galvanizada pelo discurso do «chefe», sai para a rua e organiza impressionantes manifestações anticomunistas e «patrióticas». A oposição, por seu lado, não se mostra descontente acreditando que a ida às urnas a pode conduzir ao Poder. Grave erro para ela pois o resultado eleitoral constituirá para ela uma pesada derrota.

Sobre esta derrota muito haveria a dizer. Todavia, limitamo-nos a sublinhar que ela só foi possível graças à campanha desenvolvida pela maioria gaulista contra «os comunistas totalitários que quase mer-

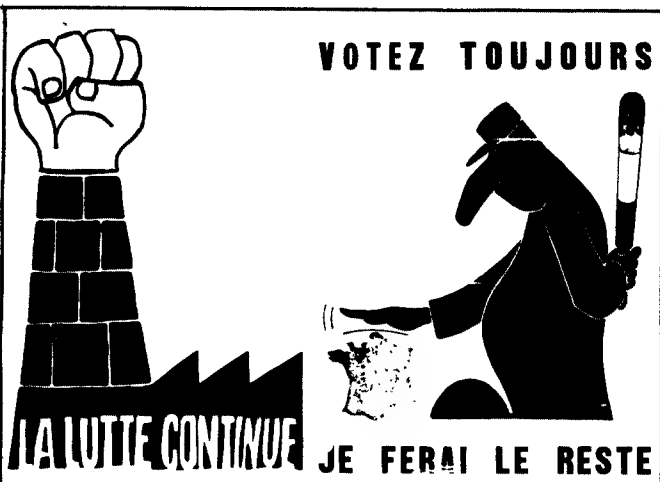
gulharam a França numa guerra civil». Suprema ironia, já que durante as barricadas e as greves nunca o PCF mostrou o menor empenho em agudizar a situação e optar pelo campo da «insurreição». Bem pelo contrário...

DA SORBONNE OCUPADA AO «REGRESSO» AO TRABALHO

Que se passa entretanto no campo estudantil e no campo dos trabalhadores? No primeiro dos casos, a movimentação é grande e um gigantesco esforço é feito para organizar as faculdades ocupadas e para «estruturar a acção». Tenta-se, com afinco, encontrar meios que permitam ligar entre si a luta estudantil e a luta dos trabalhadores. Para tal «é necessário ir falar com os operários». Mero desejo, já que as Centrais Sindicais não se mostram interessadas em permitir um diálogo entre «irresponsáveis» e o movimento operário. Os contactos quando estabelecidos, apenas se processam através das grades fechadas das fábricas em greve.

Paralelamente, o movimento estudantil desenvolve em Paris, na Sorbonne ocupada (Pompidou permitira a sua reabertura no dia 13 de Maio) um «forum» permanente de reflexão e de «criatividade», ao mesmo tempo que no Quartier Latin organiza manifestações de protesto contra a expulsão da França de Cohn-Bendit. A manifestação do 24 de Maio terminará em confrontos com a polícia. A Bolsa de Paris será ocupada e o Quartier Latin conhecerá mais um noite de violência.

No dia 27, promovido pelo UNEF, realiza-se no estádio Charlety, nos arredores de Paris um comício que reúne cerca de 30 mil pessoas e que conta com a presença da CFDT e de Pierre Mendès-France. Nele, critica-se a CGT e o PCF sem, no entanto, se avançar com propostas que permitam o movimento estudantil e o movimento operário saírem do impasse em que se encontram. Charlety se-



Georges Seguy da Confederação Geral do Trabalho (CGT) e Emile Descamp da Confederação Francesa Democrática do Trabalho (CFDT); representantes dos principais partidos políticos da esquerda, François Mitterrand e Guy Mollet da Federação da Esquerda Democrática e Socialista (FDGS), Waldeck Rochet, secretário-geral do Partido Comunista Francês (PCF), Michel Rocard do Partido Socialista Unificado (PSU) e, por último, as organizações da extrema esquerda.

A ONDA GREVISTA

Impunha-se uma conclusão: aquilo que ao princípio era riacho tinha-se feito rio e o rio transformado em corrente; o movimento estudantil tinha ultrapassado as paredes da universidade e os seus próprios objectivos, e, com coroas de glória, obrigava os partidos políticos e as centrais sindicais, desde sempre renitentes a «Maio», com excepção do PSU, a uma aliança que, embora sem futuro, constituía uma vitória para o movimento estudantil. Diga-se, porém, que tal aliança só tinha sido possível graças a assimilação progressiva por parte de largas franjas da classe operária de uma linguagem nova (a linguagem de

Cléon, que tinha entrado em greve ilimitada no dia 15, os ferroviários da Sociedade Nacional dos Caminhos de Ferro (SNCF) e centenas de outras fábricas e empresas do Norte e Sul da França decidem, sem consultar os seus sindicatos, paralisar a laboração e ocupar os locais de trabalho.

Ultrapassadas por uma situação que lhes escapava, as centrais sindicais bem tentam convencer os trabalhadores a retomar o trabalho a fim de «se poder negociar em boas condições» com o Governo e o patronato. Em vão, já que no dia 24 de Maio a paralisação da França é quase total: dez milhões de trabalhadores em nome da «participação, da co-gestão e da responsabilidade» recusam-se a retomar o trabalho.

OS ACORDOS DE GRENELLE

Esta atitude terá grandes repercussões no seio das duas grandes centrais sindicais francesas, a CGT e a CFDT: enquanto que a primeira prossegue, apoiada pelo PCF nos seus esforços para que os operários suspendam a greve e pensa que «se deve explorar a crise social para se obterem vantagens materiais para os

LA BOURGEOISIE A PEUR!

LE POUVOIR AUX ABOIS PROVOQUE

Il regroupe tous ses flics, ses barbouzes, ses contremaîtres et les débris fascistes des CRS et les commandes gaulistes ont lancé des grenades lacrymogènes sur des piquets de grève, plusieurs centres des PIT et un CRT ont été attaqués, tant à Paris qu'en province.

LE POUVOIR MENT

Toute la presse lance des faux bruits de reprise de travail, fait le silence total sur la résistance des travailleurs.

A la Gare de Lyon, sur 5000 ouvriers et employés, seuls 60 cadres jaunes ont repris le travail, la presse fait croire à une reprise prochaine à la RATP alors que la poursuite de la grève a été votée dans tous les dépôts à 95%.

LE POUVOIR TROMPE

Il accorde quelques satisfactions provisoires aux travailleurs et essaie de diviser leur lutte sur le terrain du parlement, là où il a toujours su tromper le peuple.

PLUS QUE JAMAIS LES TRAVAILLEURS ORGANISENT LEUR RIPOSTE

Ils vont chercher les travailleurs en grève pour renforcer l'occupation de masse des usines. Ils unissent autour d'eux toute la population laborieuse: petits commerçants, employés, intellectuels.

ILS ORGANISENT LEUR AUTODÉFENSE PAR TOUS LES MOYENS

Deja à Rennes, les postiers se sont battus contre les CRS pendant une heure et dix.

Deja les grévistes brisent les séparations séculaires entre la ville et la campagne, entre les entreprises elles-mêmes.

Deja les grévistes de la CFDT à Prest ont mis leur production au service des travailleurs, au service des luttes contre le patronat.

La bataille décisive aujourd'hui se mène dans les usines occupées.

RESTONS UNIS ET DÉTERMINÉS POUR LE SOUTIEN AUX USINES OCCUPÉES ORGANISONS L'UNITÉ À LA BASE ET DANS L'ACTION DES FORCES POPULAIRES POUR L'AUTODÉFENSE DE MASSE

POUR LE RENVERSEMENT DE L'ÉTAT BOURGEOIS

Les travailleurs renouent avec l'exemple héroïque de la Commune de Paris. Ils mèneront la lutte jusqu'à l'abolition du patronat et du salariat.

TOUS LE POUVOIR AUX TRAVAILLEURS

Comité de coordination des comités d'action
Mouvement de soutien aux luttes du peuple
Toujours le 22 mai

le 3 juin 1968

MÉDIO ORIENTE

Árabes recebem pela primeira vez modernos caças dos Estados Unidos



O presidente Carter dos EUA conseguiu uma segunda retumbante vitória no Congresso, quando o Senado aprovou a venda de «caças» ao Egito e à Arábia Saudita. Primeira conclusão a tirar: o lobby sionista já não é todo poderoso nos EUA

O Senado norte-americano aprovou no início desta madrugada a proposta do presidente dos EUA, James Carter, para a venda de aviões de combate à Israel, Arábia Saudita e Egito. Na sequência de um dia inteiro de acalorados debates, os senadores norte-americanos rejeitaram por 54 votos contra 44 uma resolução que desaprovava o negócio, que envolve a soma de 4,8 mil milhões de dólares, que dividiu a Comissão dos Negócios Estrangeiros e que desencadeou durante algum tempo uma campanha de protestos por parte do governo de Telavive e dos grupos sionistas de pressão nos Estados Unidos.

De acordo com o resultado, Carter pode agora levar adiante o seu controverso plano de fornecimento de caças-bombardeiros para o Médio Oriente assim distribuídos: 15 sofisticados «F-15» e 75 ultramodernos «F-16» a Israel, 60 «F-15» à Arábia Saudita e 50 menos modernos, mas operacionais, «F-5E» ao Egito.

Para já, o resultado da votação faz saltar para primeiro plano a perda de influência do poderoso «lobby» judaico, que não conseguiu fazer-se ouvir no Congresso tão bem como num passado ainda recente. Ao autorizar a entrega de 200 caças-bombardeiros para o Médio Oriente, o Senado marcou uma viragem na política norte-americana para a região, rompendo com o apoio privilegiado, senão exclusivo, que concedeu a Israel nos últimos 30 anos.

Os partidários da venda triunfaram fazendo valer a necessidade de «manter o equilíbrio» das forças em confronto no Médio Oriente. Os detractores do projecto não hesitaram em acusar James Carter de ceder a uma chantagem da Arábia Saudita, um dos maiores produtores mundiais de petróleo e importante detentor de reservas em dólares.

Em todo o caso, para obter a maioria, Carter teve de comprometer-se ao fornecimento de 20 «F-15» suplementares a Israel em 1983/1984 e assegurar que a Arábia Saudita apenas utilizaria os modernos caças que receberá para fins defensivos.

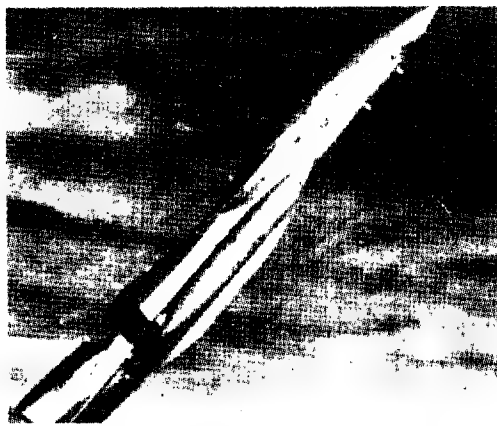
A reacção da Casa Branca, segundo a France Presse, foi «voluntariamente discreta, sem fanfarronadas, mas nos círculos presidenciais não se disfarçava a enorme satisfação causada por esta segunda grande vitória da Administração

no Congresso», tanto mais que foi conquistada sobre um grupo de pressão sionista até então tido como invencível. A primeira grande vitória deu-se a menos de um mês com a ratificação dos tratados sobre o Canal do Panamá.

Como não poderia deixar de ser, em Telavive os narizes ficaram torcidos. Foi exprimida uma «profunda preocupação» pelo resultado da votação, que dá «sistema de armamento avançados a países em estado de guerra com Israel».

Entretanto, a rádio estatal de Riad, capital saudita, saudou a votação do Senado norte-americano, considerando que o resultado «foi uma vitória para o presidente Carter e uma derrota para o sector pró-israelita em Washington».

Contudo, na capital dos EUA, o senador democrata Frank Church, falando à imprensa, não escondeu o seu receio acerca das consequências que esta votação poderá acarretar: «Até aqui Israel só entregaria os territórios ocupados estando seguro da garantia norte-americana. Duvido que o faça agora». A entrega por parte de Israel dos territórios árabes ocupados depois da guerra de 1967, juntamente com a criação de um Estado palestino são as condições essenciais postas pelos árabes para um tratado de paz para a região.



O caça F-15, uma das armas sofisticadas que os EUA vão vender a países árabes

Maio 68

Continuação da pág. 11

rá o começo do fim para o movimento estudantil. A crise social e política do país ultrapassou-o. A sua falta de enquadramento e de perspectiva claras, acabou por o destruir.

E no campo dos trabalhadores? Nele, e apesar da vontade claramente expressa no decorrer da greve «de continuar a lutar pela destruição da sociedade capitalista» tudo se conjuga para obrigar os operários a regressar ao trabalho.

«As eleições estão próximas, é necessário prepará-las» é a palavra-chave com que as organizações políticas de esquerda tentam convencer os trabalhadores. A maioria, ao princípio renitente, vê-se, com medo do isolamento obrigada a ceder. Alguns, recusam determinadamente. É assim que no dia 11 de Junho nas fábricas Peugeot, em Sochaux, um dos últimos bastiões da greve conjuntamente com Renault-Flins, a polícia ataca pela calada da noite os operários que ocupam a fábrica e conseguem desalojá-los. Mas o pior está para vir: os operários organizam-se e conseguem depois de uma batalha intensa reocupar a fábrica. Triste vitória, já que dois operários perderam a vida e dois outros vêem respectivamente uma perna e um pé amputados. Um destes dirá na sua cama de hospital: «Perdi uma perna, mas fiquei com a cabeça, cheia de ideias...»

«Maio» aproximava-se do fim. Todavia, numa França a regressar à «normalidade» milhares e milhares de pessoas sentiam nas suas cabeças um fervilhar de ideias novas cujo fermentar garantia a continuidade do movimento: «Ce n'est qu'un début, continuons le Combat...»

AMÉRICA LATINA

Manifestações no Peru contra aumentos de preços

As autoridades peruanas cederam aos «homens sem rosto» do Fundo Monetário Internacional e as primeiras consequências estão à vista: importantes subidas nos preços da gasolina, matérias alimentícias e transportes urbanos. Os produtos do «cabaz de compras» conheceram um aumento da ordem dos 60 por cento. Isto levou a imediatas manifestações de ruas, que, em Lima, Cuzco e Arequipa, causaram dezenas de prisões e um número indeterminado de feridos.

A fim de evitar a agitação entre os estudantes, as aulas foram suspensas na universidade e no ensino médio a partir de hoje.

Ontem o Governo anunciou um aumento dos

salários, que fica muito aquém dos aumentos de preços.

Estas medidas foram anunciadas logo a seguir à tomada de posse dos três novos ministros (dois civis e um militar) que substituíram os antigos titulares das pastas do Interior, Economia e Indústria e Comércio.

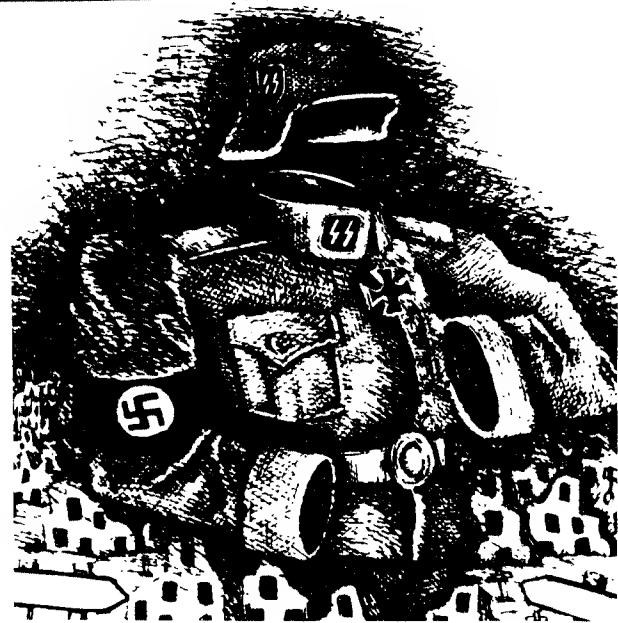
A adopção do novo programa de austeridade fará com que o FMI desbloqueie um crédito de 116 milhões de dólares. Um dos novos ministros, Javier Silva, que passa a sobraçar a pasta da Economia é um homem do «antigamente», tendo sido duas vezes ministro da Agricultura do Governo civil pró-americano de Belaunde Terry.

A candidatura do general Euler Bentes Monteiro (na foto), o qual poderá apresentar-se a disputar a sucessão do presidente Geisel, sob o patrocínio do MDB (único partido legal da Oposição) preocupa seriamente o governo brasileiro e suscita um clima de tensão em Brasília. Certos observadores afirmam mesmo que o país se encaminha para uma «grave crise política». O general Euler Bentes é conhecido e respeitado na opinião pública brasileira pelas suas ideias liberais. A sua candidatura poderia vir a ter grande impacto, tanto em meios civis como em meios militares. Segundo o jornal «Folha de São Paulo», terá partido dos quartéis a ideia dum pacto entre os oficiais liberais e o MDB



● NA REPÚBLICA DOMINICANA estão a decorrer hoje eleições presidenciais. O eleitorado cifra-se em 2 232 611 pessoas, que poderão escolher entre oito candidatos, cujas opções vão desde a extrema-direita até ao Partido Comunista. O actual presidente, Joaquín Balaguer (em exercício desde 1966) candidatou-se a novo mandato pelo Partido Reformista; mais à direita situa-se Luis Lajara. Outros candidatos de direita: Francisco Lora, Luis Perez. À esquerda: o conhecido Juan Bosch (ex-presidente) e Narciso Isa Conde, apoiado pelo PC. Entre os dois extremos: Alfonso Lochward e Silvestre Guzman.

EUROPA



Concentrações neonazis na R. Federal Alemã

A RDA acusou a RFA de tolerar o renascimento do neonazismo após várias concentrações de grupos de extrema-direita por todo o território alemão federal durante o último feriado de Pentecostes. Segundo a ADN (agência noticiosa da RDA), os neonazis dispõem de «forte protecção das forças policiais da RFA».

Cerca de 400 pessoas idas de todo o território oeste-alemão concentraram-se no dia de Pentecostes na cidade de Schwarzfeld, nas montanhas de Harz, num encontro promovido pelo grupo de extrema-direita «Círculo de Amigos Independentes». A busca efectuada ao local pela polícia fez com que fossem capturados numerosos emblemas nazis e material de propaganda, parte do qual foi impresso nos EUA e na Dinamarca. No mesmo sábado de Pentecostes, houve uma concentração de 200 oficiais das antigas tropas hitlerianas em Nassau. Este encontro motivou uma manifestação de dirigentes sindicais e das juventudes socialistas e democrata-cristãs contra as SS. Na cidade de Dortmund, 300 jovens manifestaram-se também contra uma concentração ali realizada pelo partido neofascista.

Facto significativo: os oficiais dos Serviços para a Protecção da Constituição (o FBI da RFA) tiraram fotografias aos manifestantes antinazis tanto em Nassau como em Dortmund.

● O SECRETÁRIO DO PSOE, Felipe Gonzalez, levantou uma grande celeuma em Espanha, ao defender negociações com a organização separatista basca ETA, responsável por uma nova vaga de atentados no País Basco e acusada por meios políticos de causar a «desestabilização» da frágil pré-democracia espanhola. Igual posição defendeu o presidente da Generalitat catalã, Josep Tarradellas, que propôs uma mesa redonda entre o Governo basco no exílio e o conselho basco representativo da ETA. Tarradellas avistaram-se à esta semana em Paris com representantes do Conselho Geral Basco. Todas as tentativas oficiais de negociações com a ETA se têm até agora processado em atmosfera de segredo. Enquanto isto, o PC basco criticou vivamente a ETA e o terrorismo que durante a semana da amnistia ela lançou sobre a região, causando cinco mortos.

GANHE UMA VIAGEM AO EGITO
PARTICIPE NO CONCURSO DA COLECCAO ESFINGE

A DESCOBERTA DA ESFINGE

UMA SEMANA INESQUECIVEL NO PAIS DOS FARAÓS E DAS PIRÂMIDES

Cairo, Menfis, Sakara, Pirâmides de Gisé, Esfinge, Assuão, Ilha Elefantina, Jardim Botânico, Mausoléu de Aga Khan, Kamake, Vale dos Reis, Colosso de Memnon, Luxor

COMO PARTICIPAR:

AO ADQUIRIR O SEU LIVRO DA COLECCAO ESFINGE PEÇA O RESPECTIVO POSTAL RSF, PREENCHA-O E ENVIE PARA EDIÇÕES 70, AV. DUQUE DE ÁVILA, 69 R/C ESQ., LISBOA, E FICARÁ HABILITADO A UM DESTES PRÉMIOS

- 1.ª - VIAGEM «EUROPEIA» AO EGITO, VÁLIDA PARA 2 PESSOAS
- 2.ª - VALE DE COMPRAS DE LIVROS DAS EDIÇÕES 70, DE 10.000\$00
- 3.ª - VALE DE COMPRAS DE LIVROS DAS EDIÇÕES 70, DE 5.000\$00

Viagem organizada pela

EUROPE

AGÊNCIA TURÍSTICA LDA.

COLECCAO **e** ESFINGE

edições 70

Av. Duque de Ávila, 69-r. c. Esq.
Telefs. 55 68 98 52 91 01 - Lisboa-1

Distribuidora: Diglivro,
Rua das Chagas, 2 - Lisboa-2

AMSTERDAM
1 semana

PERÍODOS	PREÇOS
ABRIL	24 e 30
MAIO	21 e 24
JUNHO	7 e 21
JULHO	5 (n)
SETEMBRO	27
OUTUBRO	1 e 22

(*) O período de VERÃO (10 Junho a 18 Setembro) terá programação especial. PEÇA NOS PROGRAMAS

preços desde **7.100\$**

INCLUINDO:

- Viagem aérea
- Estadia no Hotel (6 noites)
- A visita constante do programa
- Taxas de Estado, turismo e serviço.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

abreu
fundada em 1840

PORTO Av. dos Aliados 209 - Tel. 317921
LISBOA Av. da Liberdade 160 - Tel. 317341
COMBRA Avenida Sá Carneiro - Tel. 277012
FARO Rua da Câmara 65 - Tel. 277012

AFRICA

A Frente de Libertação do Congo avança para a base de Kamina



Mobutu

Depois de terem tomado as cidades de Kolwezi e Mutshatsha, as forças da Frente de Libertação do Congo, estão a avançar em direcção à importante base militar de Kamina, de importância estratégica, e entroncamento ferroviário.

O Exército zairota desencadeou um contra-ataque, apoiado por caças-bombardeiros «Mirage», que metralharam posições rebeldes no Aeroporto de Kolwezi.

Testemunhas oculares na área afirmaram que a torre de controlo e os hangares do aeroporto da cidade ocupada pelas forças da FNLC foram incendiados. Cinco aviões militares «Macchi», de fabrico italiano, da Força Aérea zairota foram destruídos.

Entretanto, em algumas capitais europeias decorriam ao fim da tarde de ontem reuniões destinadas a apreciar o pedido de auxílio que o presidente Mobutu dirigiu a esses países, pedido esse estendido aos Estados Unidos e à China.

A Frente de Libertação do Congo, com sede em Paris, exortou os Governos ocidentais a não interferirem no conflito e acusou de falsas as declarações de Mobutu a respeito de uma alegada participação da União Soviética e Cuba na rebelião.

Já no conflito verificado no ano passado, na mesma província, esmagado com auxílio da França e de Marrocos, Mobutu levantara a questão da participação cubana, o que diplomatas ocidentais afirmaram posteriormente não ser verdade.

O Comité Zaire, com sede em Bruxelas, que

apoia os rebeldes condenou a intervenção de Governos ocidentais no Zaire, tendo afirmado que «este conflito é interno e originado pela degradação das condições de vida no Zaire».

Por outro lado, a União Soviética, por intermédio da agência oficial Tass, desmentiu qualquer envolvimento nos acontecimentos de Shaba. A República Popular de Angola, tal como a URSS, anunciou que nada tinha a ver com o que passa no Zaire.

Num comunicado difundido em Luanda, o ministério acentua «que as zonas onde foram anunciadas as confrontações não se situam na fronteira com Angola». «Isto», acrescenta o comunicado, «ressalta da notícia difundida pela agência noticiosa zairense (AZAP), que dá a ideia de levantamentos internos da população da região do Shaba.»

«A população do Leste angolano prossegue pacificamente as suas tarefas de reconstrução nacional, continuando a dar uma assistência fraterna, aos refugiados zairenses que encontraram asilo no nosso país», acrescenta o comunicado.

As Embaixadas dos Estados Unidos e de países ocidentais em Kinshasa fizeram já planos para retirar os seus cidadãos da província de Shaba — disseram fontes diplomáticas na capital zambiana.

Por outro lado, entre as informações que vão chegando a Bruxelas sobre o desenrolar da situação no Zaire, algumas referem a prisão de vários europeus, cujas identidades se desconhecem e que estariam agora em poder das tropas rebeldes.



O presidente zambiano, Kenneth Kaunda, que desde ontem se encontra de visita oficial a Londres avistou-se com o primeiro-ministro James Callaghan. Informadores britânicos revelaram que os dois estadistas concordaram em intensificar os esforços para a obtenção de um cessar-fogo negociado na Rodésia, pois consideraram que as consequências do incremento das actividades guerrilheiras seriam muito graves. Callaghan terá também agradecido a Kaunda o apoio que este tem dispensado ao plano anglo-americano para a Rodésia.

Comores amigas da França

As Comores vão adoptar o «socialismo liberal», segundo uma emissão da Rádio Nacional daquele pequeno país africano, onde há quatro dias se registou um golpe de Estado. A emissão anunciou ainda a elaboração próxima de uma nova Constituição e a organização de eleições legislativas. Tal como se esperava, o regime é abertamente favorável à França, antiga potência colonizadora do arquipélago. O deputado gaullista Michel Debré declarou ontem que, se o novo regime pedir ajuda à França, esta deve ajudá-lo. Segundo o jornal «L'Humanité», órgão do PCF, as tropas francesas destacadas na ilha de Mayotte (que permanece integrada na França na sequência de uma farsa referendária) poderiam ser enviadas para o restante território em apoio do novo Governo. Por outro lado, o jornal socialista «Le Matin» revela que os homens de negócios franceses vêem com bons olhos a mudança de regime.

● A IGREJA CATOLICA nomeou o primeiro arcebispo negro da África do Sul, segundo revelou hoje um informador eclesiástico.

Disse que o reverendíssimo Peter Buthelezi, bispo de Umtata, na região autónoma negra de Transkei, fora nomeado bispo de Bloufontein, uma área fortemente sob a influência das Igrejas protestante e reformista holandesas, dominadas pelos brancos.

Acrescentou que não fora marcada data para a cerimónia de sagração em Bloufontein, onde vivem apenas alguns milhares de brancos entre os 60.000 católicos.



O coronel Mengistu Mariam, dirigente etíope, confirmou que está em acção uma vasta ofensiva na Eritreia. Segundo uma emissão da Rádio Adis Abeba, citada pela agência Reuter, Mengistu afirmou num gigantesco comício em Harar que «neste momento exacto as massas populares e as forças antipopulares estão a combater na região da Eritreia». O dirigente etíope citou a URSS, Cuba, Iemen, do Sul e RDA como países amigos da Etiópia, que se mantém «solidária com as grandes massas etíopes e a sua revolução». Parece assim confirmados os pontos essenciais da notícia dada ontem em Damasco pela agência noticiosa eritreia, segundo a qual os etíopes tinham lançado uma grande ofensiva terrestre, aérea e naval na Eritreia.

ASIA

Teerão ocupada pelo Exército

A tensão reina no Irão depois de as forças de segurança terem carregado contra uma multidão de estudantes opositores em Teerão, capital praticamente ocupada por efectivos do exército.

Os estudantes, em número superior a dois mil realizaram uma manifestação na cidade universitária de Teerão, com o fim de exigir ao reitor a evacuação dos guardas armados que vigiam este centro de estudos superiores e a reintegração de mais de 150 alunos expulsos.

Todavia, a Polícia de choque e o exército actuaram rapidamente e conseguiram isolar a maior parte dos manifestantes, dispersando-os em seguida à bastonada.

A energia evidenciada pelas forças da ordem na acção repressiva, interpreta-se como uma prova de que o Governo iraniano está disposto a cumprir a sua advertência no sentido de que a toda a demonstração por parte dos opositores se responderá pela força.

Devido à tensão criada pelos acontecimentos ontem verificados na Universidade e à crescente deterioração da situação política iraniana, os típicos negociantes do bairro comercial o «Baazar» não abriram as lojas, apesar da presença das forças de segurança encarregadas de assegurar a ordem.

As ruas da capital estão desertas e apenas circula um ou outro automóvel, pois os condutores

res de táxis decretaram greve, a fim de protestar contra o alto preço da gasolina no Irão, país que figura entre os mais destacados produtores de petróleo.

Por outro lado, numerosos tanques pesados tomaram posição em QOM, cidade santa dos muçulmanos, «chiitas» situada 140 quilómetros a Sul de Teerão, e que foi cenário de importantes manifestações de protesto, na terça e quarta-feiras da semana passada.

Numerosas cidades e províncias do Irão foram agitadas nos últimos tempos por desordens e outras manifestações organizadas por activos elementos opositores ao Governo do xá Reza Pahlevi, que deixaram o saldo de 13 mortos e de mais de uma centena de detidos.

Enquanto a tensão aumenta, teme-se que as tropas que ocupam os pontos nevralgicos de Teerão utilizem as armas. O xá do Irão prepara-se para, iniciar hoje uma visita oficial à Hungria.

Entretanto, a agência noticiosa Libia informa que o Imã El Talkani, importante personalidade religiosa chiita, foi executado pelas autoridades iranianas.

Em telegrama datado de Teerão, a agência libia acrescenta que o Imã «tinha sido condenado a dez anos de prisão, depois de ter rejeitado uma oferta (não especificada) do xá». A agência não precisa a data da execução.

cadeia de Lahore, no sábado passado. Os quatro tinham sido condenados a flagelação por um tribunal, pelo facto de terem feito greve da fome. A União Federal dos Jornalistas do Paquistão revelou que mais de cem pessoas foram presas até agora por protestarem contra as restrições aplicadas pelo Governo à imprensa. Os jornalistas exigem a libertação dos presos e o reaparecimento do jornal «Musavab», órgão do partido do ex-primeiro-minis-

tro, Ali Bhutto, fechado pelo Governo militar de direita. A Amnistia Internacional, organização humanitária com sede em Londres, exprimiu ontem a sua preocupação pela situação que se vive no país, nomeadamente pela pena de açoitamento. A Amnistia Internacional pediu também ao Governo de Islamabad que cumtasse a sentença de morte imposta ao ex-primeiro-ministro Ali Bhutto e a mais quatro pessoas condenadas na mesma ocasião.

MUNDO SOCIALISTA

Ceausescu em Pequim

O Presidente Nicolau Ceausescu da Romênia denunciou os perigos da «confrontação entre blocos militares antagonizados» na Europa — uma das principais preocupações dos dirigentes chineses — durante um baquete oferecido em sua honra, segunda-feira, na capital chinesa.

Salientando — como costumam fazer os dirigentes de Pequim — os perigos duma nova guerra mundial, o Chefe do Partido Comunista Romano condenou a «tendência para repartir de novo o mundo em esferas de influência» e afirmou a solidariedade do seu país com todos os países em vias de desenvolvimento e os países não-alinhados.



LONDRES 1 SEMANA

FÉRIAS OU NEGÓCIOS

PARTIDAS em avião especial TAP:

SÉRIE «A» Domingos

Abril 2, 9, 16, 23, 30
Maio 7, 14, 21, 28
Junho 4, 11, 18, 25

Preços excepcionais desde *

5.650\$

* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: «Fui a Londres numa daquelas viagens baratas de abreu»

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu
Fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade 150 • Telef. 371341
PORTO A. dos Aliados 207 • Telef. 317921
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

1 semana na SUÉCIA e DINAMARCA

JUNHO 5 AGOSTO 7, 14, 21
JULHO 17 SETEMBRO 4, 18

- Viagem em avião
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Acompanhante

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu
Fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade 150 • Telef. 371341
PORTO A. dos Aliados 207 • Telef. 317921
COIMBRA Rua da Sota 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Encontro com a Sorte" de Ted Kotcheff

A fama entretanto conquistada por Richard Dreyfuss faz com que agora nos chegue este filme de 1974; era o tempo em que Dreyfuss se lançava, freneticamente, na senda do estrelato. Realizado pelo canadiano Ted Kotcheff, **Encontro com a Sorte** (The Apprenticeship of Duddy Kravitz, no título original) não é, porém, uma mera exibição do talento extrovertido daquele que é, hoje, um dos mais famosos, e mais bem pagos, novos actores americanos.

Traçando a carreira ascensionial do judeu Duddy Kravitz, **Encontro com a Sorte** (título português em total contradição com o filme) é a história amarga de um «herói» no perde-ganha de uma luta pelo poder económico. E o que é curioso nesse percurso é a transfiguração do «herói», a involução testemunhada à medida que o sucesso chega.

Duddy Kravitz começa por ser um personagem simpático, um personagem por quem o espectador «torce» na sua luta. Pouco a pouco, de um modo deslizando, quase imperceptível, esse personagem vai



Micheline Lanctôt e Richard Dreyfuss, trajetórias diversas em «Encontro com a Sorte»

trocando amigos e sentimentos, ideais e esperanças, pelo sucesso, que era um sonho «humano» (a posse do lago e dos terrenos em redor) passa a ser uma obsessão à qual se sacrifica tudo e todos. De um jovem em busca de um «lugar ao sol», Duddy Kravitz transfor-

ma-se num oportunista cínico, uma espécie de pequeno Charles Foster Kane de um quarteirão judeu de Montreal.

Seria talvez bom abordar, a respeito deste filme, a questão judaica tal como ele no-la testemunha. Saber até que ponto este filme é antijudaico ou se,

ao invés, ele apenas se revolta contra a impudência com que alguém (judeu ou não) pisa pessoas e sentimentos em troca do sucesso económico.

É um facto, parece-nos, que não é o acaso que faz com que este personagem seja judeu. Há nele, com efeito, um espírito de clan fortíssimo (não confundir com espírito familiar), uma vontade que não é só a sua mas se ancora em motivações de grupo. Kravitz não se insere na sociedade como um corpo estranho mas também não se pode dizer que esteja em sintonia com ela. Kravitz quer ganhar raízes (a posse da terra) ao mesmo tempo que se sente «de passagem». Ele é, indubitavelmente, um apátrida (um judeu que não sente o apelo da terra de Israel). No fim do filme ele será, definitivamente, um homem sozinho. Estará em **Encontro com a Sorte** uma análise breve de um dos fenómenos mais estranhos e complexos da nossa História? Estará neste filme desenhada a tragédia (a verdadeira tragédia) do povo judeu identificado (apressadamente) com histórias seculares de agiotas? Duddy Kravitz, no seu grasnar (primeiro divertido, logo sinistro) será a outra face do sionismo?

Será que um piano abana a cauda quando está contente?

«Seis sketches românticos e quatro aforismos musicais, eis como se apresenta um concerto de música-teatro anunciado para amanhã, quarta-feira, às 21.45, no AR.CO.

«Será que um piano abana a cauda quando está contente?» é a pergunta-tema que servirá de ponto de partida para Rui Calapez e Carlos Trindade, responsáveis pelo espectáculo.

Rui Calapez estudou composição com Jorge Peixinho e Henri Pousseur e apresentou o seu primeiro trabalho em colaboração com o grupo «Logos»,

de Gand, Bélgica, no IX Festival Internacional de Mixed-Media, em Janeiro de 1974. Carlos Trindade estudou piano e composição no Conservatório Nacional.

Os dois artistas trabalham juntos desde finais de 1975 e apresentaram no VIII Festival de Gand dois trabalhos, intitulados «O incêndio acabou por falta de água» e «Se vires um homem com um tronco às costas, ele pode ser músico».

Os bilhetes serão vendidos ao preço de 50 escudos, no AR.CO; à Rua de Santiago, 18 (ao Castelo).

AMANHÃ NA RTP

"Dom Quixote, as Velhas Viúvas e a Rapariga dos Fósforos"

«Dom Quixote, as Velhas Viúvas e a Rapariga dos Fósforos», conto de José Cardoso Pires, adaptado à TV por Luís Galvão Teles, será apresentado pela estação do Lumiar amanhã à noite.

«É uma experiência nova e que me interessa muito prosseguir, isto de fazer adaptações de contos», disse Luís Galvão Teles à ANOP, e acrescentou: «É a forma de fazer ficção com poucos meios e em pouco tempo».

Trata-se de um filme de meia hora e foi adaptado para o cinema pelo próprio realizador em cinco dias, filmado em oito milímetros e montado em quinze.

Este será o terceiro conto português apresentado pela Televisão na sua programação recente. No último Natal, foi passado um de Maria Judite de Carvalho, depois houve a

adaptação de «O Viúvo», de David Mourão Ferreira, sabendo-se que há vários outros em projecto, entre os quais um de Agustina Bessa Luís e outro de Miguel Torga («O Milagre»).

Se isto for uma nova linha adoptada pela Televisão, poderá inserir-se num esquema de apoio aos cineastas portugueses que Fernando Lopes, em recente debate no Centro Nacional de Cultura, afirmou ser intenção da RTP levar a cabo.

Luís Galvão Teles afirmou que Cardoso Pires lhe parecia ser um dos autores portugueses mais interessantes para um cineasta, «porque tem já de si um ritmo cinematográfico e porque os seus personagens têm uma grande força por dentro». E prosseguiu: «Penso que, num filme de Televisão, interessa sobretudo criar situações de tensão dramática, mais do que contar uma história».

Artistas brasileiros compram única discográfica nacional

Um grupo de artistas progressistas brasileiros comprou a única empresa discográfica de capital nacional existente no Brasil.

A decisão dos artistas em comprar a empresa discográfica que estava à beira da falência deve-se, segundo uma das mais conhecidas figuras do samba, o popular Paulinho da Viola, à necessidade que os artistas brasileiros têm «de lutar para não perderem a guerra do long-play».

De facto, diz Paulinho da Viola, «o monopólio das multinacionais obriga o Brasil a escutar uma música que não sen-

te, mas a que acaba por se acostumar por tanto ouvir».

«É uma penetração intelectual de que as autoridades brasileiras parece não se terem apercebido, mas que causa um enorme mal à cultura brasileira», afirma Paulinho da Viola, que acrescenta ainda que a música produzida por aquelas multinacionais «nem sequer representa o sentir do povo das grandes potências de onde provém».

«A nova discográfica editará música brasileira e também a de outros países, desde que represente o verdadeiro folclore dos seus povos», diz o cantor.

Palácio Foz apresenta ciclo "Cinema no Futuro"

Está a decorrer no Palácio Foz o ciclo «Cinema no Futuro», promovido pela Di-

recção-Geral de Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura.

6.ª SEMANA
TEATRO A MEIA-NOITE
NO SATELITE
GUILHERME e MARILEIA
um espectáculo onde se diz tudo, onde se incomoda!
io apolloni
pedro pinheiro

O ciclo iniciou-se ontem com a exibição de «Zardoz», de John Boorman. Para hoje está anunciada a apresentação de «Alphaville», de Jean-Luc Godard. Até final do ciclo serão exibidos os seguintes filmes: dia 17, «Tollerbal», de Norman Jewison; dia 18, «Um Cérebro por um Milhão», de Ken Russell; e dia 19, «A Beira do Fim», de Richard Fleischer.

As sessões realizam-se às 15.15, 18.15 e 21.15, sendo os bilhetes adquiridos na bilheteira do Palácio Foz.

TEATRO ABERTO P.de ESPANHA (metro: PALHAVA)
telef. 77 09 69

grupo 4 APRESENTA

a sátira musical

de ARY DOS SANTOS, AUGUSTO SOBRAL, RUI MENDES, FERNANDO TORDO, PAULO DE CARVALHO, PEDRO OSÓRIO
encenação de RUI MENDES

O caso da MÃOZINHA MISTERIOSA

com subsidio da S.E.C.

espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos

«...Um espectáculo importante em valores absolutos e porque representa uma contribuição que pode ser decisiva para a criação do espectáculo musical português.»

Carlos Porto («D. Lisboa»)

«ACONSELHO. SEM RESTRIÇÕES...»

M. H. Da Mesquita («A Capital»)

3.ª, 4.ª e 5.ª FEIRAS: às 21.45
6.ª FEIRAS: às 20 e 30 e 22 e 45
SÁBADOS: às 15 e 30, 20 e 30 e 22 e 45
DOMINGOS: às 15 e 30 e 20 e 30

UM CASO SÉRIO (DE MORRER A RIR) COM:

HENRIQUETA MAYA PAULO DE CARVALHO FERNANDO TORDO RUI MENDES
MOR AIS CASTRO LUISA BASTO PEDRO OSÓRIO HELENA ISABEL
FERNANDA CAMBRA CARLOS GONÇALVES ALVARO FÁRIA ADELAIDE FERRERA
PAULO GODINHO MANUEL MENDONÇA

ADOCQUE UMA BARRIGADA DE RISO!!!
Tel. 674476

DURANTE UMA CURTA TEMPORADA

ROUPA VELHA

ÊXITO ESPECTACULAR!

SEIS ANOS DE REVISTAS EM DUAS HORAS DE GARGALHADAS!

ATENÇÃO AOS HORÁRIOS:
DE SEGUNDA A QUINTA-FEIRA AS 21.30 H.
AS SEXTAS E SÁBADOS AS 20.30 E 22.45 H.
NO DOMINGO AS 18.00 E 21.30 H.
FOLGA AS QUARTAS-FEIRAS

MARTIM MONIZ (METRO SOCORRO)

NÃO ACONS. A MENORES DE 18 ANOS

Canal da Crítica

PSD, 10-PCP, 2 PARTIDA JOGADA NO CAMPO DO PSD

MARIO CASTRIM

A propaganda que a televisão portuguesa raramente proporcionou a peças de teatro de produção própria, é dada sistematicamente a produções estrangeiras. Assim aconteceu agora com «Sábado, Domingo e Segunda» várias vezes referenciada ao longo da semana. Não me parece condenável, antes pelo contrário. Lembrarei à televisão portuguesa a necessidade de transformar em regra, o que é excepção.

Em relação à peça de ontem, desse eu aqui um passo em falso e lá estávamos nós caídos em Bizâncio. Lá começávamos nós para aí a discutir da qualidade ou ausência de qualidade (ou de profundidade, se preferirmos) nas peças de De Filippo, ou da qualidade real ou ilusão de qualidade delas. Fiquemo-nos pela admiração do seu domínio do palco (ontem numa perfeita girândola) e pela sua arte de contar uma história simples, uma história napolitana que dificilmente saberemos até onde, na interpretação inglesa, fica distanciada do original. Conhe-

ce-se a influência que o emprego do dialecto napolitano exerce na própria qualidade cênica das obras de Eduardo De Filippo, mas a verdade é que há um preço a pagar em cada tradução. A tradução é das poucas trações que não apenas se perdoam, mas se devem incentivar.

Sábado, Domingo e Segunda conta-nos, com muita ciência, a história de um casal na menopausa do amor. Com o amor reencontrado, por obra e graça do ciúme, explosivo e retórico como todo o bom ciúme napolitano que se preza. Em volta disso, uma floresta de temas, de apontamentos humanos, de personagens mais ou menos acabados, mais ou menos esboçados. Cada qual com a sua fatia de romance que se prolonga nos desenvolvimentos possíveis a cargo do espectador. Mas ali, no palco, tudo a acabar em bem — porque a segunda-feira começa outra semana, começa outra vida, e quando recomeça outra vida há que arrumar tudo bem arru-

madinho, não permitir que os fantasmas prossigam a sua obra de destruição.

Dita em português, esta peça poderia ser um êxito para a nossa audiência. Mas assim, o seu alcance ficou altamente reduzido.

Não nos enganemos. Uma das mais fortes razões do êxito das noites de teatro, que antigamente apareciam no topo dos inquéritos, consistia em ser falado e não escrito. Alarguemos o conceito ao cinema e à televisão, em geral. Ontem, quantos espectadores teriam podido aguentar aquelas legendas, a passar, por vezes, à velocidade de 250 palavras por minuto, autênticas rajadas que eram?

A televisão há-de encarar a sério este problema. Enquanto não for possível a dobragem e se se está a trabalhar neste sentido eis o que totalmente ignora — importa rodear a legendação dos maiores cuidados. Não somos um país de letrados: somos um país com 40 por cento de analfabetos,

sem contar com os milhões de pessoas que sabem ler, sim, mas devagar, como el-rei D. Sebastião.

Claro que, quando lhe interessa, a televisão fala. E até fala demais. Como aconteceu ontem no Telejornal a propósito da reunião da Comissão política do PSD, em Portalegre. Nos dias anteriores larga cobertura se fez dessa reunião, apesar de, como expressamente se declarou, não se esperar dela quaisquer decisões importantes. Até meteu enviado especial, comentários telefonados (sobre vistas da cidade, muito moderno...) enfim, um regabofe. É faltar, vilanagem!

Ontem excedeu-se tudo quanto o mais elementar bom-senso ordenaria. Primeiro, a referência de Cerqueira. Depois, a reportagem em suíço, com leitura de comunicado pelo próprio dirigente do PSD, Meneres Pimentel. Após o que Cerqueira passa a palavra ao jornalista da RDP, Pedro Varanda, para um comentário sobre a tal reunião.

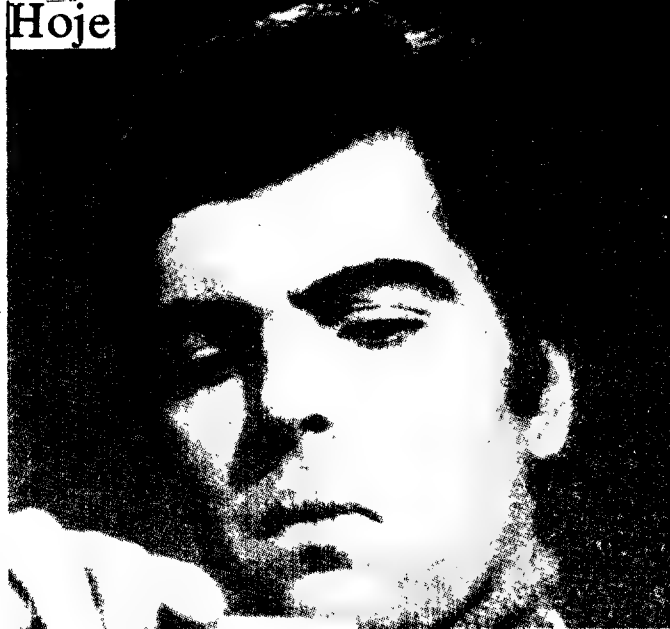
Parece que ficaríamos por aqui. Mas não. O folhetim da coxinha ia continuar, com a presença, em directo de... Meneres Pimentel. Para quê? Para debitar filosofias sem qualquer interesse sobre as fronteiras entre divisão, estilo e sensibilidade. Claro. No PSD reina a maior união. Está tudo dividido, mas a união permanece. É uma questão de... estilo. E a propósito de uma reunião tida como sem interesse, se gastaram 10 minutos, ou seja, um terço do telejornal.

Por outro lado, no PCP reunem-se o seu Comité Central. A Televisão vota-lhe o mais explosivo desprezo. Apenas condescende em fazer uma visita à conferência de imprensa, da qual não deu nem mesmo as perguntas que o seu reporter fez. Pela breve leitura dos 10 pontos básicos para a defesa da democracia, lidos por Alvaro Cunhal, fica-se com a impressão de que se trata de um documento político importante para o futuro do nosso país. A justificar, pelo menos, um tão amplo desenvolvimento como o concedido à reunião do PSD.

Mas não. O PCP teve de contentar-se com dois minutos e meio, e não digas que vais daí!

Este sujeito, este telejornal, está um vômito, um nojo. Todo ele atirado para a recuperação ideológica da antidemocracia. Um telejornal FMlgerado.

Hoje



Uma cena de «O Perito» na qual a TV apresenta esta noite o 3.º episódio

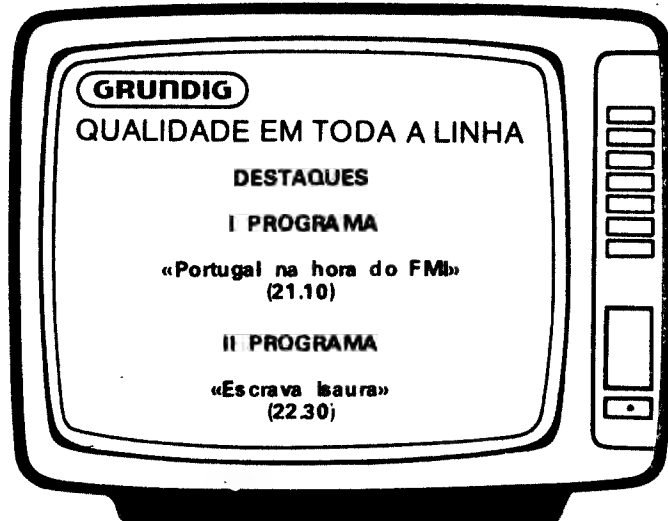
I PROGRAMA

- 18.25 Telejornal ... 2.ª edição
- 18.32 As Aventuras dos Hardy
- 19.25 O Retrato
- 20.00 Telejornal ... 3.ª edição
- 20.35 O Casarão ... A história e a sociologia brasileira dos primeiros anos da República até aos nossos dias. Episódio n.º 97 da telenovela de Lauro César Muniz. Realização de Daniel Filho. Produção da Central Globo de Televisão.
- 21.05 Boletim Meteorológico
- 21.10 Portugal na hora do FMI ... Com a presença do ministro das Finanças e do Plano dr. Vítor Constâncio.
- 22.10 O Perito ... hoje o 3.º episódio: «A Herança» com Marius Coring e Virginia Stride.
- 23.05 Telejornal ... 4.ª edição
- 23.10 Fecho

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

- 19.00 Ano Propedêutico
- 22.0 Telejornal
- 22.35 Escrava Isaura (repetição do episódio n.º 59)
- 23.05 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

09.15: Ano Propedêutico; 12.10: Falemos de agricultura; 12.40: Escrava Isaura-episódio n.º 62; 13.15: Telejornal ... 1.ª edição; 13.30: Ciclo Preparatório TV; 18.25: Telejornal ... 2.ª edição; 18.32: Sandmann ... 7.º episódio; 18.45: A volta ao Mundo das Fábulas; 18.50: Operação Pata Negra ... episódio n.º 4; 19.20: Lamié; 19.50: Vamos Jogar no Totobola; 20.00: Telejornal 3.ª edição; 20.35: O Casarão ... episódio n.º 98; 21.10: Boletim Meteorológico; 21.15: Concurso 31 de Bolas; 22.15: Dentro da cidade; 22.45: Contos portugueses; 23.10: Telejornal 4.ª edição; 23.15: Fecho

II PROGRAMA

19.00: Ano propedêutico; 22.00: Telejornal; 22.30: Escrava Isaura (Repetição do episódio n.º 60); 23.05: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

SÉRGIO AZEVEDO

apresenta no

TEATRO

ABC
Tel. 36 67 45

HOJE 2 SESSÕES

As 20.30 e 22.45

AOS DOMINGOS:

«Matinées» às 16 h.



A REVISTA ONDE,
SEM MEDO,
SE DIZEM
AS VERDADES



FLORBELA

Grande criação em «O Retrato»

- OCTÁVIO
- ANABELA
- ANTÓNIO CALVÁRIO
- VERA MÓNICA
- HERMAN JOSÉ

NINA FLORES

VICTOR NORTE

JOÃO LUÍS

LIA SARA

A frente de uma
grande companhia

AMANHÃ
ESTREIA ÀS 21.30 **EDEN**
ARTES MARCIAIS
NO SEU MAIS ALTO EXPOENTE!
A Rebelião dos Lutadores
—Boxer Rebellion—
com
Alexander Fu Sheng
Chang Cheh
Cine

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

CRUZEIRO PARA O INFERNO

com RICHARD HARRIS • ANN TURKEL • BURGESS MEREDITH
DOROTHY MALONE • JOHN VERNON • DAVID JANSSEN

Num casino flutuante, milionários jogam os seus destinos na roleta!



EMOÇÃO 'SUSPENSE' INTRIGA. NUM FILME DEVASTADOR!!!



ESTREIA
HOJE
ÀS 21.30
NOS CINEMAS



NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

COLORIDO

Henry Rono fabuloso: "record" mundial nos 3000 obstáculos

O queniano Henry Rono estabeleceu, ontem, em Seattle (EUA), novo recorde mundial dos 3000 metros obstáculos, ao conseguir o tempo de 8 minutos e 5,4 segundos. O anterior máximo pertencia, desde os Jogos Olímpicos de Montreal, ao sueco Anders Garderud, com o tempo de 8 minutos e 8 segundos.

Henry Rono junta o «record» dos 3000 metros obstáculos a um «palmarés» que já conta com o máximo mundial dos 5000 metros, estabelecido em 8 de Abril, em Berkeley (Califórnia) com o tempo de 13 minutos e 8,4 segundos.

Depois de na época passada, ter estado «parado» devido a lesão num joelho, Henry Rono (26 anos, 1,70 metros de altura e 64 kg) começou o ano de 1978 da melhor maneira, estabelecendo (a 28 de Janeiro, em Auckland) a melhor marca do ano dos 10.000 metros, com o tempo de 27.48,16. Em fins de Março, corria os 5000 metros em 13.22,7 para em 8 de Abril, bater o «record» de Quax por quatro segundos e meio.

Com este máximo, os atletas africanos dominam as provas de meio-fundo e fundo, nas distâncias olímpicas: e o Queniano marca posição de grande relevância, pois só nos 1500 metros é que surge um tanzaniano (Filbert Bayi) que detém o recorde (3.32,2) desde 2 de Fevereiro de 1974.

Nos 10.000 metros, o «record» pertence a Samson Komombwa que, em 30 de Junho de 1977, conseguiu (em Helsínquia) o tempo de 27 minutos e 30,5 segundos.

Reconhecida oficialmente em 1954, a prova dos 3000 metros obstáculos tem sido dominada por atletas europeus, com excepção de um período de dois anos (de 1973 a 1975) em que o máximo mundial pertenceu a outro queniano, Benjamin Jipcho.

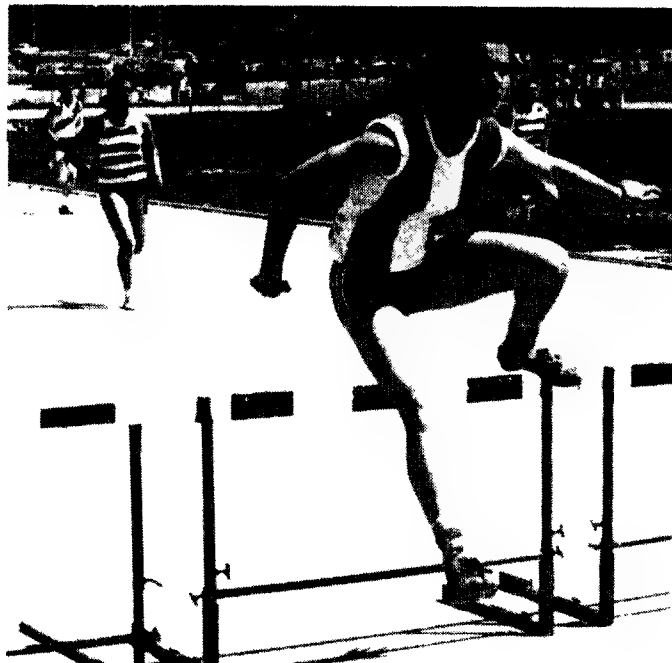
A cronologia do recorde mundial, desde que a prova foi

reconhecida oficialmente é a seguinte: 8.49,6 — Sandor Rozsnyoi, Hungria, (28.8.1954 — Berna); 8.47,8 — Pentti Karvonen, Finlândia (1.7.1955 — Helsínquia); 8.45,4 — Pentti Karvonen, Finlândia (15.7.1955 — Oslo); 8.45,4 — Vasily Vlasenko, URSS (18.8.1955 — Moscovo); 8.41,2 — Jerzy Chromik, Polónia (31.8.1955 — Brno, Checoslováquia); 8.40,2 — Jerzy Chromik, Polónia (11.9.1955 — Budapeste); 8.39,8 — Semyon Rzhishchin, URSS (14.8.1956 — Moscovo); 8.35,6 — Sandor Rozsnyoi, Hungria, (16.9.1956 — Budapeste); 8.35,6 — Semyon Rzhishchin, URSS (21.7.1958 — Tallin); 8.32,0 — Jerzy Chromik, Polónia (2.8.1958 — Varsóvia); 8.31,4 — Zdzislaw Krzyszkowiak, Polónia (26.6.1960 — Tula, URSS); 8.31,2 — Grigoriy Taran, URSS (28.5.1961 — Kiev, URSS); 8.30,4 — Zdzislaw Krzyszkowiak, Polónia (10.8.1961 — Walsz, Polónia); 8.29,6 — Gaston Roelants, Bélgica (7.9.1963 — Leuven, Bélgica); 8.26,4 — Gaston Roelants, Bélgica (7.8.1965 — Bruxelas); 8.24,2 — Jouko Kuha, Finlândia (17.7.1968 — Estocolmo); 8.22,2 — Vladimir Dudin, URSS (19.8.1969 — Kiev, URSS); 8.22,0 — Kenny O'Brien, Austrália (4.7.1970 — Berlim); 8.19,8 — Benjamin Jipcho, Quénia (19.6.1973 — Helsínquia); 8.14,0 — Benjamin Jipcho, Quénia (27.6.1973 — Helsínquia); 8.10,4 — Anders Garderud, Suécia (25.6.1975 — Oslo); 8.09,8 — Anders Garderud, Suécia (1.7.1975 — Estocolmo); 8.08,0 — Anders Garderud, Suécia (28.7.1976 — Montreal, Canadá); 8.05,4 — Henry Rono, Quénia (15.5.1978 — Seattle, Washington).

A checoslovaca Helena Fibingerova estabeleceu a melhor marca mundial do ano do lançamento do peso com 21 m 60, no decorrer de um torneio de atletismo que se está a dis-

putar em Rehlingen (Sarre). Fibingerova era a detentora do melhor lançamento do ano quando, há dois dias, em Goettingen, lançou o engenho a 21 m 42.

Karl-Hans Riehm, da Alemanha Federal, obteve a melhor marca do ano do lançamento do martelo, ao conseguir 79,12 metros, durante um torneio internacional realizado em Rehlingen. Riehm ficou apenas a 18 centímetros do recorde do Mundo, que pertence desde 14 de Agosto de 1975 ao seu compatriota Walter Schmidt.



Ana Paula Mota, do FC do Porto: 400 metros barreiras corridos em 66,5 segundos e título nacional de juniores, a juntar ao conseguido nos 100 m barreiras. Na prova de 100 metros planos, a jovem azul-branca conseguiu um recorde nortenho: 12,3 s.

Brasil: "torcida" torce o nariz

Pela primeira vez desde 5 de Março, data do início do estágio de preparação para o «mundial» de futebol, nenhum adepto se deslocou ao aeroporto do Rio de Janeiro para receber a equipa de futebol do Brasil.

A exibição do «escrute canarinho», no Recife, na noite de sábado passado, em que empatou sem golos com uma selecção local, foi tão medíocre que a «torcida» resolveu, com esta ausência total no aeroporto, manifestar a sua completa decepção.

Três remates em 90 minutos, um festival de hesitações, corridas sem tino pelo «gramado» e uma série de «mal-entendidos» entre os jogadores (que continuam a não ligar entre si) caracterizaram, segundo os críticos, este desafio, que decorreu numa monotonia desesperante.

Entretanto, o treinador Cláudio Coutinho apressou-se a prometer uma modificação radical do estilo de jogo da equipa brasileira, falando de «variedade, velocidade de execução, abnegação, polivalência», etc... Mas, segundo os críticos, a equipa brasileira perdeu o que tinha de típico: o poder de criação e a imaginação dos seus jogadores. E

faltam apenas 15 dias para a viagem à Argentina...

BOLA FOIA O AR

Consternação na capital argentina: a gigantesca bola de futebol simbolizando o 11.º campeonato do Mundo desapareceu ontem, no ar. Este balão, de 10 metros de diâmetro, encerrado entre duas mãos com as cores da Argentina, devia ser colocado por cima duma torre tubular de várias dezenas de metros de altura, defronte da entrada principal do Estádio de River Plate.

Colocada no centro do relvado do estádio, a esfera (cheia de hélio e lastrada com sacos de areia) elevava-se progressivamente enquanto que, utilizando cabos de aço, os operários guiavam-na até ao seu local. Mas, no momento de ser fixada na ponta do tubo, o vento fê-la rodopiar, rompendo-se os fios e o balão perdeu-se no céu.

Durante a noite passada, foi procurado activamente, porque se fosse recuperado evitava-se a perda de tempo necessária para fabricar outro balão.

RELVA COMO «SOUVENIR»

O River Plate, estuda a hipótese de vender, a um grupo alemão, a relva onde se disputarão alguns dos jogos do «mundial» de futebol, por um quarto de milhão de dólares (cerca de 10 mil contos).

O seu estádio, o maior da Argentina, foi escolhido para o encontro de inauguração do próximo campeonato mundial, entre as selecções da Alemanha Federal e da Polónia, em 1 de Junho próximo.

Sabe-se que, inicialmente, o

objectivo era adquirir a relva do campo de jogos, mas que a operação poderá sofrer uma variante. Ao receber a insólita proposta, o presidente do River Plate pediu seis milhões de dólares (240 mil contos), pelo que o grupo alemão talvez esteja apenas na disposição de adquirir a relva que cerca o rectângulo de jogo.



Pensa-se, inclusive, que a relva será fraccionada para ser vendida como «souvenir» de excelente cotização, no caso da Alemanha ser novamente campeã do mundo.

ALEMANHA FEDERAL TERÁ PROTECÇÃO POLICIAL PRÓPRIA

As autoridades da Alemanha Federal desejam assegurar elas próprias a protecção do «orze» nacional que em 23 do corrente parte para a América do Sul para disputar o campeonato do Mundo na Argentina.

O jornal «Bild am Sonntag», anunciou que dez membros da Unidade antiterrorista (GSG-9), assim como elementos do grupo de Segurança do Secretariado Federal da Polícia Criminal, escoltarão os jogadores alemães, em Buenos Aires.

Escócia: os viajantes

O treinador da selecção escocesa de futebol, Ally McLeod, anunciou os nomes dos 22 jogadores escolhidos para a fase final do campeonato do Mundo, que se inicia em 1 de Junho, na Argentina.

McLeod não incluiu na sua lista os avançados Andy Gray (do Aston Villa) e Ian Wallace (do Coventry), preferindo Joe Harper (do Aberdeen), para grande surpresa da maioria dos adeptos escoceses. Por outro lado, o treinador da selecção escocesa reafirmou a sua preferência pelo guarda-redes Alan Rough (do Partick Thistle) cujas exhibições têm sido muito criticadas.

A lista oficial da selecção escocesa terá que dar entrada na FIFA até 22 do corrente. Até lá, o treinador tem a possibilidade de efectuar as alterações que desejar.

A lista anunciada por McLeod é a seguinte:

Guarda-redes: Alan Rough (Partick Thistle), Bobby Clark (Aberdeen) e Jim Blyth (Coventry City).

Defesas: Sandy Jardine (Rangers), Stuart Kennedy (Aberdeen), Gordon McQueen (Manchester United), Tom Forsyth (Rangers), Kenny Burns (Nottingham Forest), Willie Donachie (Manchester City) e Martin Buchan (Manchester United).

Médios: Archie Gemmill (Nottingham Forest), Bruce Riach (Derby County), Don Mason (Derby County), Asa Hartford (Manchester City), Lou Macari (Manchester United) e Graeme Souness (Liverpool).

Avançados: Kenny Dalglish (Liverpool), Joe Jordan (Manchester United), William Johnstone (West Bromwich Albion), Derek Johnstone (Rangers), Joe Harper (Aberdeen) e John Roberston (Nottingham Forest).

-Modalidades

TIRO AO VOO

Apenas 278 atiradores se mantêm em prova, ao fim do 1.º dia do 42.º campeonato mundial de tiro ao voo, que está a decorrer nas instalações do Clube Português de tiro a chumbo no Parque de Monsanto, em Lisboa.

Iniciaram a competição 526 atiradores, em representação de 16 países. O campeonato é disputado a 25 pombos, sendo os concorrentes eliminados à 3.ª falha.

Ao fim da oitava volta, ontem disputada, mantêm-se em prova (entre outros) o campeão mundial, Humberto Bellicieri (da Itália) e o campeão português, António de Sousa Uva.

A Itália é o país com maior número de atiradores inscritos no campeonato (147) logo seguido de Portugal (138). Seguem-se-lhes Espanha (96), França (41), Estados Unidos (37), Brasil (18), Argentina (10), Austrália, Bélgica e Marrocos (8 cada), México (6), Venezuela (5) e Porto Rico, Holanda, Canadá e Argélia (1 atirador cada).

HIPISMO

Os cavaleiros belgas dominaram, ontem, em Madrid, o Grande Prémio das Nações, 7.ª prova do 68.º Concurso Internacional de Saltos de Obstáculos, iniciado na passada sexta-feira, nas pistas da Sociedade Real Hípica de Madrid. A equipa portuguesa classificou-se no 4.º lugar.

A classificação ficou assim ordenada: 1.º, Bélgica, 8 pontos; 2.º, França, 8; 3.º, Espanha, 12; 4.º, Portugal, 20 (com «Lotus II», montado pelo cap. Balula Cid; «Ribamar», do cap. Pimenta da Gama; «Habit Rouge» de M. Caldeira e «Eaussevillais», de Malta da Costa).

CICLISMO

O italiano Giuseppe Saronni ganhou a 8.ª etapa do «Giro» de Itália (Benevento/Ravello, 165 km) cortando a linha de chegada com 18 segundos de avanço sobre o seu compatriota Gianbattista Baronchelli, enquanto o belga Johan de Muynck continua no comando da classificação geral.

ANDEBOL

O Liceu Pedro Nunes é campeão de Lisboa da III Divisão, mercê da sua vitória, na última jornada, sobre a AEP por 29-22.

TIRO COM ARCO

Resultados do Campeonato Regional do Centro de tiro ao arco, disputado em Tomar, em juniores: 1.º Eduardo Carrão, Sporting Clube de Tomar, 875 pontos; 2.º Alberto Fernandes, SCT, 698; por equipas: 1.º SC Tomar, 2.113 pontos; seniores femininos na 1.ª categoria: 1.ª Madalena Martins, S.C.T., 921 pontos.

Masculinos, 3.ª categoria: 1.º Luís Rosa, SMCMTM, 726, 2.º Luís Feijão, SCT, 704, por equipas: 1.º S.C.T., 2.126 pontos.

França: transferências na balança

Terminado o Campeonato Francês de Futebol, da 1.ª Divisão, começa a agitar-se o mercado de transferências.

Embora nada haja ainda de oficial, o extremo-esquerdo Didier Six deixou já de desmentir que, na próxima época, irá para um clube belga: ou para o Brugges ou para o Anderlecht.

Jogar na 2.ª divisão, nunca — declarou Six, cuja equipa, o Lens, foi despromovida. É verdade (acrescentou) que recebeu várias propostas de clubes belgas, mas ainda não tomei uma decisão.

Por outro lado, persistem as notícias de que Michel Platini, do Nancy, actualmente a grande vedeta do futebol francês, irá na próxima temporada jogar por uma equipa estrangeira: o Inter (de Milão), o Cosmos (de Nova Iorque) e o Valência (de Espanha) mostraram já o seu interesse por Platini, mas o jogador reserva a sua decisão.

O «capitão» da selecção francesa, Marius Tresor, deve mudar de equipa, mas só se o Marselha, seu actual clube, concordar em rescindir o contrato, que é válido por mais dois anos. Tresor passaria para o Paris Saint-Germain.

Dominique Baratelli não esconde que já foi contactado pelo «Diplomate», de Washington, mas o guarda-redes do Nice não se mostra disposto a tentar para já uma deslocação para os Estados Unidos. É uma experiência que gostaria de ter (afirmou Baratelli) mas ainda é cedo. Possivelmente, depois de mais dois ou três anos numa equipa francesa...

Em foco tem estado, também, o médio Dominique Bathanay, cujo contrato com o Saint-Étienne está a chegar ao fim. Todavia, nem o jogador nem o clube se pronunciam sobre o assunto.

A culminar, o treinador da selecção nacional francesa, Hidalgo, recebeu um convite para treinar na próxima época o Bordeaux, clube da 1.ª divisão.

«LES PORTUGAIS DE FONTAINEBLEAU»

Os trabalhadores portugueses emigrados em França têm também a sua equipa de futebol, por sinal no comando do Campeonato de Trabalhadores de Paris e Arredores. Segundo recortes da Imprensa especializada francesa, enviados pela direcção do clube luso, os seus triunfos sobre os adversários têm sido rotundos, como o atestaram os 7-1 com o Souppes, os 4-1 contra o Combs-la-Ville, e os 6-0 ante 6-0. Entretanto, são decorridas vinte jornadas e os portugueses somam 52 pontos, contra 45 (menos um jogo) do Corbeil e 44 do Boissy. Faltam duas jornadas para o termo da prova e «Os rapazes de Fontainebleau» já são campeões.

CRUZEIROS

P. & O. CRUISES

Fiordes da Noruega • Mar das Caraíbas • Canárias e Açores • Capitais do Norte da Europa • Nova Iorque e Bermudas. Seis magníficos cruzeiros nos paquetes CANBERRA e ORIANA.

EPIROTIKI LINES

Cruzeiros de 2, 3, 4 e 7 dias pelas Ilhas Gregas, Mar Egeu, e a Turquia e Egipto. Partidas semanais de Pireus, de Abril a Novembro.

VIAGENS RAWES

Lisboa - Rua do Carmo, 111 - Tel. 213 11 11
Lisboa - Rua do Carmo, 111 - Tel. 213 11 11
Lisboa - Rua do Carmo, 111 - Tel. 213 11 11

ALGARVE

FÉRIAS de VERÃO

Estádias (sem ou com transporte) em apartamentos, Moradias, Residências e Hotéis, nas belas praias Algarvias.

Programas • Reservas

VIAGENS RAWES

Lisboa - Correspondência: R. Bernardino Costa, 47
Expediente Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro - Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 2319516

SEGUNDO O "RECORD"

Estrangeiros
no futebol benfiquista?

Segundo o nosso colega «Record» (edição de hoje), diversos associados benfiquistas estão dispostos a solicitar uma assembleia geral, para ser autorizada a contratação de futebolistas estrangeiros pelo clube da Luz.

Recorda-se que apenas a assembleia geral do Benfica tem poderes deliberativos para tomar tal medida: e, como muito proximamente os associados da águia vão ser convocados para apreciar o relatório e contas da gerência de 1977, é provável que, na ocasião, o caso da eventual vinda de estrangeiros para o «plantel» do clube seja debatido. Apaixonadamente, como se adivinha, uma vez que há correntes colidentes dentro do Benfica.

ANTECIPAÇÕES

Como tem sido normal, foi feita antecipação de jogos dos campeonatos nacionais, realizando-se no sábado os seguintes encontros: I DIVISÃO — Boavista-Riopele, no Bessa, às 17 horas; II DIVISÃO — Zona Norte: Paços Brandão-Fafe, às 16; Famalicao-Paços Ferreira, às 17; e Sanjoanense-Lourosa, no Campo Eng.º Vidal Pinheiro (Porto), às 16. Zona Centro: U. Leiria-Mangualde, às 16. Zona Sul: Juventude-Sesimbra, às 15 e 30; II DIVISÃO — Série A: Tadm-Maria da Fonte, às 17. Série F: Quarteirense-U. Santiago Cacém, no Campo Municipal de Loulé, e Alcochense-Esperança, ambos às 16.

INICIADOS E JUVENIS

Na Federação realizaram-se ontem os sorteios dos jogos correspondentes à segunda fase das Taças Nacionais de Iniciados e de Juvenis, cujas primeiras jornadas se efectuam no dia 21, com o seguinte calendário:

INICIADOS — Série Norte: FC Porto-Vila Nova de Fozcoia e Marinhense-S. Félix da Marinha — Série Sul: Aferre-re-de-Barreirense e Benfica-Portimonense.

JUVENIS — Série A: Vila Real-Leixões e Sp. Braga-Vizela ou Varzim. — Série B: Feirense-Covilhã e Douro ou Crakes de Lamego-União de Coimbra — Série C: Torrens-Sporting e União de Santarém-União de Tomar — Série D: Farense-Benfica e CUF-V. Setúbal.

AZAR CONINBRICENSE

Belo, do Clube Académico de Coimbra, foi ontem operado de urgência, nos hospitais da Universidade de Coimbra,

devido a uma rotura intestinal contraída no decorrer do jogo com o Sporting de Braga.

José Belo, que foi operado pelo médico do clube, dr. Francisco Soares, encontra-se bem, podendo regressar em breve à prática do futebol.

BALANÇO FEIRENSE

Paulino (guarda-redes do Beira-Mar) transfere-se para o Feirense, na próxima temporada, ao mesmo tempo que cinco jogadores do grupo de Vila da Feira (Sobreiro, Acácio, Henrique, Cândido e Brites) renovam compromisso para prosseguir no emblema.

VARZIM

O defesa Guedes estará mais duas temporadas ao serviço do Varzim.

MARITIMO
EQUACIONADO

Ainda sem ter liberdade para pensar no futuro, em termos desafogados, já os problemas batem à porta do Marítimo: o defesa Franque recebeu bom convite para viajar até à Austrália, o colega Olavo é assediado pelo Académico de Coimbra e, enquanto o guarda Amaral permanece firme na tentativa de rescisão de contrato, o parceiro Quim esclarece que terá de voltar ao Porto, onde pertence por longo compromisso.

MARROCOS TENTA

Lardi Ben Barek, actual treinador do Málaga, equipa espanhola da 2.ª divisão, deverá recusar a proposta que lhe foi feita pessoalmente pelo rei Hassan II, para orientar a selecção de futebol de Marrocos,

na perspectiva do campeonato mundial de 1982, cuja organização foi confiada à Espanha.

Recebi propostas interessantes de um clube espanhol de 1.º plano, cujo nome prefiro ocultar — declarou Ben Barek. Esta semana, desloco-me a Marrocos para anunciar a minha recusa. A proposta do rei era interessante, mas difícil. A selecção de Marrocos é amadora e o seu nível pode considerar-se ainda muito baixo.

BARCELONA

O francês Lucien Muller sucede a Rinus Michels como treinador do Barcelona.

«TAÇA DA SUÍÇA»

O Grasshoppers (de Zurique) e o Servette (de Genebra) empataram (2-2) depois de prolongamento, na final da «Taça da Suíça» disputada em Berna, perante 33 000 espectadores.

Foi a primeira vez, desde 1958 que a final da «taça» terminou empatada. O novo encontro será disputado em 30 de corrente.

Ao intervalo o Servette venceu por 1-0, gol marcado por Peterhans, aos sete minutos. Ponte (61 minutos) e Elsener (aos 63) colocaram o Grasshoppers a vencer por 2-1, mas, dois minutos depois Andrey restabeleceu a igualdade. No prolongamento de 30 minutos o marcador não sofreu alteração. prática do futebol.

«TAÇA AMADORA
DA UEFA»

A Jugoslávia ganhou a «Taça da UEFA» de futebol amador ao vencer, na final, a Grécia (por duas bolas a uma) após prolongamento. Os golos jugoslavos foram marcados por Ziglic e Kurcebic. Kikos (56 minutos) marcou pela Grécia.

TREINADORES
NA RUA

A direcção do Borussia de Dortmund, clube da 1.ª divisão de futebol da Alemanha Federal, despediu o treinador Otto Rehagel, na sequência da derrota por 12-0 sofrida pela equipa frente ao Borussia de Moenchengladbach, na derradeira jornada do campeonato. O ex-internacional Sigi Held será, temporariamente, o orientador da equipa.

A direcção do clube aplicou ainda multas que vão até dois mil marcos (40 mil escudos), a vários jogadores, por falta de entusiasmo e de espírito de luta.

Por seu lado, Walter Fritzsche deixará o cargo de treinador do Dynamo de Dresden, campeão de futebol da República Democrática Alemã. Fritzsche (57 anos) passará a ser um observador do Dynamo e a sua missão será recrutar jovens valores para a equipa.

Desde que orienta a equipa, há nove anos, o técnico ganhou quatro campeonatos e duas «taças».



Espinho: três homens nas redes

Nas Antas, quando o árbitro António Espanhol (de Leiria) cumprimentou Raul (gravura de baixo) pela magnífica defesa que a última imagem ilustra, já o Espinho tinha ensaiado dois guarda-redes. Aliás, este facto seria o que de mais importante teve a partida do Porto com os «tigres», constituindo acontecimento inédito (ou quase), isso de uma equipa apresentar um guarda-redes (Gaspar), ver-se obrigada a recorrer ao seu suplente (Barrigana) — até aqui tudo é normal —, mas, por fim, ter de chamar o seu defensor (Raul) para as redes, também por lesão do segundo, por ser azar a mais. Mas foi o que sucedeu, como se verifica nesta sequência fotográfica.

ca de Bruno Neves: na primeira foto, Duda salta sobre Gaspar, mas não é suficientemente expedito para evitar a lesão deste (em toque de cabeça com a bota do brasileiro), como também (e ao lado) se observa; depois, foi Barrigana (que entrara para render aquele), que, num arrojado mergulho, deu com a cabeça num dos postes, abandonando também o rectângulo; e, por último, como acima referimos, é Raul, a merecer do árbitro o elogio que a imagem do lado perspectiva, a respeito do estilo demonstrado nesta intervenção, desviando para canto, todo felino e pleno de pose, um potente remate dos portistas.

HOJE

Assembleia: Na Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, a partir das 21 e 30, para apreciação da decisão tomada pela direcção da colectividade no encerramento do centro de convívio de campismo.

Andebol: Reunião da Comissão Técnica Distrital de Árbitros de Lisboa com os respectivos quadros na Praça da Alegria, 65 3.º a partir das 21.

Basquetebol: Taça de Portugal (masculinos) — 3.º eliminatória: Cruz Quebradense-Sacavenense, na Ajuda às 21 horas.

Ciclismo: Apresentação aos órgãos de Comunicação Social do 3.º Grande Prémio Clock e das 20 voltas a Santa-rém, nas

instalações da Fábrica Clock, em Santa-rém, às 18 horas.

Ténis de Mesa: Campeonato Regional de Equipas Seniores (reservas) Fase final: Sporting-Benfica, na mesa do Paço de Arcos, às 21 e 15. Sorteios da Taça Imprensa para todas as categorias, na sede da Associação de Lisboa, às 22 horas.

Voleibol: Campeonatos Nacionais — Seniores (masculinos) das II/III Divisões (Série P/2) ADAL-D Pedro V, no Liceu de Almada às 22. Torneio dos Não-Apuados seniores masculinos: Ginásio Amadora-Liceu Queluz, no recinto do segundo às 19 e 30. Juvenis femininos: Operário-António Arroios, no Liceu Gil Vicente às 19 e 45.

Xadrez: Campeonato Regional de Coimbra, no edifício Chiado, a partir das 21 horas.

TOTO BOLA
jogue connosco

Marítimo - Braga	4
Académico - Setúbal	X
Benfica - Estoril	1
Portimonense - Porto	1
Espinho - Feirense	1
Boavista - Riopele	1
Varzim - Sporting	1
Guimarães - Beirense	1
P. Brandão - Fafe	X
GT Vicente - Chaves	X
Beira-Mar - U. Tomar	1
E. Portelense - Portelense	X
Vasco da Gama - CUF	X

RAPIDAS RAPIDAS RAPID

A guerra das línguas na Bélgica ameaça envolver a «Volta à França» em bicicleta.

Activistas da comunidade belga que fala o holandês exigiram, numa carta enviada aos organizadores, que o holandês, em vez do francês, seja a língua oficial da corrida durante as primeiras etapas, na Holanda e na Bélgica. Se tal não acontecer poderão ocorrer reacções hostis e descontroladas contra a «Volta à França», acrescenta a carta.

A grande e clássica prova de ciclismo realiza-se no próximo mês.

Leon Spinks (campeão do Mundo dos pesos pesados) e Cassius Clay, terão que se contentar com quatro milhões de dólares cada um (menos do que lhes fora prometido) pelo jogo desforra, no próximo dia 15 de Setembro, em Nova Orleães.

Estes oito milhões de dólares de prémio (cerca de 350 mil contos) menos dois milhões do que para o jogo Foreman-Clay em 1974, em Quinxasa, serão cobertos pelo canal de televisão «ABC» e a receita dos guichets do «Superdome», o maior estádio coberto do Mundo.

HABITAÇÃO...

PROBLEMA? JÁ NÃO É!

CONTACTE-NOS AINDA HOJE

predial delma

— compra e venda de propriedades todos os generos, todos os locais, nas melhores condições e preços.
— terrenos para todos os fins.

tel. 578231

Provérbio: AGUA E SABÃO FAZEM O HOMEM SÃO.

Lisboa

TURNÓ 44
Até às 22 horas

ALMEIDA — Rua Silva Carvalho, 138. Tel. 681726. **BERNA** — Av. Berna 44-A. Tel. 773568. **BRISALIA** — Av. Rio de Janeiro, 68, 66-A. Tel. 722368. **CANTO** — Est. Laranjeiras, 202-B. Tel. 780841-788904. **CARDOTE, LDA.** — Av. Visconde Valmor, 28-A-C. Telefone 772291. **CENTRAL DO AREIRO** — Avenida de Paris, 2, 2-A. Tel. 720820. **CENTRO FARMACÉUTICO** — Rua Portas de St.º Antão, 88. Tel. 321211. **DURÃO** — Rua Garrett, 90-92. Telef. 324166. **ELMA** — Rua D. Maria Pia, 58-A. Telef. 686176. **HIGIENE** — Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Olivais). T. 310026. **IDEAL** — Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A. Tel. 892803. **LIDIA ALMEIDA** — Calç. da Ajuda, 170. T. 637318. **LYS** — Rua da Esperança, 17-19. Tel. 660913. **MARLUZ** — Calç. da Picheleira, 140-B-C. Tels. 720703-728395. **MARTINS, LDA.** — Rua Fernão de Magalhães, 33. Tel. 849448. **MONTE (do)** — Rua Senhora do Monte, 30-A-B. Tel. 867842. **MUNDIAL, LDA** — Largo D. Estefânia, 10. Tel. 45578. **PATULEIA** — Herd. — Alam. Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332. **PINTO** — Rua Campolide, 11-A. Tel. 662610. **RIBEIRO & CASTRO** — R. Braamcamp, 25-C. T. 43409. **ROMA** — Av. Roma, 85-B. Tel. 724066. **ROMANO BAPTISTA** — Rua Passos Manuel, 6-10. Tel. 570593. **SANTA CRUZ** — Av. Gomes Pereira, 34-A. Tel. 704828. **SANTA LUZIA** — Rua da Saúde, 2-B. Tel. 869831. **SANTO AMARO** — Rua Filinto Elísio, 29-A-B. Tel. 637070. **S. MIGUEL** — P.º Francisco de Moraes, 1. Tel. 771469. **SOUSA MARTINS** — Rua Sousa Martins, 25. Telef. 553468. **ZONAL** — Rua Moraes Soares, 56-C. Tel. 847708.

Permanente
CANTO — Est. das Laranjeiras, 202-A. Tel. 780841 e 783904. **MARLUZ** — C.º da Picheleira, 140-B-C. Tels. 720703-728395. **ELMA** — Rua D. Maria Pia, 58-A. Tel. 686176. **MUNDIAL, LDA.** — Largo D. Estefânia, 10. Tel. 45578. **MARTINS, LDA.** — Rua Fernão de Magalhães, 33. Tel. 849448. **RIBEIRO & CASTRO** — Rua Braamcamp, 25-C. Tel. 43409. **LYS** — Rua da Esperança, 17-19. Tel. 660913. **SANTO AMARO** — Rua Filinto Elísio, 29-A-B. T. 637070.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda
ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, 1. Tel. 2750271. **COVA DA PIEDADE** — Morgado — R. Cabo da Boa-Esperança, 25-A. Tel. 2767356. **LARANJEIRO** — A. Araújo — Laranjeiro de Fora. **COSTA DA CAPARICA** — Higienica — Av. da República, 23. Tel. 2400020. **SESIMBRA** — Leão — Av. da Liberdade, 13. Tel. 2233471. **BARREIRO** — Moderna — R. D. Henrique Gomes de Araújo, 12. Tel. 2073443. **SEIXAL** — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38. Tel. 2218560. **MONTIJO** — Moderna — R. Buião Pato, 60. Telefone 2310156. **MOITA** — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga. Telef. 239029. **ALHOS VEDROS** — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30. Tel. 204020. **ALCOCHETE** — Carneiro — L. António dos Santos Jorge, 15. Tel. 234100.

Linha de Cascais

ALGÉS — Cabrita — Miraflores. T. 2101486. **ALCABIDECE** — Carvalho — Até às 21 horas. **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — Até às 21 horas. **CAXIAS** — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A. Tel. 242839. Até às 22 horas. **CARCAVELOS** — Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **CARCAVELOS** — Vilar — Até às 22 horas. **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira — Av. Sábola, 29-B. Tel. 260085. Até às 21 horas. **OEIRAS** — Alcântara Guerreiro — P. Residencial Dr. Augusto de Castro, Lote 10. Tel. 2430691. Até às 24 horas e das 0 às 9 horas. **NOVA OEIRAS** — Leal — Até às 21 horas. **PARADE** — Grincho — Av. da República, 87. Tel. 2471204. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PARADE** — Junqueiro — Mendes — Até às 21 horas. **AMOREIRA** — Tels. 262313/267314. Até às 22 horas. **MONTE ESTORIL** — Ostende — R. de Espinho, 1. T. 260391. Até às 21 horas. **CASCAIS** — A. Costa — Freitas Reis, 24-C. T. 280214. Até às 21 h. **Cordeiro** — Av. Comb. G. Guerra, 40. Tel. 280170. Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Nova — R. Elias Garcia, 10. Tel. 972530. Permanente. **CAVACA** — R. Elias Garcia, 209. Telefone 930019. Até às 22 horas. **DAMAIA** — Damia — P. Alexandre Gusmão, 9-A. Tel. 970523. **QUELUZ** — Correia — L. do Mercado, 3. Tel. 950906. **CAMARATE** — Nova — R. Cid. Lisboa, 94. Tel. 2518726. **CACÉM** — Rodrigues Garcia — Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D. **MEM MARTINS** — Quimila — Est. de Mem Martins, 285. Tel. 2910012. Até às 24 horas. **AGUALVA-CACÉM** — P. N. Torre, 310. Até às 20 horas. **MERCÊS** — Cláudio Russo — Até às 21 horas. **RIO DE MOURO** — Riomouro — Av. Oscar Mont.º Torres, 8. T. 2960194. Permanente. **SINTRA** — Simões — Estefânia. Tel. 2930832. Permanente. **COLARES** — Abreja. Tel. 299088.

Porto

BONFIM — Rua do Bonfim, 73. Tel. 52444. **GUIMARÃES** — Rua de Francos, 37. Tel. 60103. **CASTRO CARNEIRO** — Rua do Padre Cruz, 146. Tel. 62092. **HENRIQUES** — Praça da Batalha, 64-A. Tel. 25173. **MORENO, LDA.** — Largo de S. Domingos, 44. Telef. 23545. **SERPA PINTO** — Rua de Serpa Pinto, 645. Tel. 488697. **VASQUES** — Rua das Condições, 794. Tel. 62027.

(De dia e toda a noite)
VILARINHA — Rua da Vilaninha, 161. Tel. 682014. **LIGA ASS. SOC. MUTUOS** — Rua do Bonjardim, 286. Tel. 217111. **GUERRA** — Rua de Costa Cabral, 43. Tel. 480470. **LEMOES & FILHOS** — Praça de Carlos Alberto, 31. Tel. 21309.

Coimbra

LUCIANO & MATOS — Rua da Sofia, 7-11. Tel. 22141.

Lisboa

SATELITE — «Guilherme e Marinela», às 21.00 (18 anos).
ADOQUE — «Roupa Velha», às 22 h (18 anos).
VARIEDADES — «Aldeia da Roupasuja», às 20.30 e 22.45 (18 anos).
ABC — «Põe-te na bicha», às 20.30 e 22.45 (18 anos).
D. MARIA II — «Auto da Geração Humana», às 21.30 (6 anos).
TEATRO ABERTO — «O caso da mãozinha misteriosa», às 21.45 (13 anos).
MONUMENTAL — «Ela», às 21.15 (13 anos).

OUTROS CINEMAS

Lisboa

PROMOTORA — «Sartana o vingador», às 21.15 (18 anos).
LUMAR — «Emmanuel branca e Emmanuel negra», às 21.30 (18 anos).
ROYAL — «Sangue frio em água quente», às 21.30 (18 anos).
PARIS — «Irmão contra irmão», às 21 h (13 anos).
JARDIM — «Uma vez não basta», às 21.15 (18 anos).
CINEARTE — «O lobo do mar», às 21.30 (13 anos).
CAPITÓLIO — «Garotas em um momento», às 19.21 e 23 h (18 anos).
MOSCAVIDE — «A Marquesa d'O», às 21.15 (13 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «A Mulher do Domingo», às 21.30 (18 anos).
PAÇO DE ARCOS — Chaplin — «Estado de Emergência», às 21.15 (13 anos).
IPAREDE — Royal-Cine — «Os Destemidos da Noite», às 21.15 (18 anos).
CASCAIS — Impala — «Vícios privados, públicas virtudes», às 21.30 (18 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Sol Vermeelho», às 21.15 (18 anos).
ALMADA — Incrível — «Os 5 Bandozeiros», às 21.15 (10 anos).
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «Os Parasitas da Morte», às 21.15 (18 anos).

Linha de Sintra

AMADORA — Recreios Desportivos — «Baia Sangrenta», às 21.15 (18 anos).
AMADORA — Lido — «Os Tigres não choram», às 21.15 (13 anos).
MEM MARTINS — Cine Chaby — «Os Insaciáveis», às 21.15 (18 anos).
SINTRA Carlos Manuel — «Irma Rebelde», às 21.30 (13 anos).
AMADORA — Cinestudio — «O Último Mundo Canibal», às 21.30 (anos).

Porto

ESTUDIO FOCO — «Os revoltados do ano 2000», às 21.30 (18 anos).
S. JOÃO — «Quando Acaba a Inocência», às 21.30 (18 anos).
TRINDADE — «Violência e paixão», às 21.30 (18 anos).

Lisboa

ALGÉS — Cabrita — Miraflores. T. 2101486. **ALCABIDECE** — Carvalho — Até às 21 horas. **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — Até às 21 horas. **CAXIAS** — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A. Tel. 242839. Até às 22 horas. **CARCAVELOS** — Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **CARCAVELOS** — Vilar — Até às 22 horas. **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira — Av. Sábola, 29-B. Tel. 260085. Até às 21 horas. **OEIRAS** — Alcântara Guerreiro — P. Residencial Dr. Augusto de Castro, Lote 10. Tel. 2430691. Até às 24 horas e das 0 às 9 horas. **NOVA OEIRAS** — Leal — Até às 21 horas. **PARADE** — Grincho — Av. da República, 87. Tel. 2471204. Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PARADE** — Junqueiro — Mendes — Até às 21 horas. **AMOREIRA** — Tels. 262313/267314. Até às 22 horas. **MONTE ESTORIL** — Ostende — R. de Espinho, 1. T. 260391. Até às 21 horas. **CASCAIS** — A. Costa — Freitas Reis, 24-C. T. 280214. Até às 21 h. **Cordeiro** — Av. Comb. G. Guerra, 40. Tel. 280170. Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Nova — R. Elias Garcia, 10. Tel. 972530. Permanente. **CAVACA** — R. Elias Garcia, 209. Telefone 930019. Até às 22 horas. **DAMAIA** — Damia — P. Alexandre Gusmão, 9-A. Tel. 970523. **QUELUZ** — Correia — L. do Mercado, 3. Tel. 950906. **CAMARATE** — Nova — R. Cid. Lisboa, 94. Tel. 2518726. **CACÉM** — Rodrigues Garcia — Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D. **MEM MARTINS** — Quimila — Est. de Mem Martins, 285. Tel. 2910012. Até às 24 horas. **AGUALVA-CACÉM** — P. N. Torre, 310. Até às 20 horas. **MERCÊS** — Cláudio Russo — Até às 21 horas. **RIO DE MOURO** — Riomouro — Av. Oscar Mont.º Torres, 8. T. 2960194. Permanente. **SINTRA** — Simões — Estefânia. Tel. 2930832. Permanente. **COLARES** — Abreja. Tel. 299088.

Porto

BONFIM — Rua do Bonfim, 73. Tel. 52444. **GUIMARÃES** — Rua de Francos, 37. Tel. 60103. **CASTRO CARNEIRO** — Rua do Padre Cruz, 146. Tel. 62092. **HENRIQUES** — Praça da Batalha, 64-A. Tel. 25173. **MORENO, LDA.** — Largo de S. Domingos, 44. Telef. 23545. **SERPA PINTO** — Rua de Serpa Pinto, 645. Tel. 488697. **VASQUES** — Rua das Condições, 794. Tel. 62027.

(De dia e toda a noite)
VILARINHA — Rua da Vilaninha, 161. Tel. 682014. **LIGA ASS. SOC. MUTUOS** — Rua do Bonjardim, 286. Tel. 217111. **GUERRA** — Rua de Costa Cabral, 43. Tel. 480470. **LEMOES & FILHOS** — Praça de Carlos Alberto, 31. Tel. 21309.

Coimbra

LUCIANO & MATOS — Rua da Sofia, 7-11. Tel. 22141.

**NATAL É QUANDO
UMA CRIANÇA QUISE!**
INSCREVA A SUA CRIANÇA JÁ!

SACO DE NATAL
Fungoda

Av. 5 de Outubro, 77-4º Dtº
LISBOA Tel. 546369



DL

REDACÇÃO GRÁFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 195-1
TELEFONES 864531/2/3
REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS
TECHNICS: RUA LUZ SOBRADO, 44
TELEFONES 321154/5, 320271/2/3
320228, 32728/9
SERVIÇO DE NOTAS (DEPOIS DAS 21)
PORTUGAL 321154, PUBLICIDADE 320270
REDAÇÃO GRÁFICA S.A.R.L. 320228
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DLBOA, TEL. 12363
LISBOA - PORTUGAL

Eleições italianas

Continuação da pág. 1

por Enrico Berlinguer) não será posta em causa. Um programa económico e uma confortável maioria unem as duas maiores forças políticas italianas. Para mais, estas eleições foram o primeiro teste político desde a entrada do PCI para a maioria governamental, mas foram realizadas sob um forte impacto emocional provocado pelo assassinio de Aldo Moro.

Para a Democracia Cristã os resultados devem ser interpretados como «uma resposta decisiva ao terrorismo e uma expressão de confiança no Estado democrático». Na sede do PCI considera-se que os bons resultados obtidos pela DC «são devidos a um impulso emotivo e ao facto de a Democracia Cristã conduzir uma política de entendimento com as outras forças democráticas». O PSI, que recuperou quatro por cento em relação às legislativas, reencontrou o seu eleitorado de 1972 e está satisfeito. Pelo seu lado os neofascistas do MSI continuam em queda: dos 6,8 por cento de 1972 só lhe restam agora 4,5 por cento. A baixa votação da extrema-esquerda foi atribuída à polarização de opiniões gerada pelo «caso Moro» e pela condenação das Brigadas Vermelhas.

Por fim refira-se que esta manhã foi descoberto um esconderijo das BV que talvez tenha servido como prisão de Aldo Moro: uma sala de quatro por três metros, 15 metros abaixo do solo, e com uma entrada escondida por sacos de lixo, localizada no bairro periférico de Primavalle, a Oeste de Roma.

"GRANDE EMPRÉSTIMO"

200 milhões dos Estados Unidos depois do acordo com o FMI

Foi ontem anunciado simultaneamente em Lisboa (Banco de Portugal) e Washington (Departamento de Estado) que os Estados Unidos «avancaram» com 200 dos 300 milhões de dólares com que participam no chamado «grande empréstimo» que um consórcio de 14 países vai conceder a Portugal depois da «luz verde» dada pelo Fundo Monetário Internacional.

Dos 14 países que participam naquele consórcio 10 haviam já negociado com Portugal a sua participação, encontrando-se neste caso os EUA,

mas retendo a maioria deles a sua utilização até que as negociações com o FMI fossem concluídas a contento dos peritos de Washington. Assim sucedeu este mês.

Em Lisboa o comunicado do Banco de Portugal que dá conta da decisão norte-americana diz textualmente:

«Nos termos de um acordo assinado com Portugal em 1 de Março de 1978, os Estados Unidos da América creditaram o Banco de Portugal pela importância de 200 milhões de dólares, de um total de 300 milhões que constitui a parte

americana do chamado «grande empréstimo».

«Em conformidade com o espírito do acordo realizado em Paris com os países que colaboram nesse empréstimo, ele virá contribuir para o financiamento da Balança de Pagamentos e para a programada estabilização financeira do País.»

Os países envolvidos no consórcio internacional são a Suíça, Venezuela, Suécia, Canadá, Noruega, Japão, Holanda, EUA, Grã-Bretanha, Áustria, República Federal Alemã, Itália, Bélgica e França.

SEGUNDO O MES

"Carta de intenções" para o FMI é cautela de penhor da independência

«A chamada carta de intenções, assinada pelo Governo, mais não é do que uma cautela de penhor da independência económica e política de Portugal», afirmou-se ontem durante uma conferência de imprensa promovida pelo MES, a propósito da recente conclusão das negociações entre o FMI e as autoridades financeiras portuguesas.

Salientando a possibilidade de o FMI, de três em três meses controlar a forma como são aplicadas as suas imposições, os dirigentes do MES salientaram que «o acordo com o FMI é essencialmente político: a dimensão do empréstimo é tão pequeno que não dará para mais do que um mês de importações ao ritmo actual».

Dando conta da resolução aprovada durante uma reunião do Comité Central deste partido da esquerda extraparlamentar, que decorreu durante o fim-de-semana, os dirigentes do MES criticaram a política desenvolvida pelo actual Governo, condenando a seguir o avanço da direita.

Segundo se lê num docu-

mento divulgado durante a conferência de imprensa «na direita civil e militar vemos vários chefes e partidos desenvolverem duas táticas com um só objectivo: liquidar as conquistas populares e a Constituição que as consagra, limitar fortemente as liberdades políticas e sindicais e subjugar de novo o povo português a um regime de intensa exploração e opressão, ao serviço do capitalismo». Dentro da ofensiva

da direita, o documento salienta o anunciado regresso de Américo-Tomás, que foi condenado pelo MES.

Ainda como ponto importante da actual situação política, o Comité Central do MES denunciou aquilo que considera ser «a política ultra-sectária do PCP», cuja «política reformista de conciliação se mostra incapaz de mobilizar os trabalhadores».



Assaltos da quadrilha do Estoril ultrapassam os quinze mil contos

A Polícia Judiciária tem já elementos suficientes para desmantelar a quadrilha que, de há tempos a esta parte, vem actuando na zona do Estoril, particularmente entre Carcavelos, Parede e Cascais.

Diligências feitas pela PJ no Barreiro e Estoril levaram à apreensão de objectos de ouro, prata, marfim, peles e outros cujo valor ronda os dois mil contos.

No entanto, pelo que já se sabe das actividades da quadrilha, tudo leva a crer que o montante dos furtos ultrapasse de longe a quantia de 15 mil contos.

Neste momento, a Polícia Judiciária espera que as pessoas lesadas venham reconhecer os objectos no sentido de lhes serem entregues, já que é difícil, se não impossível, esta Polícia por si só, descobrir os proprietários.

Constâncio adia de novo intervenção na RTP

O ministro do Plano e Finanças, dr. Vítor Constâncio, voltou a cancelar a anunciada intervenção televisiva, marcada para esta noite, relacionada com as negociações e acordo com o Fundo Monetário Internacional.

Segundo o gabinete de Relações Públicas do seu Ministério, Vítor Constâncio (que pela segunda vez, numa semana, adia a citada comunicação) não indicou os motivos do cancelamento tendo apenas referido que iria à RTP provavelmente

te no decorrer ainda desta semana.

Entretanto, na RTP, um porta-voz das Relações Públicas informou o «DL» ter conhecimento do adiamento pela notícia transmitida na Rádio, e, por isso, ao fim da manhã, nos estúdios do Lumiar continuava-se a contar com a presença do ministro das Finanças e do Plano logo à noite no pequeno «écran»...

(Hoje 28 páginas)

LEMBRANÇA

Textos legais existem que não devem ser esquecidos. Por essa razão, se transcreve a Lei n.º 1/74 de 25 de Abril «O programa do Movimento das Forças Armadas Portuguesas prevê a destituição imediata do Presidente da República e do actual Governo, a dissolução da Assembleia Nacional e do Conselho de Estado».

Nestes termos, a Junta de Salvação Nacional decreta, para valer como lei constitucional, o seguinte:

Artigo 1.º — 1. É destituído das funções de Presi-

dente da República o almirante Américo de Deus Rodrigues Tomás.

2. São exonerados das suas funções o Presidente do Conselho, prof. doutor Marcelo José das Neves Alves Caetano, e os ministros, secretários e subsecretários de Estado do seu Gabinete.

3. A Assembleia Nacional e o Conselho de Estado são dissolvidos.

Art. 2.º — Os poderes atribuídos aos órgãos referidos no artigo anterior passam a ser exercidos pela Junta de Salvação Nacional.

Art. 3.º — Este diploma entra imediatamente em vigor.

Visto e aprovado pela Junta de Salvação Nacional em 25 de Abril de 1974.

Publique-se:
O Presidente da Junta de Salvação Nacional, ANTONIO DE SPINOLA.
Sem comentários...

Tomás interrompe passeios pela praia de Copacabana

«Mantém-se em aberto o caso almirante Tomás e assim se manterá enquanto a sua reintegração na Armada não tiver lugar. E continua o MIRM a entender ser tal reintegração um dever nacional». Assim se exprime num comunicado datado de ontem, a organização de extrema-direita chefiada por Kaúlza de Arriaga, não totalmente satisfeito com a decisão de Ramalho Eanes.

Entretanto continuam a registar-se múltiplas tomadas de posição que convergem no repúdio pela decisão que permite o regresso de Tomás. Para Álvaro Cunhal, interpelado a este propósito pelos jornalistas, numa conferência de imprensa destinada a apresentar as conclusões da última reunião do CC do PCP, tal autorização «além de chocar os sentimentos dos antifascistas e do Povo português, deve ser considerada um estímulo às forças reacçãoárias, ainda que não tenha sido essa a intenção».

Para a UDP, trata-se de uma «afrenta ao 25 de Abril», e as razões «humanitárias» invocadas «constituem um insulto às mães que viram os seus filhos morrerem na guerra, às famílias que se viram destroçadas pelas torturas e assassinatos, aos trabalhadores que sofreram a mais negra ex-

ploração e opressão fascista».

Por sua vez a Comissão de Defesa da Constituição insurgiu-se também contra o «regresso de um homem que tendo sido o representante da ala mais reacçãoária do próprio salazarismo, simbolizou o regime fascista que a revolução do 25 de Abril veio derrubar», e considera que «só por incúria e complacência sem justificação, ou comprometimento inconfessável, se pode explicar que não tenha sido instaurado procedimento criminal contra um tal responsável. Mas esse procedimento ainda está a tempo...».

Entretanto, no Brasil, a filha de Tomás diz que «ele não quebrará o seu silêncio, nem mesmo quando regressar a Portugal, se for esse mesmo o seu desejo. Por outro lado os funcionários do hotel Miramar, em Copacabana, dizem que Tomás interrompeu o seu passeio diário junto à praia desde que recebeu a notícia de que poderia voltar a Lisboa. Segundo aqueles funcionários (citados pela France Press) Tomás na única vez que saiu na semana passada foi cercado por inúmeros jornalistas e assustado voltou para o hotel imediatamente.

Função Pública

Continuação da pág. 1

à luta desenvolvida pelos trabalhadores do sector, muitos dos seus pontos de vista, expostos na Proposta Reivindicativa Comum foram beneficiados os iniciais pontos de vista do Governo, mas muito há ainda a fazer. Os Sindicatos reivindicam fundamentalmente a sua participação na elaboração

das portarias em que serão concretizadas as normas agora aprovadas no Conselho de Ministros, especialmente as referentes a remunerações e correcção de anomalias. Consideram os Sindicatos que sem a sua participação as anomalias existentes se multiplicarão, agravando a situação do sector.

viaje nos Feriados de Junho

opte por um dos nossos destinos

Viagem

	Partidas
MADEIRA — 5 e 7 dias	7/6 e 8/6
ALCÓRES — 9 e 10 dias	12/6 e 13/6
PALMA DE MAIORCA — 8 e 15 dias	5/6 e 12/6
MARROCOS — Circuito das Cidades Imperiais	5/12 Jun
Uma semana em Tânger	7/14 Jun
IBIZA — 8 dias	4/6 e 11/6
BENDORM — 8 e 15 dias	3/6 e 10/6
MADRID — 4 dias	8/6
CIRCUITO DE ITALIA — 8 dias	6/6 e 13/6
LONDRES — 8 dias	4/6 e 11/6
AMSTERDÃO — 7 dias	5/7 e 9/6
PARIS — 5 e 7 dias	8/6 e 9/6
CÔTE D'AZUR — 8 dias	4/6 e 11/6
JUGOSLAVIA — 8 dias	10/6
ROMÉNIA — Circuito e Geriatria	4/6 e 11/6
RUSSIA e ESCANDINÁVIA — 8 dias	10/6
ALGARVE — hotéis e apartamentos	
COSTA DEL SOL — hotéis e apartamentos	
TORREMOLINOS, FUENGIROLA, MARBELLA	

e ainda

outras maravilhosas viagens de autocarro em Portugal e Espanha

Lugares limitados — Inscreva-se já!

EUROPEIA

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Av. da Liberdade, 233 — LISBOA — Tel. 536121
Rua Rosa Araújo, 19 — LISBOA — Tel. 561141
Av. Tomas Cabreira — Veneza, Santa Ana
Praia da Rocha — ALGARVE — Tel. 23377

membro WATA em Portugal

CIVILIZAÇÕES MILENARIAS GRÉCIA

inesquecível semana em ATENAS

com visita a Tebas, Delfos, Levadia, Arakhova, etc.

Partida especial nos feriados 8 de Junho

Somente 14 950\$00

LUGARES LIMITADOS

Inscreva-se já!

EUROPEIA

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Av. da Liberdade, 233 — LISBOA — Tel. 536121
Rua Rosa Araújo, 19 — LISBOA — Tel. 561141
Av. Tomas Cabreira — Veneza, Santa Ana
Praia da Rocha — ALGARVE — Tel. 23377

membro WATA em Portugal

ALGARVE VERÃO 78

MORADIA na Praia D. Ana LAGOS

totalmente nova magnífica situação Alugamos quinzenalmente

Consulte-nos já!

EUROPEIA

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

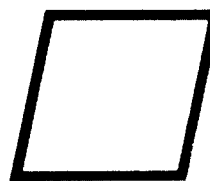
Av. da Liberdade, 233 — LISBOA — Tel. 536121
Rua Rosa Araújo, 19 — LISBOA — Tel. 561141
Av. Tomas Cabreira — Veneza, Santa Ana
Praia da Rocha — ALGARVE — Tel. 23377

membro WATA em Portugal

EXCLUSIVO

AFRICA:
VIOLAÇÕES
DE FRONTEIRA
E TENTATIVAS
DE SECESSÃO
(Páginas centrais)

Geotérmica: Alternativa para o petróleo?
Pequim: Queixas em jornais de parede
Panamá: O novo tratado e a fraqueza de Carter
Figuras em destaque: Sam Nujoma



SUPLEMENTO

Síntese
da vida
internacional!

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 20/78

Terça-feira, 16 de Maio de 1978

Carlos Parra
em Lisboa



DEMOCRATAS CHILENOS PRONTOS PARA ASSUMIR O PODER

Quase despercebido; sem chamar muito a atenção para o seu silencioso e constante trabalho de resistente no exílio; um advogado chileno de 35 anos; voz calma; olhar firme e sorriso pronto passou por Lisboa: Carlos Parra, encarregado para a Europa do social-democrata Partido Radical do Chile, director do Institute for the New Chile, de Roterdão, secretário internacional do PRC e representante do seu partido junto à Internacional Socialista desde

12

LÍBANO Frágil reconciliação entre cristãos e muçulmanos

Os dirigentes políticos das várias seitas libanesas decidiram renunciar às suas hostilidades em benefício de um diálogo democrático que conduza à pacificação do país. Reunidos em sessão plenária no dia 27, os 74 parlamentares aprovaram por unanimidade o acordo de paz em seis pontos concebido para pôr termo às lutas sectárias e estabelecer as linhas de orientação que hão-de presidir ao desenvolvimento futuro do país. «A ratificação parlamento do acordo é uma conquista histórica», declarou o porta-voz do Parlamento, Kamel Assaad, no final da votação. «O Parlamento reflectiu honestamente as aspirações populares», acrescentou.

A redacção inicial do documento, elaborada no domingo anterior por uma comissão de 13 elementos, suscitou as críticas dos dirigentes de esquerda.

Mas depois o parágrafo polémico foi corrigido, acrescentando-se-lhe um prefácio que garante o cumprimento do acordo do Cairo (1969) o qual regulariza as relações entre a Organização de Libertação da Palestina (OLP) e o Estado libanês.

Alguns dirigentes de direita teriam declarado que o acordo pelo qual os palestinianos poderão manter as suas bases militares no Arqub deve ser declarado nulo. Ao abrigo do acordo do Cairo,

os palestinianos têm utilizado essa zona da fronteira libanesa com Israel para lançarem as suas operações contra o Estado sionista.

A modificação mais importante introduzida na fórmula inicial assegura aos palestinianos a possibilidade de prosseguirem as suas incursões contra Israel a partir de território libanês. O parágrafo proíbe em termos genéricos toda a actividade militar no Líbano. Isto implica que os palestinianos não poderão atacar as tropas israelitas que actualmente ocupam o sul do Líbano. O acordo prevê ainda o desmantelamento das rampas de foguetes que os guerrilheiros utilizavam para bombardear as áreas ocupadas.

Este acordo é sobretudo obra do presidente Elias Sarkis, o único símbolo da unidade nacional que resta no Líbano depois da guerra civil, concluída em Novembro de 1976. Foi para o preparar que o governo de Selim Hoss apresentou a sua demissão.

Embora os dirigentes das várias facções parlamentares considerem que o acordo representa um princípio de reconciliação entre cristãos e muçulmanos e manifestem grandes esperanças no seu êxito, o certo é que ele sofre dum mal congénito: os muçulmanos que o assinaram fazem parte da classe política tradicional, não são os mesmos que empunharam armas contra os cris-

tãos durante a guerra civil. Importantes personalidades muçulmanas da esquerda envolveram directamente na guerra acusam-nos de só se representarem a si próprios.

Embora a nova redacção do documento seja mais favorável aos interesses da esquerda, nomeadamente dos palestinianos, o certo é que estes não irão sacrificar a razão de ser da sua existência de luta: a batalha contra o inimigo sionista. Para que o acordo fosse eficaz havia que atrair para o seu campo toda a esquerda muçulmana, os palestinianos e a Síria. Mas isso é o que a direita pretende evitar. E a direita constitui no Líbano um verdadeiro Estado dentro do Estado.

Por mais acordos que se façam, a posição irreduzível da esquerda e da direita mantém-se. A esquerda exige como sua principal tarefa a luta contra a ocupação sionista. A direita (aliada dos sionistas em muitos casos) exige como sua preocupação essencial a cessação da actividade (se não mesmo da presença) palestiniana no Líbano. Consciente de todas estas limitações, o presidente Elias Sarkis patrocina este acordo, numa tentativa de ganhar tempo para refazer o Exército e passar a ter a voz activa que agora lhe falta. ●



A sanha sionista contra os palestinianos não conhece tréguas. Imagens da aldeia de Damur, localidade costeira a 20 quilómetros de Beirute, bombardeada em Março passado pelos israelitas. Foi nesta aldeia que encontraram refúgio os palestinianos que escaparam com vida do campo de Tell Zaatar, onde se cometeu o maior genocídio da guerra libanesa. A ocupação sionista do Sul do Líbano (apoiada pela direita) é hoje a razão de luta da esquerda libanesa e dos palestinianos. (Foto AFP)

DEMOCRATAS CHILENOS PRONTOS A ASSUMIR O PODER

1970. Para ele, Portugal não é novidade. Já cá esteve por duas vezes como delegado convidado aos I e II Congressos do PS.

Parra falou durante toda uma manhã de domingo sobre o seu país. Analisou, sob o ponto de vista dos radicais chilenos, a situação que lá vive actualmente, com as crescentes contradições a empurrarem Pinochet para o esperado xeque-mate, comentou o rumoroso «caso Letelier», o tiro da ditadura que lhe saiu pela culatra; explicou o que quer dizer a «amnistia» com a qual a Junta pretendeu lavar a cara; disse quem era quem no «novo Governo» há pouco empossado; referiu o irremediável isolamento a que o Chile está votado a nível mundial e deteve-se com mais profundidade sobre a calamitosa conjuntura económica do país, afundado por um «modelo» que lhe foi traçado por um «Prémio Nobel».

Entretanto, ao longo de quatro horas de conversa, Carlos Parra não disse apenas coisas más. Achou tempo e oportunidade para dar boas novas que para muitos serão apenas uma confirmação de que o fim de Pinochet está bem mais próximo do que se pensa: «As forças democráticas estão prontas para assumir a responsabilidade de formar governo no Chile». De que forma? Parra faz um breve silêncio e dispara: «Um pacto de Moncloa à chilena».

A sua primeira opinião sobre a actualidade no Chile é, até certo ponto optimista. Se, por um lado, a situação não sofreu grandes alterações para melhor nos últimos tempos, pelo menos há um novo e importantíssimo dado a registar: o grau de unidade das forças democráticas é maior, e dá mostras de que continuará a crescer. Isto não é obra do acaso. Têm havido contactos, que se intensificam cada vez mais e o resultado poderá surgir em breve, através de acções coordenadas no interior do país que abrangerão todos os campos: sindical, estudantil e profissional em geral. Carlos Parra confia que a escalada das forças democráticas chilenas deverá alcançar dentro de pouco tempo posições destacadas, sejam quais forem os impedimentos que a Junta Militar foi colocando no seu caminho. Como reforço da sua convicção, cita uma unidade nas bases que não pára de se alargar e de consolidar.

É com base em tudo isso, que comenta: «Pinochet diz que a sua queda produziria o caos e a anarquia. Com isso, tenta assustar os chilenos e provocar um abrandamento nas pressões internacionais. A nossa resposta, porém é de que as forças democráticas chilenas estão perfeitamente prontas para assumirem a responsabilidade de formar um Governo, afirmando categoricamente que em nenhum caso haveria o tal vazio de Poder do qual Pinochet tanto gosta de falar».

Insistindo que a unidade é o factor essencial, Carlos Parra não exclui à partida nenhuma dessas forças, preconizando a existência de um acordo que defina os graus de responsabilidade que cada uma terá na condução dos assuntos públicos. É precisamente aí que sugere a forma como se daria esta normalização democrática no Chile, que abrangeria segundo ele, desde as franjas mais progressistas da Democracia Cristã até sectores mais radicais da esquerda. A isto dão nome de «Pacto de Moncloa à chilena».

O que autoriza Carlos Parra a emitir essas opiniões com uma certa segurança?

Em primeiro lugar, não preciso que se seja um experiente político para adivinhar que Augusto Pinochet Ugarte pouco mais aguentará dentro do palácio Diego Portales, sede da ditadura chilena em Santiago. Em segundo lugar, Carlos Parra faz estas revelações em Lisboa, onde chegou vindo dos Estados Unidos, após participar de conversações às quais esteve presente o líder radical chileno, Anselmo Sule, e cujos interlocutores entre outros, foram o Departamento de Estado, o Conselho de Segurança, a AFL-CIO (central sindical dos EUA) e outros dois membros da Internacional Socialista, o DSOC — Democratic Socialist Organizing Committee e o SDUSA — Social Democratic of United States of America. Por outro lado, sabe-se que há algum tempo os Estados Unidos, farto do peso que a carga Pinochet significa para a política dos Direitos Humanos que diz seguir, promove encontros com políticos e democratas chilenos, dos quais fatalmente sairá a «solução» para apagar o 11 de Setembro de 1973 patrocinado pela CIA e pela ITT. Esses encontros têm sido realizados com uma frequência que não deixa a Junta Militar dormir sossegada e congrega, nomeadamente, dirigentes radicais e democratas-cristãos.

«Caso Letelier»

«Somente a burrice de Pinochet é que fez com que não fossem utilizados os modernos métodos de se fazer desaparecer os «indesejáveis» e Orlando Letelier fosse assassinado em Washington, com uma bomba, a menos de uma milha da Casa Branca».

Este crime, cometido em 1976, foi o grande erro dos generais chilenos. E Carlos Parra, recém-chegado dos EUA, pode falar em boa posição. Diz «Há



Carlos Parra em Lisboa

uma confiança generalizada de que o Departamento de Justiça norte-americano levará as investigações até às últimas consequências. E quando lá chegar, vai encontrar os mais altos governantes do Chile envolvidos no atentado. E isto é o mais importante».

A sua opinião coincide com a de quem tem acompanhado o «caso» tão de perto quanto é possível: aí está o detonador da queda do regime implantado sobre o assassinio de Allende.

As consequências do «caso Letelier» não foram sentidas pela Junta apenas a nível externo. No interior do país, e graças às contradições crescentes, as investigações tiveram a máxima publicidade. Isso fez com que sectores minoritários da população e, principalmente, muitos elementos das Forças Armadas



que ainda acreditavam na ditadura militar se dessem conta de uma degradação contra a qual não poderiam deixar de se levantar.

Carlos Parra chama a atenção para a prisão de Michael Townley, um norte-americano radical no Chile que fazia parte da DINA, logo após a sua chegada em Nova Iorque, para onde foi extraditado e considera-a como um factor que permite expressar confiança no empenhamento dos Estados Unidos em esclarecer a questão, até no seu próprio interesse. Além disso, as dificuldades criadas pela Junta ao FBI nas investigações que este órgão policial norte-americano tentou levar a cabo em Santiago tiveram influência directa

no agravamento das relações entre o palácio Diego Portales e a Casa Branca.

De qualquer forma, as denúncias já feitas por Townley, as descobertas que estão a avolumar-se e os nomes que aparecem envolvidos tornarão insustentável para os Estados Unidos uma posição de neutralidade e de «não ingerência». «O crime foi cometido em território norte-americano. Os Estados Unidos estiveram por trás da tomada do poder por Pinochet. Logo...»

A «AMNISTIA»

Os presos serão libertados e os exilados poderão voltar ao país... desde que se mantenham afastados da política.

De um modo geral, isto é o que diz o texto do decreto. Antes de o comentar Carlos Parra sorri, irónico: «Há meses, a ditadura dizia que não existiam presos políticos. De repente, aparece com uma amnistia que beneficia presos políticos que não existem?»

Depois, em tom grave, pergunta: «Como vai o senhor Pinochet responder sobre 2500 desaparecidos? Como vai o senhor Pinochet responder por mais de 40.000 mortos? Como vai responder o senhor Pinochet ao presidente do meu partido, Anselmo Sule, que foi privado da nacionalidade, como o ex-embaixador no México, Hugo Vitoena, e tantos outros democratas e antifascistas, inclusive próprio Orlando Letelier, que acabou assassinado?»

E no mesmo tom grave, continua: «Há um milhão de chilenos fora do país, todos em consequência da situação política que lá existe desde 11 de Setembro de 1973. Este milhão voltaria, sim, mas para se unir aos que lá ficaram na luta pela democratização, o que vai contra as condições impostas. Ora, ninguém pode pensar que um milhão de exilados aceitaria voltar e, do aeroporto, seguir para a casa de boca fechada, para assim permanecer indefinidamente, Pinochet tem que saber que esta é uma luta sem limites, sem regras, sem quartel, que a «amnistia» que concedeu nada mais foi do que o resultado das crescentes pressões externas e do isolamento internacional, e que esta não foi a última concessão a que se viu obrigado. Aliás, sabe de uma coisa? Ele tem plena consciência disso».

No caso específico do Partido Radical Chile, todos os seus diri-

gentes, 14 ao todo, estão fora do País, Carlos Parra, um deles, diz que estão dispostos a voltar. Mas sem qualquer condição, é claro.

Entretanto, depois da entrevista com Parra, a Junta Militar, percebendo que não poderia controlar a «amnistia» que ela própria havia decretado, começou a «emendar» o decreto, afirmando que não estavam abrangidos «aqueles considerados como prováveis de afectar a ordem pública ou que tivessem atacado os interesses nacionais enquanto no estrangeiro». Se Pinochet pensa que acatar a ordem pública é não acatar o seu regime e que todos os exilados, muitos dos quais saídos directamente das câmaras de tortura ou do campo de concentração, passaram o tempo a falar bem da Junta Militar enquanto permaneceram longe da família e dos pais, cabe perguntar: para quem é a «amnistia»?

Relações internacionais

Quanto a este ponto, não é novidade para ninguém que a situação chilena, com a Junta no Poder, é desesperante. Por mais que Pinochet e seus cúmplices tentem fazer algo, nada é suficiente para apagar a mancha de sangue com que inundaram o país depois daquele fatídico Setembro de 1973. E por isso o Partido Radical do Chile está preocupado. Diz Carlos Parra:

«A Junta conseguiu o impossível; um ambiente de tensão e conflito com os três países com os quais o Chile tem limites territoriais: a Argentina, o Peru e a Bolívia. Isto não acontecia desde o século passado».

A seguir, explica, o porque «A Junta fascista tem uma alta responsabilidade na corrida ao armamento que hoje em dia se verifica no Cone Sul da América Latina. A sua necessidade de fortalecer o aparato repressivo levou a uma situação em que realizasse compras absolutamente anormais de material bélico, que foram prontamente «balanceadas», inclusive em maior grau, por alguns dos nossos vizinhos, como por exemplo, a Argentina e o Peru. Esta política insensata não prejudicou os poderes fardados nesses países, mas os povos que, por causa de canhões e metralhadoras assistem ao rebaixamento nos níveis de educação, saúde, alimentação, transportes e outros sectores vitais».

Na sequência dessas afirmações, Parra pergunta a si próprio pelas consequências desta corrida armamentista: O que acontecerá aos nossos povos na próxima década? Já vimos que esta corrida às armas foi não só competimentada co-

O NOVO TRATADO DO CANAL DO PANAMÁ ILUSTRA A FRAQUEZA DE CARTER

■ Michel Tatu

□ LE MONDE

Washington — A atmosfera era mais tensa no Capitólio do que por altura do voto de 16 de Março, mas o alívio causado pelo resultado também foi mais marcado. Estalaram aplausos nas galerias do público, enquanto que os dirigentes do Senado e o vice-presidente Mondale, que proclamara os resultados da votação, se congratulavam ruidosamente. Carter juntava-se pouco depois à festa, fazendo, da Casa Branca, chamadas telefónicas aos senadores seus amigos. Um deles, Cranston, «whip», vice-presidente do grupo democrata, respondeu-lhe de pé em cima de uma cadeira, no meio da sala da Imprensa, enquanto estava a explicar aos jornalistas o sentido da votação...

Ao contrário do que se passara por alturas do primeiro tratado, a presidência do grupo democrata do Senado só dispunha desta vez de «votos de reserva», isto é, do apoio discreto de dois ou três senadores desejosos de votar contra o tratado a fim de satisfazer os seus eleitores, mas prontos a dar o seu voto em caso de extrema necessidade, a fim de evitar a sua rejeição. Assim, foi só poucas horas antes do escrutínio, que Byrd, leader democrata, soube que podia juntar os votos necessários.

Os dois últimos hesitantes que tinham votado a favor do primeiro tratado mas que ameaçavam voltar a casaca, invocavam motivos muito diferentes. O senador republicano da Califórnia, Hayakawa, pusera-se de repente a criticar o conjunto da política estrangeira de Carter, a sua renúncia ao bombardeiro estratégico B-1, à sua diplomacia africana, segundo ele, equivalente a uma «rendição perante os regimes comunistas». Um democrata muito liberal do Dakota do Sul, Abourezk, estava de acordo com ele e mostrava-se muito sentido por Carter se ter resignado ao abandono progressivo do controlo dos preços do gás natural, e ameaçava castigar a administração com um voto negativo no caso Panamá. Numa última intervenção, Abourezk aca-

bou por se mostrar de acordo com o tratado, mantendo em todo o caso o seu ponto de vista segundo o qual ele era «menos importante do que o problema do gás natural». Em suma, os senadores que aprovaram o segundo tratado foram os mesmos que tinham votado a favor do primeiro: cinquenta e dois democratas e dezasseis republicanos, contra vinte e dois republicanos e dez democratas no outro campo.

A emenda dita «de Concini» foi a que levantou mais problemas, não só entre o Panamá e os Estados Unidos mas também no seio do Senado.

Concini defendeu o seu ponto de vista, segundo o qual o relatório da Comissão dos Negócios Estrangeiros e as promessas que lhe tinham sido feitas a alto nível não contradiziam de modo algum o seu texto. De facto, Carter parece ter sido um pouco leviano ao aceitá-lo.

Assim, a direcção da Câmara alta negociou directamente com o Panamá, evitando a Casa Branca de maneira humilhante. Os últimos tratados foram levados a efeito entre o líder democrata do Senado, Byrd, mais dois senadores e o embaixador do Panamá em Washington, Lewis, na presença, pela administração, do secretário de Estado adjunto Christopher. Os assistentes de Carter tiveram de esperar, como toda a gente, que Byrd resolvesse comunicar-lhes o novo texto, que seria finalmente votado no dia 18.

Este acrescenta à emenda de Concini a seguinte frase: «De acordo com o princípio de não intervenção, toda e qualquer acção empreendida pelos Estados Unidos no exercício dos seus direitos (...) terá unicamente em vista assegurar que o canal do Panamá fique aberto, neutro, seguro e acessível, e não poderia ser interpretado como um direito de interferência nos assuntos internos do Panamá ou uma intervenção contra a independência política ou a integridade soberana deste país». Segundo Byrd o embaixador do Panamá confirmou que uma tal fórmula «trazia uma solução digna a problemas difíceis».

As tergiversações de Carter tinham, para mais, suscitado a cólera de senadores liberais co-

mo Kennedy e McGovern, que julgavam a primeira versão da emenda «insultuosa» para o Canadá.

O executivo em dificuldades

O voto não bastará provavelmente para fazer subir a cotação perigosamente baixa do presidente. No Congresso nada está solucionado no que respeita ao programa sobre a energia (Carter está quase disposto a aceitar qualquer projecto que o legislador lhe apresente e já está de acordo com a libertação dos preços de gás natural), assim como o projecto de redução dos impostos que as duas Câmaras já começaram a cortar a seu belo prazer.

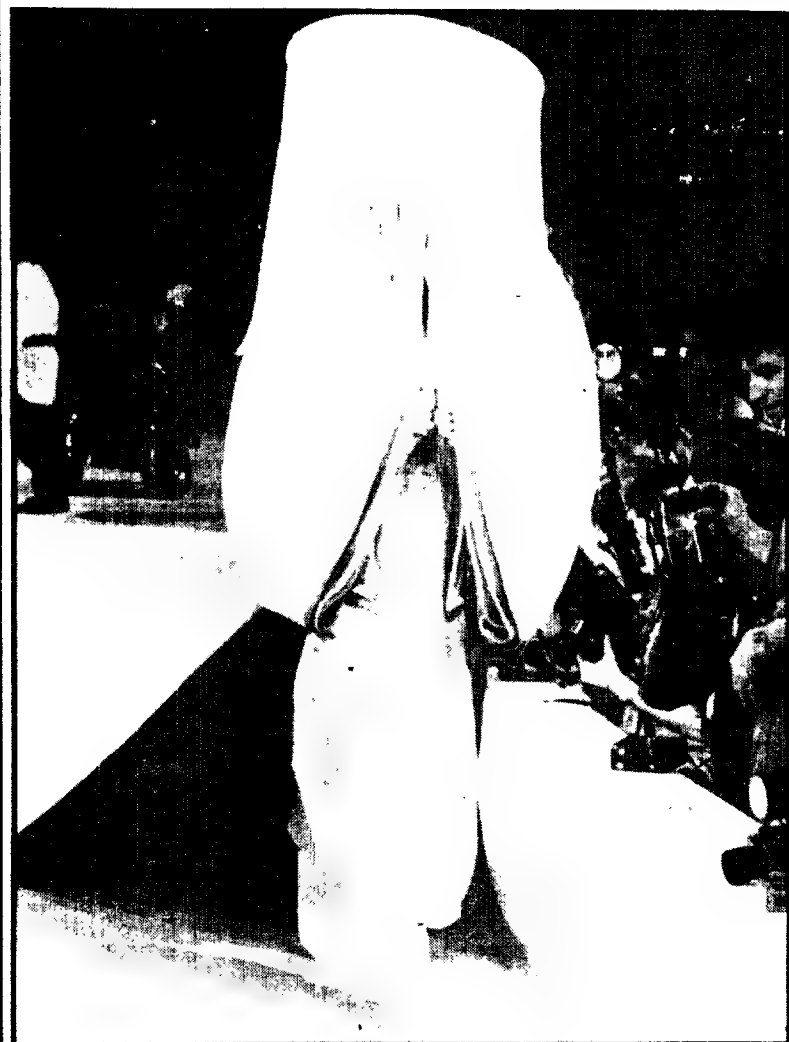
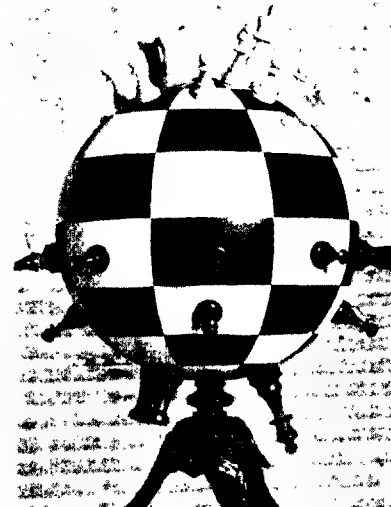
Na própria administração surgiu um desacordo quase aberto entre Blumenthal, secretário do Tesouro e Strauss, recentemente nomeado conselheiro especial para a inflação, sem que o primeiro tenha sido, ao que parece, prevenido. Por fim, no momento em que Vance chegava a Moscovo para negociações tanto mais difíceis quanto a sua *tournee* pela África não produzira os resultados esperados, volta aqui a falar-se muito das divergências entre a Casa Branca e o departamento de Estado, principalmente entre um clan «duro» dirigido por Brzezinski e um grupo «moderado» de que Shulman, conselheiro para os assuntos soviéticos, seria o mais eminente representante.

Carter parece dar razão, alternadamente, a uns e a outros: a sua decisão sobre a bomba de neutrões surgiu dois dias depois de um discurso particularmente «duro» sobre os esforços militares soviéticos. Falta em todo o caso a autoridade de um líder capaz de juntar, com a sua energia, uma ampla maioria. Menos de cinquenta por cento dos americanos declaram-se hoje satisfeitos com a sua acção. Mas há um ano eles eram 75 por cento.

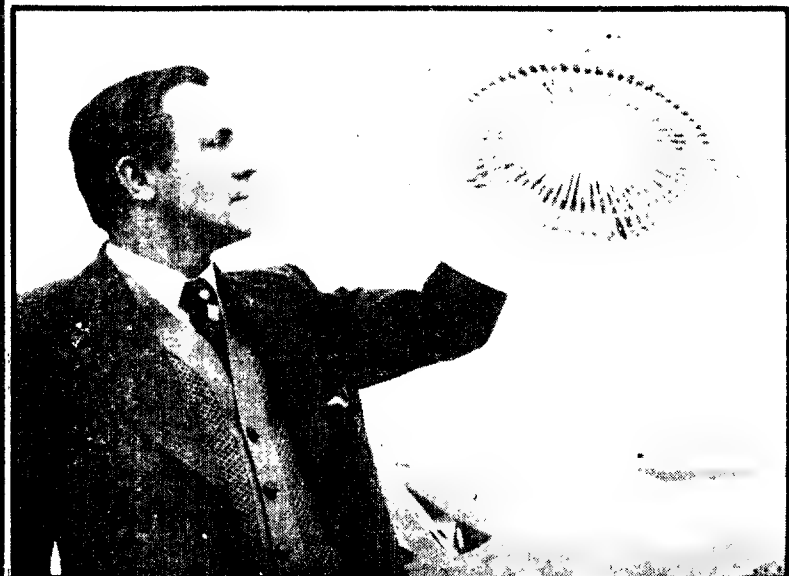
Durante o último fim-de-semana em Camp David, o presidente teve uma conversa apresentada como «franca» com a maior parte do seu gabinete e dos seus conselheiros. Os resultados não se conhecem, mas o tempo é pouco para preencher o grande «vazio de credibilidade» que se cavou em volta da Casa Branca. ●



O «joalheiro do inútil», o dentista Carelman, de Marselha, concebeu, entre as suas loucas invenções, este xadrez esférico, que pelo menos é muito decorativo



Este traje insólito foi apresentado em Paris na colecção da costureira japonesa Kansai Yamamoto, uma mulher muito tirada das agulhas que decidiu conquistar o mercado europeu com as suas criações. O vestido em forma de «abat-jour» (pelo menos é a ideia que sugere) destina-se às noivas. Será que elas aceitam? (Foto AFP).



Durante os últimos 26 anos, John Searl, um engenheiro inglês de 47 anos, tem vindo a lutar pela realização dum sonho: construir um disco voador. Agora só lhe falta uns meses para fazer voar o seu disco, após uma série de experiências com protótipos accionados por forças magnéticas a mazenadas numa roda giratória colocada dentro dum gerador. As experiências de John têm mostrado que o magnetismo actua por vezes criando inesperadamente energia. É esta energia que o engenheiro Searl tem canalizado para o seu disco voador. Na foto: John Searl e o seu disco voador. (Foto Keystone).

EM PEQUIM

QUEIXAS EM DAZIBAOS (JORNAIS DE PAREDE)

Alguns pequinenses que perderam o emprego por «erros políticos» antes da queda do «bando dos quatro», apelaram no dia 21 de Abril para as autoridades chinesas a fim de lhes pedir reparação para as «injustiças» de que são vítimas.

Os autores de dois dazibaos, entre outros, colocados, em vários locais de Pequim, contam as suas dificuldades desde os «veredictos» que contra eles fo-

ram pronunciados. Ambos eles mencionam os divórcios decididos pelas autoridades, e as suas difíceis condições de vida nos arrebalde de Pequim.

Um deles, Kao Peng, de trinta e cinco anos, que se diz operário temporário na aldeia de Wangping, conta que a família foi considerada «contra-revolucionária» e o pai obrigado a divorciar-se e a abandonar os três filhos.

Noutro dazibao, um médico

de trinta e três anos conta que perdeu o emprego em Pequim em 1970 e que foi obrigado a divorciar-se e a deixar os filhos, também em número de três. Há meses que vive num estado crítico, doente e sem dinheiro.

Por entre uma campanha de cartazes mais políticos, vários jornais de parede colocados em Pequim chamaram pois a atenção das autoridades para as condições de vida dos seus autores. ●

ÁFRICA:

□ Gilberto Caballero Almeida

■ PRENSA LATINA

Os actos de violação das fronteiras e da integridade territorial dos Estados, que datam da época do garrote e do arco e flecha, mantêm toda a validade ainda nesta nossa época dos «lasers» e dos voos interplanetários. Nenhum continente escapa hoje à presença, latente ou activa, de um litígio ocasionado pelas pretensões de um país sobre o território dum vizinho fronteiriço ou num desejo de secessão. No Sueste Asiático, que há poucos anos, foi cenário de uma das guerras mais sangrentas e desi-

guais da História, verificaram-se também contradições deste tipo, como o demonstra o conflito fronteiriço entre o Camboja e a República Socialista do Vietname.

O resto da Ásia continua igualmente varrido por disputas que em certos casos nasceram com a própria civilização, e aos quais se juntam outras, mais recentes, como é o caso das reclamações territoriais chinesas sobre a Birmânia, Índia e Paquistão.

O continente americano regista igualmente vários casos de ambições territoriais de um Estado sobre o outro, e até a «civilizada» Europa Ocidental, além das suas próprias divergências internas, mantém uma ou outra pretensão sobre os seus vizinhos de Leste, travada, graças aos poderio e unidade que os países socialistas demonstram.

Contudo é na África que em vésperas o século XXI se manifesta em toda a sua crueza as violações fronteiriças e o desprezo pela integridade territorial dos Estados.

O continente negro tem actualmente problemas de fronteiras e de separatismo nos seus

quatro pontos cardeais, no centro, nas costas e no interior.

Estes conflitos, estimulados ao máximo pelas potências ocidentais que mantêm ou pretendem adquirir interesses em África, são tantos e tão variados que às vezes escapam a possibilidades de solução por acção de organismos internacionais como a Organização da Unidade Africana (OUA) ou a própria ONU.

Daí que a XIV Conferência «cimeira» da OUA, celebrada em Libreville (Gabão) em meados do ano passado, se tivesse visto obrigada a transferir para comissões os numerosos conflitos fronteiriços que tinha na agenda, pois a OUA não podia debater a situação em vista da diversidade de critérios.

A Somália pretende anexar territórios da Etiópia, Quênia e Djibuti. O Marrocos ocupa já, conjuntamente com a Mauritânia, parte do Sara Ocidental.

O Sudão, cujo governo periclitante se mantém no poder graças a constantes malabarismos políticos, aproveita qualquer pretexto nos seus quase perpétuos problemas internos para atacar a Etiópia. A Rodésia racista de Ian Smith julga-se com direito a fazer incursões dentro dos territórios de Moçambique, Botswana e Zâmbia, masacrando populações indefesas.

O Tchade e Líbia mantinham até há bem pouco tempo sérias divergências territoriais enquanto o Egipto ora concentra ora retira tropas da sua fronteira com a Líbia.

O Zaire de Mobutu viola constantemente a integridade territorial de Angola, enviando mercenários para o Norte deste país, enquanto que no Sul o MPLA do Partido do Trabalho se vê atacado por tropas sul-africanas que actuam a partir do território ilegalmente ocupado da Namíbia.

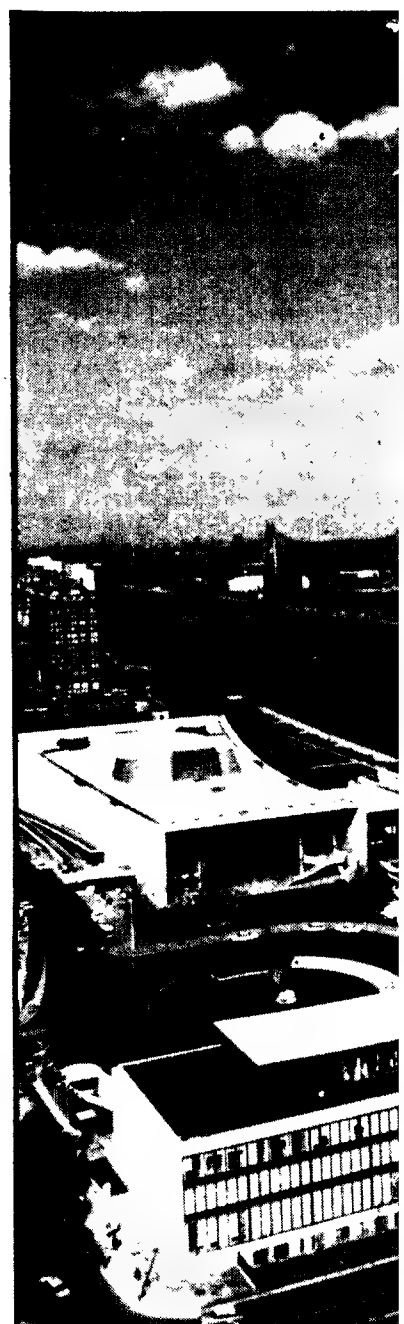
Os togolezes, por sua vez, têm problemas com o Ghana e com o Benin, país que foi atacado por contra-revolucionários que têm a sua base em território do Togo.

A carta da ONU (estabelecida já há 33 anos) e a da OUA (que data de há 15 anos) declararam a necessidade de resolver estes litígios pela via pacífica e pela negociação, mas a verdade é que na maioria dos casos as soluções só têm surgido pela força das armas.

Assim quando o presidente Siad Barre da Somália anunciou em Março passado que retirava as suas tropas do território etíope do Ogaden e que queria negociar, era óbvio que nada havia de voluntário nesta decisão, a qual se baseava na humilhante derrota que as forças etíopes haviam infligido às tropas invasoras de Mogadíscio.

A herança do colonialismo

Os países europeus colonialistas, que, sedentos de matérias-



A sede da ONU, em Nova Iorque, referentes aos litígios fronteiriços.

primas, mão-de-obra barata, mercados e esferas de influência, dirigiram as suas tropas contra o continente africano, e utilizaram um sistema pouco ortodoxo para estabelecerem os novos Estados e fronteiras. As potências imperialistas faziam avançar as suas tropas pelo continente adentro e só paravam nos locais onde outras potências, de igual ou maior poderio, estavam estabelecidas e as faziam deter. Traçavam-se então fronteiras sem ter em consideração a população local, as suas nacionalidades ou distribuição tribal. Daí que uma estrutura étnica se visse geralmente dividida por países ou territórios governados por Estados estrangeiros que rivalizavam entre si. O novo país ficava a ser formado por fracções de nações e tribos que eram tão estranhas entre si como em relação aos colonizadores brancos: As potências europeias não se preocuparam com a integração dos habitantes das terras conquistadas nas suas práticas comerciais, pelo que o sistema tribal de pro-

As pretensões da Somália

O Governo de Mogadíscio acalenta o sonho da «Grande Somália», mantendo por isso vivas as suas pretensões sobre um extenso território do Quênia, o qual constitui quase um terço deste país. Estas terras, situadas no desértico Nordeste queniano, são habitadas por tribos nômadas de diversas origens, na sua maioria somálias. A Somália, que nunca aceitou a distribuição territorial herdada do colonialismo, alega que esse território lhe pertence devido à origem étnica dos seus habitantes.

No entanto, estes nunca manifestaram apoio às reivindicações de Mogadíscio. Antes pelo contrário: têm exposto a sua disposição de lutar em defesa do Governo queniano.

«Sentimo-nos quenianos e como tal queremos conti-

nuar» têm afirmado os seus porta-vozes em diversas ocasiões. As hostilidades entre os dois países mantiveram-se a nível de escaramuças esporádicas até 1976, ano em que os postos fronteiriços do Quênia começaram a ser atacados por tropas regulares somálias disfarçadas sob a capa de um suposto movimento de libertação. Perante isto, o Governo de Nairóbi decretou a mobilização geral da sua população.

No caso do Ogaden, a Somália invadiu militarmente aquele território etíope, ainda no desejo de realizar o seu sonho expansionista. A grande maioria dos Estados da OUA condenou esta invasão. Mas a Somália contava que a tarefa fosse fácil, pois o Governo revolucionário da Etiópia tinha que se bater em várias frentes (contra os ata-

ques externos e a contra-revolução interna, enquanto ao mesmo tempo se consagrava a eliminar em poucas semanas décadas de opressão escravagista e feudal). Mogadíscio pensou que a invasão do Ogaden e a sua anexação à Somália seria tão rápida que não daria tempo a organizar uma contra-ofensiva, apresentando-a assim ao mundo como um facto consumado. O Governo somáli não contou, no entanto, com a ajuda internacional do campo socialista e, sobretudo, com a combatividade do Exército e das milícias operárias e camponesas que em poucas semanas rechaçaram o invasor.

Perante esta amarga experiência, é pouco crível que a Somália se abalance agora a nova tentativa, quer no Ogaden quer no Quênia.



Tanques e carros blindados capturados aos agressores somalis no território do Ogaden.

Violações de fronteira e tentativas de secessão



que, onde se têm discutido questões
rías dos países membros da Organi-

ta, dução para autoconsumo se converteu num dos elementos que manteve a coesão dos grupos nativos.

As novas estruturas sociais criadas pelos colonizadores eram e continuaram a ser alheias aos africanos os quais nunca deixaram de se considerar parte da nacionalidade ou tribo à qual originalmente pertenciam, mantendo-se alheios à nova organização imposta pela força.

Dentro da estratégia europeia de colonização, este esquema era ideal, pois impedia que surgisse um sentimento de nacionalidade para além da tribo, a qual, dividida entre dois, três ou mais países, apresentava pouco perigo contra a potência metropolitana.

O Congresso de Berlim de 1884, onde a Europa colonizadora oficializou esta situação e repartiu entre si arbitrariamente o continente africano, estabeleceu definitivamente as regras do jogo imperialista, baseadas nesta divisão que se tinha praticado durante séculos.

Esta situação seria herdada

anos depois pelos países africanos quando, nos finais dos anos 50, as principais potências coloniais ocidentais começaram a desfazer-se com toda a rapidez das suas colónias, ao depararem com a força dos movimentos de libertação do continente explorado.

Assim como a escravatura acabou por se tornar antieconómica e os britânicos (escravagistas, por excelência) se converteram em paladinos de novas formas de produção mais de acordo com os tempos, assim os colonialistas modernos, encaçados de novo pela Grã-Bretanha e seguidos pela França, iniciaram a «grande década da independência africana».

Wilfred Buarchett conhecido jornalista australiano, assinala na introdução ao seu novo livro «O Levantamento da África Austral», que a Grã-Bretanha concedeu a independência a treze das suas colónias entre 1957 e 1968.

A França, acrescenta Buarchett, só em 1960 concedeu a independência a 11 das suas colónias (em 1956 o Marrocos e a Tunísia tinham obtido as suas por meios pacíficos). A Argélia teve de conquistar a sua independência (1962) empunhando as armas. O facto de isto se ter produzido de modo tão rápido e de forma relativamente pacífica não se ficou a dever a uma mudança efectiva de atitudes das potências ocidentais para com os povos colonizados. A verdade é que as metrópoles europeias estavam esgotadas pela Segunda Guerra e, depois de verem o que se avizinhava se tentassem defender cada uma das colónias pela força das armas, decidiram limitar as suas perdas. A palavra de ordem da França e da Grã-Bretanha nos finais dos anos 50 era esta: «Sair salvando o que for possível».

A tábua de salvação em que estas potências depositaram as suas esperanças foi o «neocolonialismo», isto é, a dominação teledirigida nos termos da qual os serviços de segurança locais se substituíam aos soldados imperialistas.

Durante séculos, criaram-se as condições para o neocolonialismo e sobretudo para evitar a unidade nacional, deixando em aberto conflitos fronteiriços e de integridade territorial que lhes permitiram manter o seu domínio sobre o continente. Era a herança do colonialismo.

A posição da OUA

Em África —disse alguém com certa dose de exagero— até Madagascar, que é uma ilha sem vizinhos, tem problemas fronteiriços ou de integridade territorial. No continente africano ninguém pode dar-se ao luxo de estabelecer o precedente de considerar válida uma reclamação fronteiriça ou um acto de secessão baseados em situações existentes antes da colonização. Isso abriria uma caixa de Pandora que semearia o

caos em toda a região com incalculáveis repercussões internacionais. Daí que quando um país africano procura obter territórios ou viola fronteiras nem o mais reaccionário dos regimes se atreve a apoiá-lo abertamente. O respeito pela soberania e pela integridade territorial de cada um dos Estados membros da OUA e a aceitação do princípio da não ingerência nos assuntos internos desses Estados constituem pedras angulares da Carta da OUA. Desde o seu nascimento (1963: Adis Abeba) que esta organização tem defendido fir-

reais para que a Organização resolva um conflito entre países membros ou dentro de alguns deles.

Há dois organismos básicos — a Assembleia dos Chefes de Estado e o Conselho de Ministros de Negócios Estrangeiros — aos quais se subordinam as comissões especializadas, o secretariado e a Comissão de Conciliação, Mediação e Arbitragem. O órgão mais poderoso — a Assembleia de Chefes de Estado — tem muito pouca capacidade para tomar decisões práticas. É antes um fórum de discussão,

mente traçadas num tratado. Este princípio tem sido sempre aplicado. Foi exactamente a posição dos países africanos de recente independência que contribuiu para que a ONU fixasse este princípio.

Deste modo também a ONU apoia aqueles países (a maioria, afinal) para os quais as fronteiras herdadas do colonialismo são invioláveis, apesar da arbitrariedade com que elas possam ter sido estabelecidas.

Os países africanos mais progressistas entendem que só o imperialismo, o neocolonialismo



O movimento de países não alinhados tem-se pronunciado sempre a favor da solução pacífica dos problemas fronteiriços e da integridade territorial dos Estados.

memente tais princípios. Nessa altura havia já uma experiência sangrenta de tentativa secessionista. Moisés Tshombé apoiado pelos EUA e pela Bélgica, tinha estabelecido a República Independente do Catanga, separando-se do Congo (actual Zaire). Nenhum país do mundo (e muito menos da África) se atreveu a reconhecer-lo formalmente.

Posteriormente, quando a região oriental do Biafra quis separar-se da Nigéria e se desencadeou a guerra civil, a imensa maioria dos membros da OUA (excepto quatro Estados) apoiaram o governo federal e não os secessionistas.

Mas o problema fundamental que a Carta da OUA apresenta é o de não conceder poderes

através do qual poderá eventualmente chegar-se a um consenso. A verdade é que as «resoluções» tomadas não têm qualquer carácter coactivo, embora nos casos concretos em que têm sido tomadas se tenham revestido de eficácia. O peso da opinião pública tem suprido as falhas da não coercividade das resoluções.

No que toca às Nações Unidas, o artigo 62 da Convenção de Viena sobre o direito dos tratados estabelece que uma mudança fundamental nas circunstâncias históricas dum Estado (ex: a sua passagem de colónia para Estado soberano) não pode alegar-se como causa de cessação dum tratado ou de desrespeito por fronteiras eventual-

e os reaccionários árabes podem tirar proveito dum conflito que envolva países africanos em guerras fratricidas de desgaste, devido a problemas fronteiriços ou de integridade territorial. Estes confrontos tendem a desviar a atenção da luta contra o inimigo principal desses povos e atrasam o seu desenvolvimento económico e social. É imperativo impedir que o chauvinismo, o nacionalismo tucano e a demagogia levantem obstáculos às relações entre os países membros da comunidade africana. A OUA e a ONU estabeleceram claramente as suas posições a esse respeito. Cabe aos vários países resolvê-los de modo a não favorecerem os seus verdadeiros inimigos. ●

GEOTÉRMICA

ALTERNATIVA
PARA O PETRÓLEO ?

Linda Ciora

INTERPRESS

A crise energética, que, com tanta insistência, se anuncia para os Anos 80, tem os seus reversos positivos. Pelo menos está a impulsionar o estudo de investigação de fontes alternativas, até agora pouco ou nada exploradas: a energia solar, e geotérmica, por exemplo.

A última referida foi tema de um seminário realizado há dias em Quito (capital do Equador) sob os auspícios da OLADE (Organização Latino-Americana de Energia). Tema fundamental em debate: estabelecer uma metodologia para a exploração dessa energia no continente americano. No simpósio participaram representantes de diversos organismos internacionais que trabalham naquele ramo, sendo um deles o secretário-geral do Instituto Italo-Latino-Americano, embaixador Carlos Perrone Capana.

Interessados no tema principal do simpósio entrevistaram também delegados do Equador (país anfitrião), Argentina, Chile, El Salvador, Colômbia, Guatemala, México, Nicarágua, Peru, Panamá, Venezuela, EUA e a Itália. Este último país — um pioneiro no uso da energia geotérmica — teve importante participação no simpósio. O secretário do Instituto atrás referido (IILA), embaixador Perrone, recordou a contribuição

feita nesse domínio pelo organismo que dirige para as investigações sobre geotermia, tanto através de um acordo existente com o OLADE como através da participação num anterior congresso sobre o tema, realizado em 1976 na capital da Guatemala.

Segundo Perrone, a crise energética começou já. Desde 1976 que — segundo afirmou — toda a gente começou a procurar outras fontes que possam, se não substituir o petróleo, pelo menos contribuir para tornar mais tolerável e menos gravoso o preocupante aumento dos preços deste combustível.

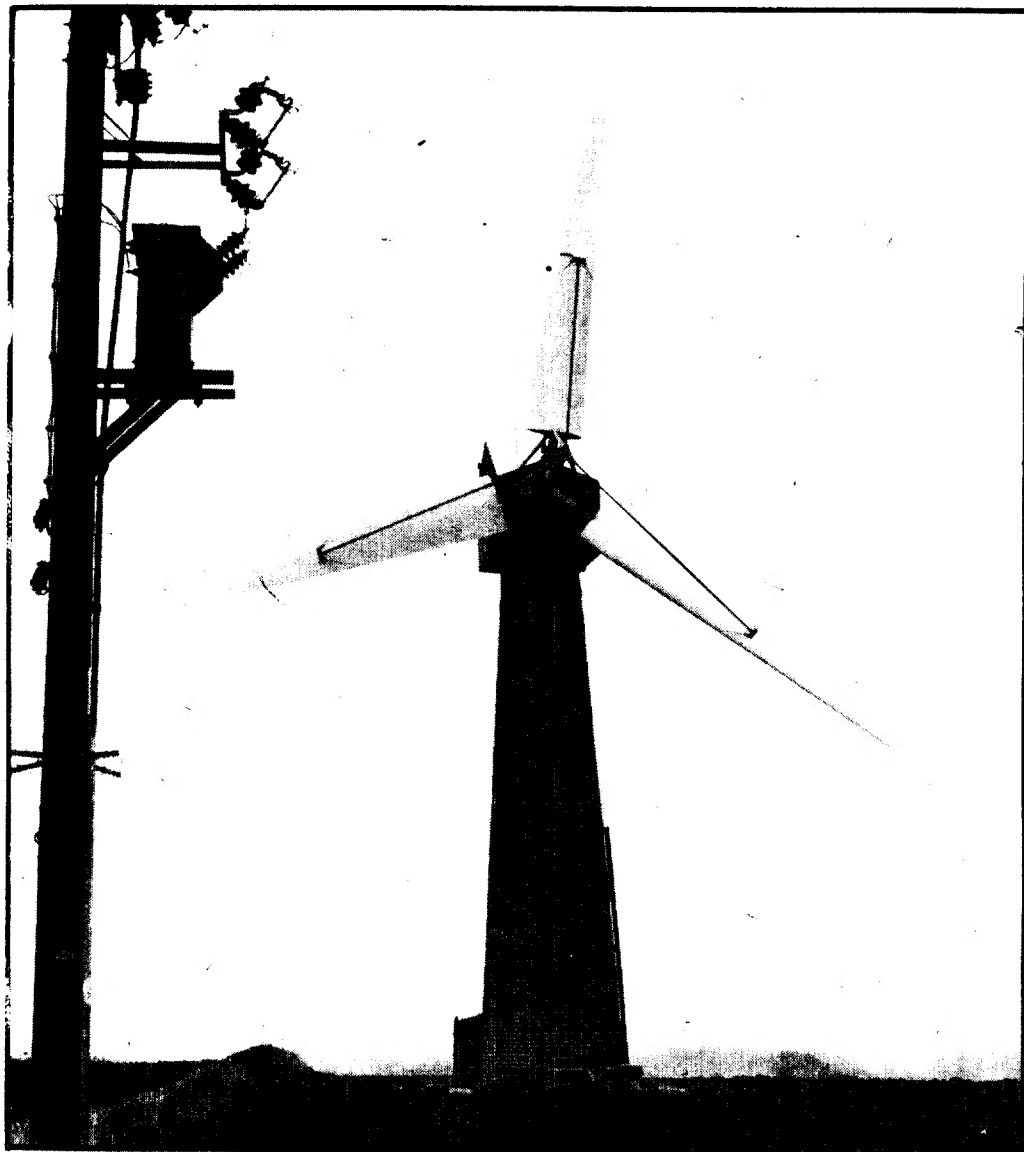
«Dirigiram-se então as atenções para a geotermia», que a Itália usa desde 1906, isto é, antes de qualquer outro país do mundo — salientou Perrone.

No Congresso da Guatemala, o IILA ficou encarregado de promover iniciativas com vista ao intercâmbio de experiências entre os países membros. Em Quito, o Instituto prestou contas do seu trabalho: realização de cursos de especialização no Instituto Internacional para a Investigação Geotérmica (em Pisa) e criação de um programa «ad hoc» impulsionado pelo Governo. Este último consta de cursos teóricos e práticos sobre as diferentes fases de desenvolvimento dos projectos geotérmicos.

«Se o IILA deu tanta atenção

a estes programas — disse Perrone — foi devido à sua situação privilegiada na geotermia». E o embaixador recordou o nascimento da energia geotérmica em Itália, nos princípios deste século, quando na Toscana, o príncipe Ginori pôs em acção a primeira central geotérmica que produzia electricidade, movendo as turbinas com o vapor proveniente dos poços dessa zona. As investigações neste campo têm continuado desde a Segunda Guerra Mundial. Actualmente a Itália produz cerca de 2,5 mil milhões de Kwh por ano, quantidade que se considera reduzida mas que representa um quarto da produção mundial de energia eléctrica de origem geotérmica. Hoje há instalações geotérmicas em Itália, EUA, Nova Zelândia, México, Islândia, Japão e URSS. Ante a crise, que ameaça agravar-se eternamente, especialmente aguda na próxima década, há que explorar as possibilidades neste campo (que são ainda muitas).

Há um «círculo de fogo» que circunda o Pacífico, desde o extremo meridional do Chile, até ao Norte, passando pela América Central, Califórnia, Alaska, para culminar a Sul e através do arco japonês nas ilhas da Insulândia até à Nova Zelândia. Há ainda por explorar toda a bacia do Mediterrâneo, o Mar Vermelho e o Rift Valley da Etiópia e algumas zonas da Ásia Menor. (IPS).



Outra fonte alternativa para o petróleo: a energia eólica. Exemplo de aproveitamento dessa fonte: o moínho que vemos na foto. Implantado no Yorkshire (Grã-Bretanha), tem uma potência de 30 KW e foi inventado pelo engenheiro Henry Lawson-Tancred. De salientar a particularidade (única na Europa) de estar ligado a uma rede nacional de electricidade

Democratas chilenos prontos a assumir o poder

mo impulsionada por alguns países da Europa (Espanha, RFA, França, Grã-Bretanha, Itália e URSS) tendo como contrapartida uma suspensão de fornecimentos mas apenas relativa por parte dos Estados Unidos».

Por tudo isso, e pensando num futuro que diz e acredita estar próximo o partido de Carlos Parra exige dos seus «irmãos» que fazem parte de governos europeus uma «atitude responsável» baseada numa política de suspensão dos fornecimentos de armas pois, como observa, «não podemos entender uma paz no hemisfério Norte enquanto há guerra no hemisfério Sul».

Dentro do mesmo assunto, que considera mais importante do que enumerar as muitas condenações e denúncias feitas contra Pinochet Parra conta que o PRC está a estudar seriamente os aspectos e compromissos militares assumidos pelo Chile. Assegura que, sob o ponto de vista dos radicais, não haverá participação chilena nos «tratados de defesa» multilaterais. Assim contesta com veemência o hipotético (?) estabelecimento da SATO, o sucedâneo sulista da NATO, que englobaria o Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e África do Sul, como «um tratado que não interessa absolutamente nada aos nossos povos. Ao mesmo tempo, revela que o PRC está vivamente interessado nas investigações acerca da denúncia da SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano) sobre o envolvimento de chilenos

na África Austral, actuando ao lado dos racistas brancos.

Finalmente, dentro deste assunto, Parra comenta as afirmações do novo MNE do seu país, Hernan Cubillo, que afirma ser possível «limpar» a imagem que a Junta sujou durante os quase cinco anos em que está no Poder:

«É impossível. A Junta Militar jamais conseguirá limpar a cara. As condições antidemocráticas, repressivas e infra-humanas que sempre caracterizaram a sua actuação estão demasiado profundamente enraizadas, desmascaradas e condenadas. É irreversível. Podem fazer o que quiserem. O mundo a humanidade, nunca perdoará. Tanto mais que, a cada «mudança», sempre volta o sentimento de frustração e revolta ao ser constatado que nada mudou. São apenas palavras».

Economia

É difícil estabelecer até que ponto essas palavras de Carlos Parra podem ser interpretadas como notícia, e até que ponto podem ser encaradas como «curiosidade». Estas: «Nos contactos que mantive com sindicalistas norte-americanos, nessa última viagem que fiz, todos foram unânimes em manifestar a sua descrença no actual sistema económico capitalista da Junta». O espanto tem fundamento. Recorde-se que os sistemas económicos empregados pela Junta de Pinochet, no Chile é resultado de «estudos» e «instruções» da famigerada escola de Chicago, que tem à frente o Prémio

Nobel de Economia, 1977, Milton Riedman. Este, talvez envergado do serviço que fez, não se cansa de negar qualquer responsabilidade no absurdo. Mas os seus envoltórios estão por demais provados.

Parra comenta: «A Junta pretende transformar o nosso país em algo semelhante à Coreia do Sul, Taiwan (Formosa, a «China» de Chiang Kai-chek apoiada pelos EUA), Filipinas ou Indonésia. Quer dizer: aproveitar a mão-de-obra barata por um sistema repressivo que impede toda e qualquer actividade sindical que não seja fantoche e patronal que transforma o país numa plataforma de exportação das multinacionais em prejuízo do povo chileno e do continente latino-americano. Um dos passos que se deu neste sentido foi a retirada do Chile do Pacto Andino, do qual fazem parte o Peru, Venezuela, Colômbia, Equador e Bolívia, com graves consequências para a economia e as finanças nacionais».

O comentário prossegue, na apreciação das ligações que o esquema repressivo mantém com a estrutura económica chilena. Parra revela um dado bastante elucidativo: «No dia em que Pinochet concedeu a tal amnistia de que tanto fala, houve uma queda de 43 por cento na Bolsa de Santiago, o que prova que qualquer tentativa de liberalização, ou pseudo-liberalização como foi o caso, provoca imediatamente um verdadeiro pânico no grande capital estrangeiro e nacional, este, por sua vez, profundamente dependente».

Em seguida o representante radical chileno na Europa dá conta de mais alguma coisa que se passou na sua recente visita aos Estados Unidos: «Manifestamos a nossa preocupação pelas inversões da Exxon na mina de cobre «La Disputada», perto de Santiago, que lá já tem 110 milhões de dólares e que anuncia para os próximos nove anos a aplicação de mais 750 milhões. Assinalamos que todas as inversões estrangeiras no Chile serão revistas por um regime democrático que mais cedo ou mais tarde voltará ao Poder».

Assinalando que o seu partido não é contrário às inversões estrangeiras privadas, Parra adverte que todas elas serão analisadas sob um ponto de vista dos interesses chilenos de independência nacional. Em todo o caso anuncia que após a queda da ditadura, o seu partido será formalmente contrário às inversões estrangeiras desordenadas nos sectores dos recursos básicos naturais como o cobre, petróleo, urânio e outras riquezas, precorrendo para cada situação uma compensação de acordo com o que estiver estipulado nas leis do país.

Examinando as afirmações da Junta segundo as quais esta terá levado a inflação que assola o Chile até aos limites «aceitáveis», Carlos Parra diz em tom de resposta: «Os generais ao afirmarem este absurdo, não mencionam por conveniência, o custo social que esta «redução» teve de pagar e que neste processo a indústria nacional foi profunda e severamente afectada, tendo-se assistido à fa-

lência de centenas de pequenas e médias empresas».

Actualmente, a dívida externa chilena é de 5 biliões de dólares, num país de 10 milhões de habitantes. Proporcionalmente é maior do que a dívida externa do Brasil, que ronda os 30 biliões de dólares, para 110 milhões de pessoas. Entretanto, o Chile é pontual nos pagamentos. Mas a que preço? «A custa do endividamento interno que tem curtos prazos para pagar altos juros».

Carlos Parra prevê: «No começo do próximo ano, o Chile atravessará uma das suas maiores e mais alarmantes crises». E explica. «Os bancos norte-americanos foram ágeis em publicar certos tipos de empréstimos porque no mercado interno nacional há uma abundância de capitais parados. Além disso, a Junta utilizou o processo de obter consórcios onde cada um deva pouco mais, no cómputo global, se chegava a números astronómicos».

Recorde-se que tais empréstimos foram há pouco tempo condenados na Câmara de Representantes norte-americano, como «contrários aos interesses do país». Um estudo publicado em Washington revelou que, somente nos últimos 15 meses, a banca privada enviou para o Chile balões de oxigénio no valor de 1 bilião de dólares. Parra diz que está agora à espera que na Europa também sejam examinadas a fundo actividades de determinados sectores da banca e que, posteriormente, sejam igualmente denunciadas publicamente. ●

FIGURAS EM DESTAQUE



Cinco potências ocidentais elaboraram um plano de paz para a Namíbia. Efectivamente, os Estados Unidos, a República Federal Alemã, a Inglaterra, a França e o Canadá apresentaram à República da África do Sul um documento, que o regime de Vorster sancionou, tendente à independência daquele território, ocupada por forças sul-africanas há várias dezenas de anos. Só que esse dito «plano de paz» (e as aspas são de Sam Nujoma) compreende a manutenção dessas mesmas forças sul-africanas após a indepen-

ferro e foi trabalhar para o município de Windhoek. Ao mesmo tempo crescia o seu interesse pelos movimentos de libertação do continente. Em 1959 participou na constituição da Organização do Povo da Ovambolândia (assim chamada em atenção ao nome duma das regiões da Namíbia). Pouco tempo depois foi eleito presidente da Organização, que, daí a um ano, adoptaria carácter nacional, passando a denominar-se de SWAPO.

A princípio a SWAPO recorreu a meios pacíficos de luta — greves, paralisações, manifes-

SAM NUJOMA

dência da Namíbia. Assim, não é de estranhar que Nujoma tivesse recusado o plano de paz ocidental para a sua pátria: a SEAPO (Organização dos Povos do Sudoeste Africano) precisou que de maneira nenhuma aceitaria uma paz vigiada. Logo após essa recusa, e no intuito de pressionar Sam Nujoma, a África do Sul levou a efeito uma incursão que implicou a violação das fronteiras angolanas e causou centenas de mortos (mais de 600) num acampamento de refugiados namibianos, sito nas proximidades da cidade mineira de Cassinga. Mulheres e crianças foram as principais vítimas, Angola protestou na ONU e o Conselho de Segurança condenou a África do Sul pelo seu acto racista. Por sua vez, Sam Nujoma, que interrompeu as negociações com as cinco potências ocidentais, «para ir enterrar os nossos mortos», declarou que não se intimidaria, continuando, portanto, a sua guerrilha de libertação nacional. Afirmou, aliás, que exerceria represálias contra a África do Sul. Disse: «Muitas mulheres e crianças da Namíbia perderam a vida. Mas nós sabemos também onde vivem mulheres e crianças sul-africanas...» às cinco potências ocidentais declarou que, no momento oportuno, se sentaria a mesa das negociações.

Nenhuma solução para a Namíbia pode encontrar-se sem a SWAPO, único e autêntico movimento representativo do povo namibiano, reconhecido, aliás, como tal pelas instâncias inter-

nacionais. Foi a Organização Popular do Sudoeste Africano que, através de dez anos de luta armada, se constituiu em vanguarda dos habitantes da Namíbia, em luta contra as desigualdades, as manobras da África do Sul. Um dos pilares e um dos fundadores da SWAPO é exactamente Sam Nujoma. Nasceu a 12 de Maio de 1929, filho de uma família de camponeses, na localidade de Ongandjera (perto da fronteira com Angola). Nujoma frequentou na sua terra natal a escola primária, enquanto, ao mesmo tempo, ajudava o pai nos trabalhos agrícolas.

Em 1943 foi enviado para Walvis Bay, a fim de ajudar uns parentes. Logo a seguir razões idênticas levaram-no à capital território, Windhoek.

A primeira profissão que exerceu foi a de ferroviário, onde pôde conhecer ao vivo os sofrimentos dos trabalhadores namibianos. Os naturais que sofriam acidentes de trabalho e ficavam impossibilitados para o trabalho eram atirados para a fome e miséria, sem indemnização de qualquer espécie. Esta realidade e as humilhações e discriminação sofridas pelos namibianos na sua própria terra (onde só os europeus têm direitos) fizeram meditar o jovem Nujoma e germinar na sua mente o firme propósito de lutar pela libertação.

Com os escassos meios que possuía, conseguiu receber instrução secundária e depois atirou cursos por correspondência. Em 1957 abandonou os caminhos-de-

tações aos quais o poder racista reagiu com violência. Muitos dirigentes foram presos. Nujoma foi deportado para uma longínqua província onde conseguiu fugir. Depois empreendeu, sob cerrada vigilância policial, uma longa viagem a fim de receber apoio para a sua Organização.

A 22 de Junho de 1960, Nujoma compareceu perante a Comissão da ONU para o Sudoeste Africano para denunciar a trágica situação do seu país. Um ano depois, levou esta questão ao Tribunal Internacional de Justiça da Haia.

Na reunião clandestina, celebrada em 1962, a SWAPO tomou uma importante decisão: encetar os preparativos para a luta armada, prosseguindo, simultaneamente, a actividade política e organizativa. A 20 de Março de 1966, Nujoma regressou novamente a Windhoek, mas foi preso e expulso do território no dia seguinte.

Depois do veredicto do tribunal Internacional da Haia (que se recusou a votar contra a ocupação ilegal da Namíbia pela África do Sul) a SWAPO viu esgotados os meios pacíficos de luta e pôs em acção o seu braço armado. A 26 de Agosto de 1966 estalava a primeira acção no Norte do território. A partir daí, a fogueira da luta alastrou por toda a Namíbia.

Sem abandonar nenhuma das formas de luta, Nujoma compareceu ante o Conselho de Segurança da ONU em 1971 para reclamar os direitos do seu povo.

Os êxitos recentes das forças revolucionárias no continente africano, com a independência das antigas colónias portuguesas, com a evolução da situação na Rodésia e com a crescente agudização da luta na própria África do Sul têm servido de estímulo poderoso ao combate dos povos da Namíbia. Nujoma afirmou já que a vitória do povo angolano, conquistada sob a conduta da verdadeira vanguarda revolucionária, tem uma influência decisiva para a evolução da situação na Namíbia.

Sam Nujoma esteve em Portugal no ano passado, tendo participado na Conferência Mundial contra o «Apartheid», o Racismo e o Colonialismo. ●

SEMANA INTERNACIONAL

O POST-MORO

A Itália enterrou, finalmente, o presidente da DC, Aldo Moro, após 55 dias de uma guerra sem precedentes entre a autoridade dum Estado democrático e um bando de terroristas. Se o corpo de Aldo Moro foi, finalmente, encontrado e enterrado, nem por isso o caso está encerrado. Antes pelo contrário: é a partir de agora que as consequências vão ser mais visíveis e que a meada poderá vir a ser desenrolada, com revelações porventura mais perturbadoras ainda para o Estado italiano que o estado de guerra vivido durante estes quase dois meses. As eleições para as autarquias locais, que registaram uma ampla participação de eleitores (e isso representa em si, uma vitória das instituições democráticas), poderão vir a dar força aos sectores da DC que nunca se conformaram com o acordo parlamentar de que Aldo Moro foi principal obreiro e que viria a vitimá-lo. Se a DC vier a ganhar grande avanço sobre o PCI (como muitos observadores prevêem, devido ao estado emocional dos eleitores), o precário equilíbrio político obtido no Governo, após laboriosas discussões e ao cabo de meses de crise, poderá vir a ser posto em causa por uma DC em busca de um dirigente capaz de exercer o papel moderador característico do seu presidente assassinado. Em matéria de revelações, elas já começaram a surgir. Para não falarmos das que se contêm nas cartas (conhecidas e desconhecidas) escritas por Aldo Moro, atentemos apenas nas que se vão descobrindo quanto ao próprio acto terrorista. Primeira conclusão do relatório dos investigadores: o crime foi cometido por assassinos profissionais contratados pelas BV. Um dos principais suspeitos é um antigo legionário, com ligações à «Mafia dos raptos». E porque não com ligações a certos elementos das FFAA, cujos contactos com os conspiradores fascistas são conhecidos? Outra revelação: os laços das BV com certas organizações estrangeiras congêneres, as quais mantêm, segundo parece, contactos com os serviços secretos norte-americanos. Lembremos que na véspera do aparecimento do cadáver de Aldo Moro, o PCI levantava suspeitas sobre «aqueles que na sombra» impediam as investigações. Não é preciso um grande esforço de imaginação para concluir que muitas e grossas cumplicidades tiveram de entrar em jogo para que os assassinos pudessem iludir até ao fim a vigilância policial e dar-se ao luxo de escolher o local de Roma para irem colocar o cadáver de Aldo Moro. A descoberta dessas cumplicidades provocaria sem dúvida traumas de consequências imprevisíveis para a democracia italiana. A manutenção em plena actividade dessas forças da sombra, que tanto mal fizeram durante 55 dias, pesa como uma ameaça sobre a democracia. Daí que longe de considerarmos encerrado o caso Aldo Moro, possamos prever sem margem de dúvidas que muita água irá correr ainda por cima do sangue do presidente da DC.

Intervir

A Internacional Socialista pisou, pela primeira vez, terras africanas, ao reunir, este fim de semana, o seu Bureau em Dakar, capital do Senegal, cujo presidente Sengor, é um dos dirigentes daquela organização. De acordo com as decisões do Congresso de Genebra de 1976, a Internacional Socialista foge ao «eurocentrismo», e intervém agora pela primeira vez em África. Precisamente para lançar um apelo contra as intervenções estrangeiras no continente africano. Ao que parece, as «intervenções» condenadas terão sido as dos «soviéticos» e «cubanos», fantasmas recorrentes dos últimos discursos do presidente Carter. Por ironia do destino, esta reunião da IS verifica-se quando a clara intervenção francesa contribui para um golpe de estado conservador nas Comores, quando a Polisário denuncia mais ataques dos jactos de Paris sobre os seus guerrilheiros em luta para libertar o Sara espanhol, quando os meios progressistas de Paris censuram asperamente o governo de se deixar enleiar no «vespeiro do Tchad». Será de esperar que a França intervenha ainda com mais tropas para acorrer em auxílio do ditador do Zaire, novamente a braços com a rebelião armada na província de Shaba, cujas cidades principais (Kolwezi e Mutsahatsa) caíram em poder da Frente de Libertação Nacional do Congo.

Em suma: há «intervenções» e intervenções. A IS, de momento, parece só condenar as que, afinal, são contra o imperialismo, lançando calúnias sobre cubanos e soviéticos. Ignora, enfim, o que seja internacionalismo. A IS (até quando?) fecha os olhos às verdadeiras intervenções, precisamente as que favorecem o imperialismo, os interesses dos EUA e de certas potências da Europa Ocidental. Conhece, enfim, o seu «papel».

A POPULAÇÃO MUNDIAL

A China e a Índia deverão ter cada uma dois mil milhões de habitantes no ano 2000 — informou nos EUA um grupo privado de fins não lucrativos com sede em Washington, o Gabinete de Estudos de População.

A população da China, o país mais populoso do mundo, eleva-se (segundo a mesma fonte) a 930 milhões. O gabinete citado afirma que a população mundial

deve totalizar 4,21 mil milhões de habitantes em meados deste ano, o que faz prever que em meados do ano 2000 a Terra terá mais de seis mil milhões de habitantes.

O estudo em causa afirma que o aumento da população continua a verificar-se, embora se tenha registado uma quebra da taxa da natalidade mundial, que, pela primeira vez na História, desceu de 30 para 29 por milhar de habitantes. ●

PELO
MUNDO

INSÓLITO

Chegaram a semana passada a Miami, na Florida, dois ingleses, um neo-zelandês, e uma canadiana, que percorreram, em oito meses 3.375 quilômetros em kayak através das Caraíbas.

Durante a aventura, a pequeníssima e frágil embarcação sofreu vários reveses como virar-se três vezes e evitar por uma unha negra um tromba de água. A tripulação também escapou por pouco ao interesse que durante uma das vezes em que caiu à água, um tubarão branco mostrou por ela.

Mas enfim, foram, segundo declararam os felizes navegantes, «ninharias» que não estragaram as maravilhas da viagem.

Um (abençoado) empregado de hotel exigiu dois milhões de dólares (cerca de 84.000 contos) de indenização a um xeique da Arábia Saudita que lhe deu uma bofetada.

O caso passou-se na «suite» do xeique Mohamed Al Fassi, no Hotel Century Plaza de Los Angeles, quando o xeique em questão, aborrecido por a cesta de fruta que pedira ter demorado um pouco mais, esbofetou o empregado que a trazia.

Como a família Al Fassi é muito conhecida em Los Angeles (um dos filhos comprou recentemente uma moradia de grande luxo em Beverly Hills — o célebre «boulevard» do crepúsculo — pela módica quantia de 100.800 contos), o empregado agredido foi para os tribunais. Se estes funcionarem bem não se pode dizer que a bofetada não seja bem paga.



Um pequeno triângulo com uma caveira e a palavra «Minor»: eis o aviso com que qualquer pessoa pode topar nos caminhos no Sul do Líbano. É o indicativo dum campo de minas instaladas pelos «capacetes azuis» da ONU nas zonas por eles controladas. (Foto Keystone)

CAMINHOS
PERIGOSOSUM TESOURO
EM RESTAURO

Samarqanda, umas das cidades mais antigas do mundo, situada no Uzbequistão soviético, possui um tesouro arquitectónico inestimável. Este tesouro artístico é objecto de atenções muito especiais por parte das autoridades soviéticas que consagram elevadas verbas à restauração desta estação arqueológica. A foto da Keystone mostra-nos dois pintores trabalhando na restauração do maravilhosos frescos da cúpula da antiga escola corânica de Till-Kari.

NÃO SE PODE
SER BONITO...

O jovem e atraente do Dr. Owen, secretário do Foreign Office, agrada a muitas pessoas mas não a todas. Segundo o semanário inglês «The Sunday Te-

legraph», o deputado trabalhista Arthur Lewis terá protestado no seu jornal pelo facto de Owen mandar aos seus admiradores fotografias assinadas que custam anualmente aos contribuintes umas cinco mil libras.

Segundo Lewis, o secretário de Owen terá enviado o ano passado nada menos do que 25.000 fotografias, o que é, na verdade, muito se se tiver em conta a política de redução das despesas seguida pelo governo.

O Foreign Office declara por seu lado que se limitou a corresponder aos desejos do público e que as embaixadas britânicas no estrangeiro têm um «stock» de fotografias para uso dos jornais locais. Quanto ao secretariado de informação do governo britânico, esse diz que é normal a impressão de umas 4.000 fotografias dos ministros mais em destaque.



MANIFESTAÇÃO EM CHIPRE

A juventude cipriota protestou energicamente contra a decisão do Governo norte-americano de solicitar o levantamento do embargo de armas contra a Turquia. Imponentes manifestações decorreram em Nicósia, Limasol, Larnaca e outras cidades da ilha. Na foto: imagem da manifestação em frente da Embaixada dos EUA em Nicósia

UM "DURO"
DOS EUA
EM
ADIS ABEBA

Um novo embaixador designado pelos EUA para a Etiópia chama-se Frederick Chapin e é reputado no Departamento de Estado como pertencente à ala «dura» do corpo diplomático.

São conhecidos os seus laços (de longa data) com a CIA.

Objectivo principal da sua missão em Adis Abeba: convencer os dirigentes etíopes a romper os seus laços privilegiados com a URSS e Cuba, usando, para tal, ora ameaças, ora promessas de auxílio ocidental no caso de certos dirigentes locais estarem dispostos a seguir o caminho traçado por Washington.

Esta técnica deu já o seu resultado na Somália. É a propósito sabe-se que os EUA começaram já as consultas para intensificar o auxílio militar e financeiro do Ocidente aos somalis, logo que estes completem a total retirada do Ogaden.

SAUDADES
DO PALÁCIO

Uma alemã de cinquenta e nove anos, viúva de um oficial da RAF e há oito anos criada de quarto em Buckingham Palace, suicidou-se há dias com uma dose muito forte de soníferos. Esta empregada doméstica, a alto nível, parece que não conseguia encarar a hipótese de abandonar o palácio, o que tinha de acontecer no próximo mês, data em que terminavam as suas funções.

EXCLUSIVO

N.º 20/78

